

REVISTA DA SEMANA

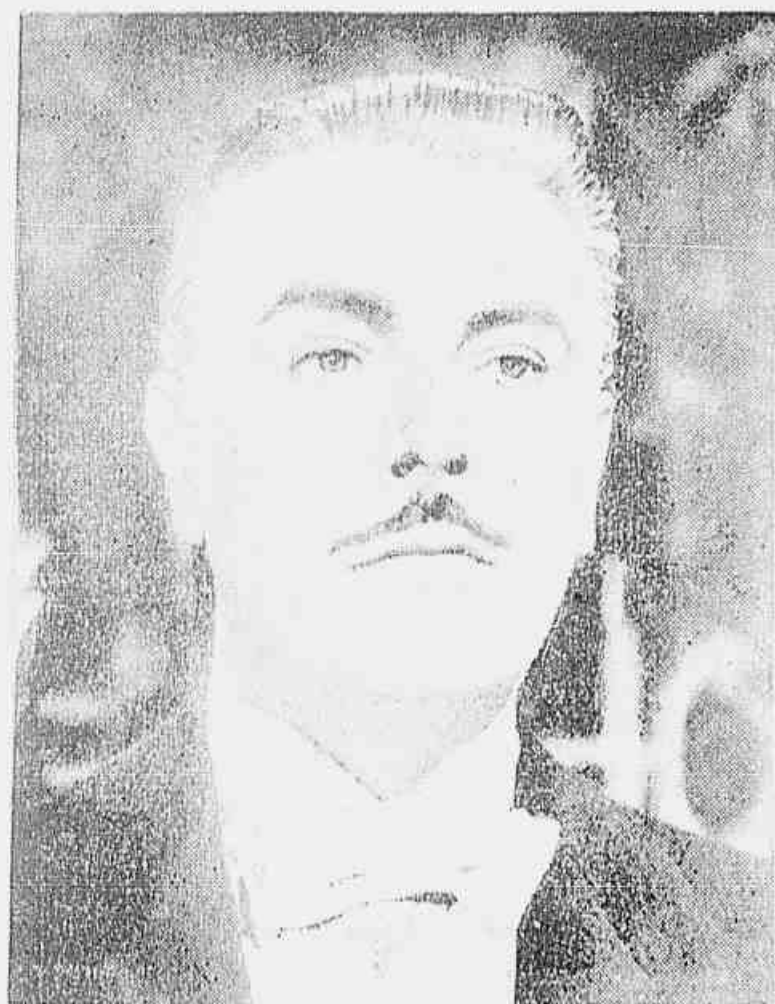
Nº 16

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

19-4-47



ESTA... É RUBY ARMINE...
 AVENTUREIRA INTERNACIONAL, CUJA
 ALMA ENDURECIDA PAIRAVA ACIMA
 DE SENTIMENTOS HUMANOS...
 ATÉ QUE UM DIA NO EGITO MISTE-
 RIOSO E TENTADOR, TROCOU O
 CORAÇÃO POR UMA
 EFÊMERA
 ILUSÃO.



Merle George
OBERON · BRENT
 Charles Paul
KORVIN · LUKAS

em



"TENTACÃO"

("TEMPTATION")



com
LENORE ULRIC
ARNOLD MOSS
LUDWIG STOSSEL

Direção de
 IRVING PICHEL

Produção de
 EDWARD SMALL

O RETRATO
 DE UMA
 MULHER
 SEM ALMA!

Um filme
 INTERNATIONAL



O grande compositor brasileiro Villa-Lobos, de volta dos Estados Unidos, revelou que escreveu a partitura de uma opereta, que irá à cena da Broadway. Essa peça se chama "Madalena" e é o resultado de uma colaboração com os libretistas Forrest e Wright, por iniciativa do empresário Edward Lester. Causou excelente impressão o secretariado escolhido pelo governador constitucional da Bahia, senhor Otávio Mangabeira, — e dentre todas essas escolhas alcançou especial repercussão a do ilustre educador, senhor Anísio Teixeira, para o cargo de secretário da Educação. Vai participar dos trabalhos da Câmara dos Deputados o senhor João Mangabeira, um dos mais ilustres parlamentares nacionais, que é um dos suplentes bahaianos que serão convocados, nas vagas abertas com a renúncia do senhor Otávio Mangabeira e de três dos seus secretários de governo. Ainda a propósito do novo governo bahaiano: este recebeu, da Assembléia Constituinte, uma moção de confiança e de apoio, votada unanimemente. Votando contra a cassação do registro do Partido Comunista, pleiteada pelo deputado Barreto Pinto e pelo ex-procurador do famigerado Tribunal de Segurança Nacional, senhor Himalaia Virgulino, o professor Sá Filho, membro do Superior Tribunal Eleitoral, declarou no seu magistral voto, que tanta repercussão obteve: "O desaparecimento do Partido Comunista dos quadros legais coincide com o eclipse da democracia". Na Câmara dos Deputados, tocante homenagem foi prestada à memória do saudoso presidente Franklin Delano Roosevelt, pela passagem do segundo aniversário de sua morte. Deputados de todos os partidos enalteceram a figura simpática e extraordinária do grande estadista, cujos nobres ensinamentos, infelizmente, vão sendo esquecidos com grande rapidez pelos detentores das posições de mando... Embarcou para Portugal o cinematografista David Serrador, que iniciará o intercâmbio cinematográfico luso-brasileiro em larga escala, promovendo a filmagem de "A vida de Castro Alves", sob a direção do famoso cineasta português Leitão de Barros. Antes da sua partida, David Serrador anunciou que vai fazer em Copacabana um hotel monumental, no qual haverá um teatro destinado a abrigar companhias nacionais e estrangeiras, em caráter permanente, no maior bairro da cidade. Por falar nisso: onde está o Teatrinho, que a Prefeitura ia inaugurar em Copacabana? A situação da ditadura de Franco, na Espanha, e de Morínho, no Paraguai, não são as únicas a se deteriorarem. Também a do senhor Oliveira Salazar, em Portugal, está sendo embalançada... Para começar, o solitário do Palácio das Necessidades teve de enfrentar uma greve de grandes proporções, embora o regime salazarista exclua os movimentos grevistas. Houve, também, uma nova rebelião militar, prenúncio do descontentamento das forças armadas, que, há meses atrás, tiveram idêntico pronunciamento... A proibição da imigração portuguesa para o Brasil teve péssima repercussão e, em consequência desse ato inamistoso do governo luso, o navio "City of Lisbon", que faz a sua primeira viagem entre o nosso país e Portugal, tem estado retido, indefinidamente, em Lisboa, até que a situação seja solucionada... Na terça-feira, 15 do corrente, teve início a grande campanha nacional de alfabetização de adultos, falando na "Hora do Brasil", sobre o acontecimento, o general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, e o senhor Clemente Mariani, ministro da Educação e Saúde Pública. É uma bela campanha, merecedora de todos os aplausos. Por falar nos assuntos dessa pasta: quando o senhor Clemente Mariani, atendendo às aspirações gerais dos pintores, escultores, gravadores e críticos de arte, alijará o mediocre senhor Osvaldo Teixeira do cargo de diretor do Museu de Belas Artes, do qual se tem servido apenas para servir aos seus amigos e desservir às artes? Não basta ter ele sabotado a realização do "Salão de Belas Artes" do ano passado, lançando uma mancha desnecessária à gestão do presidente Eurico Gaspar Dutra? O DASP parece que vai ser mesmo extinto. — e já vai tarde. Agora, querem dar-lhe um balão de oxigênio, com a publicação de um convite a um dos seus diretores, para que vá ajudar a organização dos quadros do seu funcionalismo. O ministro Trvgle Lie, presidente da ONU, faz questão da colaboração do DASP, dizem os daspeanos. É que, com certeza, o senhor Trvgle Lie não sabe bem o que é o DASP... As mulheres estão de parabéns. A Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados acaba de aprovar o texto de um projeto do deputado Fontes Romero, abrindo ao sexo fraco as funções de comissário de Polícia. Aliás, em quase todas as nações civilizadas, mulheres exercem essas funções, especialmente na polícia de menores. É de crer que o projeto seja aprovado. Dizem os telegramas dos Estados Unidos que o atual presidente, Harry S. Truman, será candidato à reeleição. Será eleito? Talvez, mas o páreo será duro, porque os republicanos já demonstraram, no último pleito, maior força eleitoral que os democratas. Informam os jornais que o soviado e detestável dramalhão "O Martírio do Calvário", só num dia, — a sexta-feira santa, — produziu 64.000 cruzeiros de receita, o que, positivamente, é muito, mas muito mesmo, para qualquer teatro, em qualquer parte do mundo. Mas o teatro tem disso: às vezes o público despreza uma novidade para rever um velho "abacaxi". Ainda sobre teatro: estreou, no Ginástico, a peça de Pascoal Carlos Magno, "Seremos sempre crianças", que é muito imprópria, tanto para crianças, como para menores, em geral. Coincidência curiosa: no mesmo dia da estréia dessa peça, falecia, súbitamente, o ex-cadete da Escola Militar, Adalberto Cajaty... Coincidência por que? — perguntará o leitor. Por isto: o tema central da peça é um "caso Cajaty". Como o público se lembrará, Cajaty foi o protagonista de um tenebroso crime, matando a irmã menor depois de uma longa ligação incestuosa. Apenas, na peça de Pascoal Carlos Magno, em vez de morrer a irmã, morria o maior culpado, ou seja, o Cajaty... Não é mesmo um caso singular? Azar enorme foi da Casa Lactíneos de Palmira, da rua Figueira de Melo nº 393, — lembrem-se desse número, — na qual o pessoal da firma Pinto Loja & Cia foi apanhado em flagrante, pondo água no leite. Muito azar tiveram, também, os senhores Oliveira Irmãos Ltda., estabelecidos à rua dos Andradas nº 81, pois perderam quinhentos quilos de carne pôdre que iam transformar em salsichas para envenenar a população carioca. A carne pôdre foi apreendida e queimada, o que não acontece todos os dias... De outras vezes, tem havido mesmo envenenamentos... Esses perigosos elementos do comércio menos limpo devem estar furiosos com a Delegacia de Economia Popular. Para esta são, entretanto, os nossos aplausos. E, por hoje, chega. Até outro dia...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gestelra* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gestelra*.

A ação que o *Regulador Gestelra* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gestelra* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

CONCURSO DE ROMANÇOS — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas" de Alberto Leal; "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grota Carretero.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

CONCURSO DE TEATRO — Daremos o resultado final deste concurso na próxima semana.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

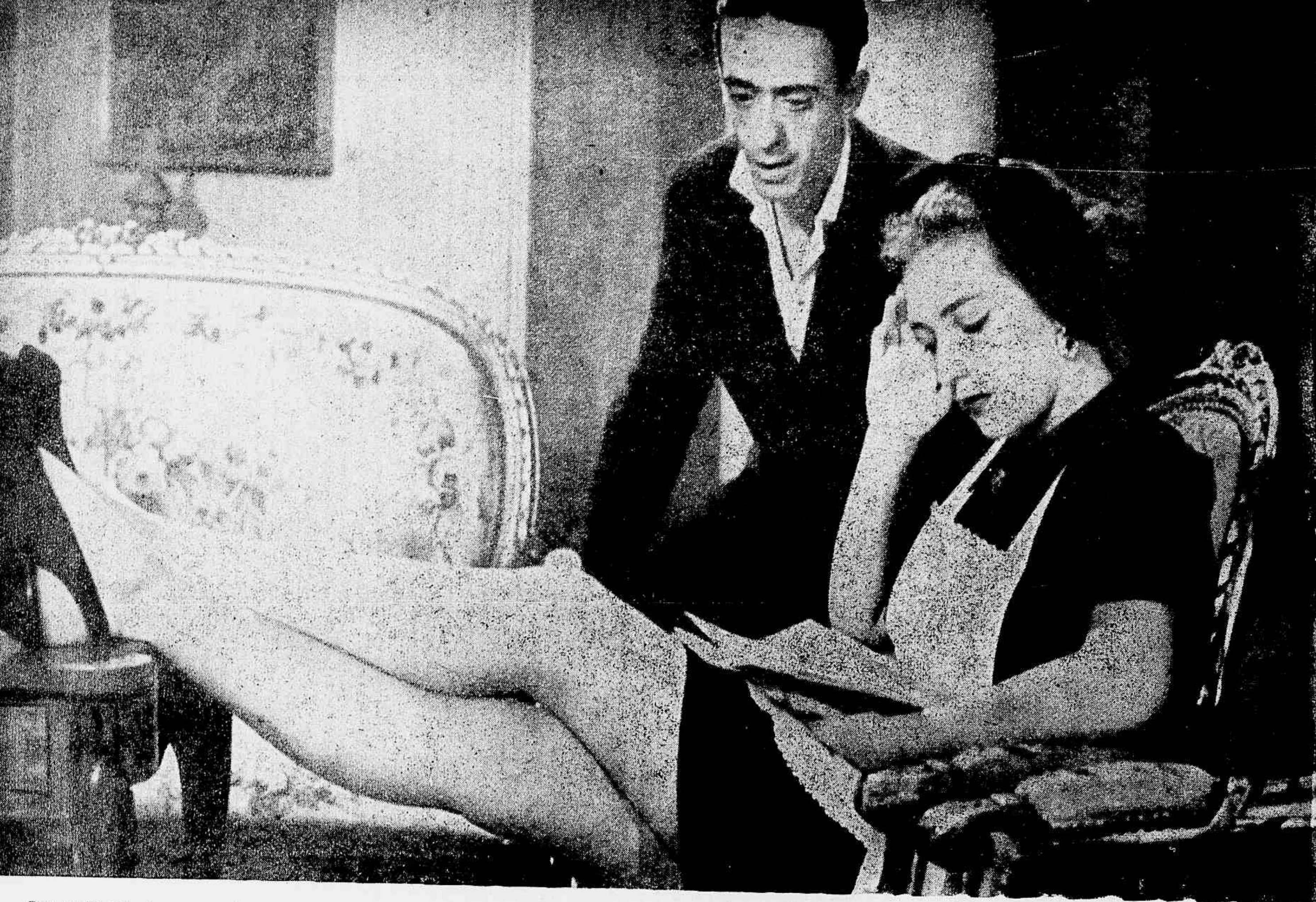
Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Cena de "O malandro e a granfina", com o comediante Silva Filho, que fez um dos papéis de destaque de "O Cortiço", e Maria do Céu, uma das caras mais bonitas do nosso cinema e do nosso teatro.

O CINEMA BRASILEIRO TEM DIREITO À EXISTÊNCIA?

O CINEMA BRASILEIRO tem direito à existência? Até bem pouco, esse cinema se arrastava, engatinhante, amparado por leis mais teóricas do que práticas. Hoje, no entanto, o cinema nacional parece estar se tornando uma realidade. A legislação foi aperfeiçoada e não só tal coisa aconteceu, como ainda houve um esforço maior dos nossos produtores. Capacitaram-se estes de que tinham de elevar a qualidade dos seus filmes de caprichar no som e na fotografia, de escolher melhores elencos e melhores histórias. Na fase sonora, só dois filmes nacionais se haviam constituído êxito decisivos de bilheteria. Esses filmes foram "Favela dos meus amores", ainda hoje exibido em muitas telas, no rio e nos Es-

Nunca foi tão intensa como agora a atividade dos nossos cinematografistas — "Luz dos meus olhos", "O malandro e a granfina", "Querida Suzana", "Inconfidência Mineira", "Uma aventura aos quarenta" e "Noites de Copacabana", filmes prontos, à espera de distribuição — "Asas do Brasil" e "Jangada", dois projetos ambiciosos — Pela primeira vez o cinema nacional entra no grupo dos campeões de bilheteria — O projeto de "A comédia do povo", com Mario Brasini, Vanda Lacerda e Milton Carneiro.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

tados, e "Bonequinha de seda", que Oduvaldo Viana realizou com muito cuidado, levantando os foros da Cinédia e revelando ao público a cantora Gilda de Abreu.

DESCONTINUIDADE DE ESFORÇO. RAZÃO DE FRACASSO...

Apesar desses dois grandes sucessos, apresentados pela atriz produtora Carmen Santos, e por Oduvaldo Viana, através da Cinédia, o progresso da nossa indústria cinematográfica foi lento. Falta de recursos? Falta de coragem? Falta de atores? Falta de máquinas? Fosse o que fosse, a verdade é que a cada pequena esforço se sucedia uma longa e desam-

Em baixo: três figuras que têm colaborado para o êxito de filmes nacionais: Oscarito, herói de "Este mundo é um pandeiro"; Vicente Celestino, o intérprete e autor de "O Ébrio"; e Mary Gonçalves, de "Vidas Solitárias" e "Fantasma por acaso".



Vanda Lacerda, intérprete de "Gente Honesta" e de outros filmes da Atlântica, acaba de fundar, com Mário Brasini, Milton Carneiro e Alberto Perez, "A Comédia do Povo", companhia teatral e cinematográfica, à qual se augura o maior sucesso, em razão do talento, mocidade e entusiasmo dos seus elementos. Além de atriz, Vanda é uma admirável pianista, medalha de ouro do Instituto Nacional de Música.





madora paralização. Filmes ficaram interrompidos, como "Alegria", de Oduvaldo Viana, que desertou para a Argentina e, de lá voltando, não quis mais saber de cinema, passando-se de armas e bagagens para o rádio. A Brasil Vita Filmes, que organizou um estúdio bastante espaçoso, na Tijuca, caracterizou-se durante algum tempo pela lentidão dos seus trabalhos. Chianca de Garcia, que veio de Portugal com feros de diretor cinematográfico, depois de "Pureza", recolheu-se ao ostracismo, dedicando-se a dirigir "shows" de cassinos, a escrever revistas teatrais e por fim, a ser empresário de peças musicadas.

Essa descontinuidade de esforço era a razão de grandes fracassos...

SURGE, AFINAL, A PRODUÇÃO PLANIFICADA...

Houve uma tentativa de galvanização do ambiente cinematográfico, com a volta de Raul Roulien de Hollywood. Raul Roulien tinha muitos planos. "Cinema do Brasil" para o mundo era a sua legenda. Chamou Henrique Pongetti, o autor do esplêndido "script" de "Favela dos meus

Em cima, Claudio Nonelli, uma descoberta de Luis de Barros, e Laura Suarez, que ora atua no Ginástico com Alma Flora numa peça de Pascoal Carlos Magno, em uma cena de "O malandro e a granfina", produção que a Brasil Vita Filme acaba de terminar; em baixo, os mesmos artistas, numa das cenas de amor do argumento de Henrique Pongetti, responsável pelos "scripts" de "Favela dos meus amores", "O grito da mocidade" e outras películas nacionais.





Em cima : uma cena de conjunto de "O Ebrio", um dos filmes nacionais que maior receita produziu, vendo-se entre os artistas Valtér D'Ávila, Vicente Celestino, Rodolfo Arena, Alice Archambeau, etc. Em baixo : cena de "Fantasma por acaso", com Vanda Lacerda e Mario Brasini, agora fazendo parte do elenco cine-teatral de "A Comédia do Povo".

amores", para reduzir a diálogos o esboço ainda informe de um projetado filme, "O grito da mocidade". Tinha uma "star" internacional a seu lado: Conchita Montenegro. Fez duas versões, uma em nosso idioma, outra em espanhol. Mas o êxito do filme que teve um lançamento muito delongado, não bastou para animar Roulien a lançar novas películas, ato contínuo. Ele dispersou o seu esforço em teatro, rádio e outros projetos. Dirigiu "Aves sem ninho", fazendo em seguida "Asas do Brasil", cujos negativos pegaram fogo, — o há já uns bons seis anos que não tem feito nada no nosso cinema, embora ande, agora, cheio de projetos que sinceramente desejamos ver realizados.

Enquanto isso se passava, surgiu o grupo da Atlântida, a princípio muito ironizado, porque, entre eles, não havia "pioneiros" nem sofredores do cinema brasileiro. Os tabús ficaram todos do lado de fora. Mas surgiu, com a Atlântida, a produção regular, planejada...

OUTROS ESFORÇOS A SEREM ASSINALADOS

A Atlântida foi fazendo o seu público lenta mas seguramente, convencendo pela sua vontade de acertar, pela honestidade do seu esforço. Vieram os filmes, "Moleque Tião", "É proibido sonhar", "Romance de um mordedor", etc. E o público, a princípio indiferente, foi abrindo os olhos a uma realidade nova. Era bem diferente esse esforço daqueles terríveis filmes de Wallace Downey para a Sonofilmes, "Banana da terra", "Alô, alô, qual quer coisa", "Abacaxi azul" etc. A par

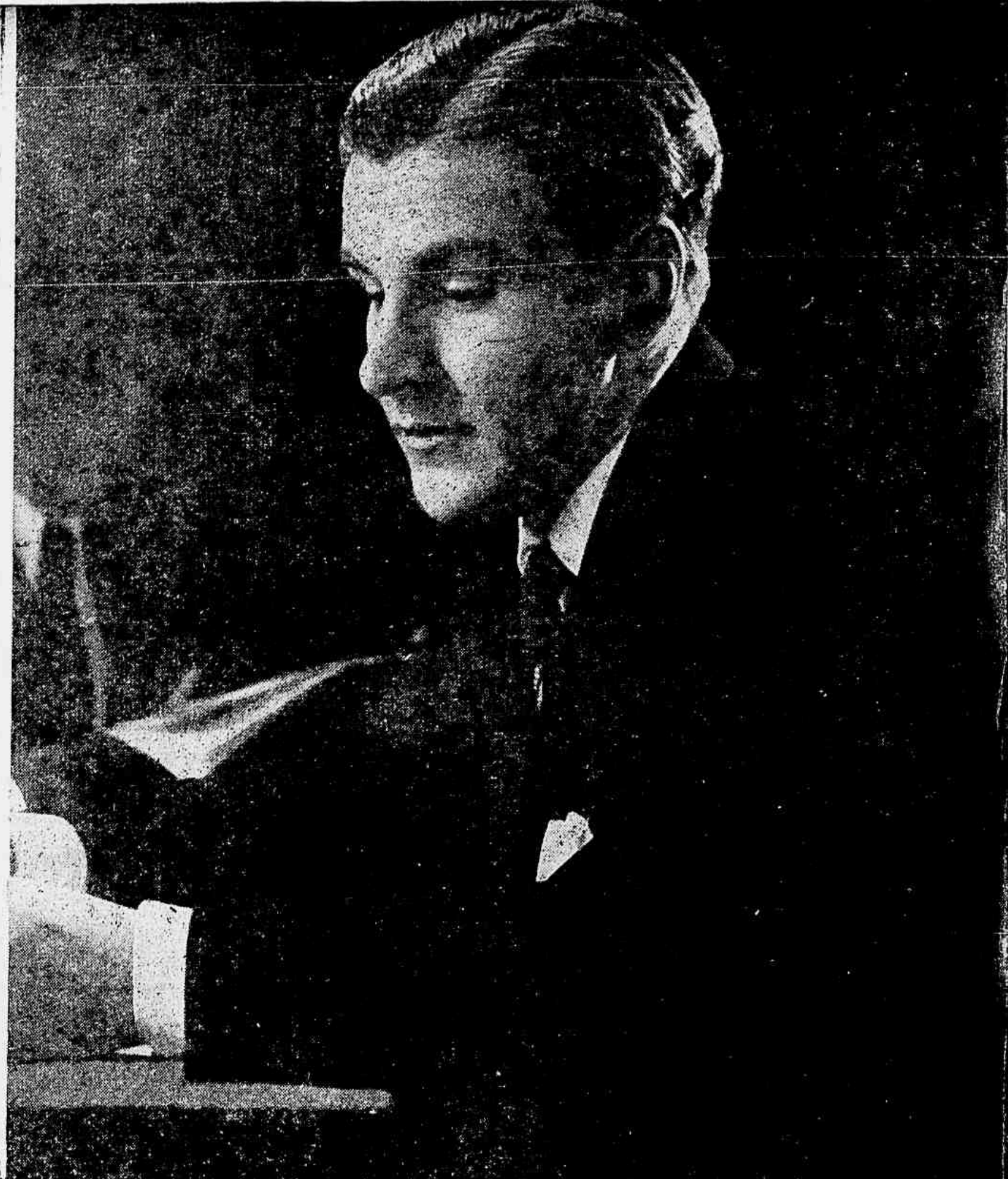
disso, porém, ainda vinham abacaxis, como "Caidos do céu" e outros. Mas surgiam, igualmente, esforços bem significativos, como os de "O Cortiço", de "Jardim do Pecado" e outros.

A lista da Atlântida, entretanto, era a que mais rapidamente crescia: "Gente honesta", "Vidas solitárias", "Fantasma por acaso", "Segura essa mulher", etc. O público do cinema nacional, a princípio arredio, ia fixando nomes. Quem era aquela menina esguia, de rosto lindo, olhos grandes, parecida com Ann Dvorak passada a limpo? Mary Gonçalves. E aquele rapaz atético simpático escandalosamente natural? Mario Brasini. E aquela moça que, além de ser uma excelente atriz tocava piano tão bem? Vanda Lacerda. E aquele galã capaz de momentos tão emotivos sem cair no ridículo? Milton Carneiro. E outros nomes vinham, já populares, uns, a caminho da popularidade, outros: Mesquitinha, Oscarito, Grande Otelo, Celso Guimarães, Cacilda Becker, Manuel Pera, etc...

E APARECE O FILME QUE IA SENDO RECUSADO

A essa altura, aparece o filme que ia sendo recusado pelos exibidores: "O Ebrio". Ora um filme tirado de uma peça de teatro que toda gente tinha visto! Um filme com Vicente Celestino, com argumento e música do próprio Vicente Celestino! Pouca gente fazia fé com "O Ebrio" e o senhor Luis Severiano Ribeiro recusou muito em apresentá-lo na primeira linha. Mas acabou por fazê-lo e ganhou rios de dinheiro. "O Ebrio", até





Em cima, à esquerda, a atriz dramática Luiza Barreto Leite, que emprestou seu concurso ao nosso cinema em "Fantasma por acaso" e "Sob a luz do meu bairro" e que, no teatro, se distingue ao lado de Madame Henriette Risner Morienau, em "O pecado original", e à direita, o ator Milton Carneiro, que se distinguiu no teatro em peças como "O Pirata", "Deslumbramento" e "Villa Rica", como no cinema nacional em "Sob a luz do meu bairro", sendo, agora, um dos elementos de "A Comédia do Povo". Em baixo: Manuel Pera, Celso Guimarães e Grande Otelo, em "Luz dos meus olhos". Na página ao lado: Laura Suarez e Tulio Berti, em "O malandro e a granfina".

sua exibição, era a película brasileira que maiores receitas havia produzido. Só no Rio e em São Paulo, dera mais de três milhões de cruzeiros!

O público de Copacabana pode ter torcido o nariz ao filme de Vicente Cellastino. Mas o do Centro e da Zona Norte se entusiasmou. O sucesso foi tal que Gilda de Abreu, — que de "estrela" da "Bonequinha de Seda", passou a ser diretora em "O Ébrio", — resolveu elaborar logo um plano cinematográfico, em colaboração com seu marido. E "Pinquinho de gente" será a sua nova película.

MAS "ESTE MUNDO É UM PANDEIRO" BATE LONGE "O ÉBRIO"...

O belo "record" financeiro de "O Ébrio" foi batido, este ano, por esse fenômeno que é "Este mundo é um pandeiro", filme que nada tem de extraordinário, é verdade, mas que muito agrada, especialmente pelo histrionismo de Oscarito, no papel central, particularmente quando, em "travesti", faz uma excelente imitação de Rita Hayworth no filme "Gilda".

Só no Rio e em São Paulo, "Este mundo é um pandeiro", colocando-se à frente da maioria da produção norte-americana, produziu renda superior a quatro milhões de cruzeiros. Em todo o Brasil, calcula-se que essa película renda bruto, cerca de dez milhões. Mas desses dez milhões, seguramente uns sessenta por cento ficarão nas mãos dos exibidores e nos gastos de publicidade, distribuição etc. Ainda assim, não resta dúvida que um filme de sucesso popular é um dos maiores negócios do Brasil. Melhor, mesmo, do que as famosas incorporações. Porque, naquele filme a Atlântida não chegou a gastar setecentos mil cruzeiros. O lucro é de cerca de seiscentos por cento...

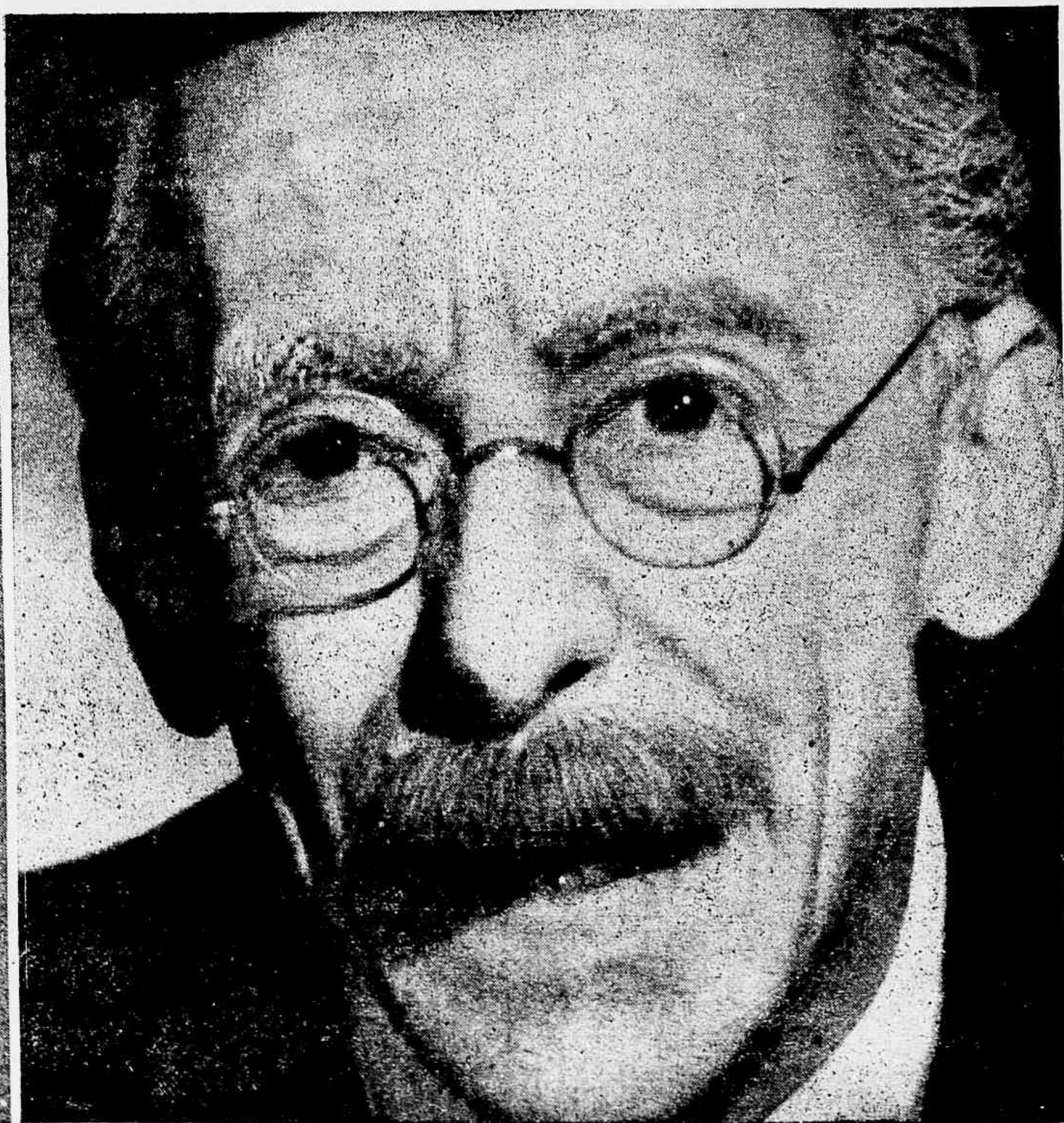


NOVAS INICIATIVAS. NOVOS PROJETOS...

O êxito financeiro está sendo encorajador de tal modo que várias novas iniciativas estão surgindo. Entre os novos filmes nacionais, já estão sendo anunciados como prontos para serem exibidos "Luz dos meus olhos", da Atlântida; "Uma aventura aos quarenta", do grupo Os Cineastas; "Noites de Copacabana", da Cinédia; "Querida Suzana", da Cine-Índia Filmes; "Inconfidência Mineira", e Carmen Santos (resultado de dez anos de trabalho); e, por fim "O malandro e a granfina", um novo argumento de Henrique Pongetti filmado com Laura Suarez, Cláudio Nonê, M. Silva Filho, Julia Dias, Julio Berté, Pedro Dias e Maria do Céu. Raul Roulien, que acaba de voltar dos Estados Unidos e anuncia ter obtido apoio da cinematografia norte-americana, anuncia que vai, finalmente, realizar seu velho projeto de "Jangada". E a "Comédia do Povo", a nova companhia teatral, liderada por Mario Erasini, Vanda Lacerda, Milton Carneiro e Alberto Perez, anuncia que também iniciará atividades cinematográficas, por conta própria ou em caráter associativo, seja com a Atlântida, seja com outras empresas. Em suma: os quatro jovens artistas que tão populares se tornaram, — e três deles já conquistaram prêmios como os melhores intérpretes do nosso cinema, em anos seguidos — estarão juntos, de agora em diante, num só bloco, para suas aventuras teatrais ou cinematográficas.

Tudo isso serve como indicio de que o cinema nacional está caminhando para um futuro brilhante e para a sua maioridade. A questão agora é só não fraudar as esperanças que o público nele deposita e continuar a trabalhar com entusiasmo cada vez maior...

Em cima: Anselmo Duarte, o galã descoberto por Alípio Ramos e apresentado, com Madeleine Rosay, em "Querida Suzana", já está trabalhando na Cinédia, sob a direção de Gilda de Abreu; em baixo: Raul Roulien, que está nos prometendo realizar "Jangada", numa foto ao lado de Conchita Montenegro, que sugere reminiscências de "O Grito da Mocidade", e Mesquitinha, o intérprete de "João Ninguém", "E proibido sonhar", "Romance de um mordedor" e muitos outros filmes nacionais. Afastado temporariamente do cinema, Mesquitinha está fazendo teatro, mas voltará quando houver um bom argumento.



MÚSICA

UMA NOITE EM NOVA YORK

Uma tournée, um telefonema e bastante saudade — Recapitulando o passado — Um recital de violoncelo e a segunda visita de Joseph Schuster ao Brasil.



De ROBERTO LYRA FILHO

(Especia. para REVISTA DA SEMANA)



Osso melo musical vai se alargando, pouco a pouco. Quem tivesse a temeridade de fazer em um recital de violoncelo, alguns anos atrás passaria por excêntrico, pois aquela época "gloriosa" era, decididamente, da ópera, sobretudo a italiana, da orquestra sinfônica importada, com repertório de Tchaikovski, do piano com "virtuosi" listados, pois qualquer pianista que se recusasse a transformar seus concertos em noite de São João, iluminando a execução com fogos de artifício de brilho e técnica, seria taxado, imediatamente, de "frio, sem sentimento".

Entretanto, já agora, recebemos, pela segunda vez, um dos maiores violoncelistas e não somente para o recital restrito aos membros da Cultura Artística. A OSB o terá como solista. E o público poderá ouvi-lo no Teatro Municipal, num programa especial, oferecido pela Sociedade Artística.

UMA NOITE EM NOVA YORK

Schuster traz, não só a sua arte excepcional, como igualmente um série de novidades a respeito das aventuras dos nossos patrícios na terra do Tio Sam. De algum tempo para cá, a Meca musical do mundo transportou-se para a América do Norte. É verdade que a guerra contribuiu bastante, com a emigração em massa de artistas extraordinários. Porém, paralelamente, um ambiente propício ao florescimento artístico se foi criando, por lá, a par de uma música original com que se foi enriquecendo. E Schuster nos conta como conseguiu reunir alguns dos vultos mais importantes da nossa música contemporânea em seu apartamento. Indispensável era a presença de Vila

Lobos e, estando o compositor em Nova York, foi convidado para o jantar especial, tendo comparecido com aquela sua tradicional e soberba indiferença às convenções, às seis da tarde para uma festa que se prolongou até a primeira hora da dia imediato. Envergava um traje adequado, porém, apesar do calor, aprovava-lhe aparecer de galochas e, sem mais preocupações, assim o fizera.

Só quem conhece, de fato, a personalidade exuberante de Villa Lobos e compreende que, nele tudo traz o selo da autenticidade de um ser completamente espontâneo e sem hipocrisias compreenderá a especial distinção conferida a Schuster que era, justamente o comparecimento de Villa Lobos absolutamente "informal". A dose indispensável de formalismo estava ausente. Vila foi ao natural.

Camargo Guarnieri também estava presente, assim como o pianista Vieira Brandão, Jennie Tourel e muitos outros artistas.

Já a reunião tinha tomado um caráter mais íntimo, com a partida de alguns dos convidados, quando Villa Lobos, subitamente, chamou Schuster a um canto e perguntou-lhe:

— Vê se vai tocar aquele meu troço?

— Qual?

— O Cisne Negro.

— Vou.

— Muito bem. Muito bem. Vou explicar a você tudo direitinho.

E começou a dar uma de suas famosas versões do significado de sua música abundante.



O violoncelista Joseph Schuster, que acaba de conquistar novos aplausos no Brasil, em companhia do compositor Villa-Lobos, num flagrante colírio em Nova York.

UMA TOURNÉE, UM TELEFONEMA E BASTANTE SAUDADE

Ano passado, quando Schuster chegou ao Rio, vinha acompanhado da esposa. Este ano veio sózinho. A senhora ficou cuidando do filhinho do casal, nos Estados Unidos. De vez em quando, porém, a saudade aperta demasiado. Quando visitou Schuster no Hotel Central, ele me mostrou, com um sorriso, o retrato de um bebê rechonchudo, muito risonho e parecido com o pai.

— Que tal? perguntou, com um orgulho que não demonstraria, de forma alguma, depois de uma de suas mais perfeitas interpretações.

— Ainda ontem falei com ele pelo telefone, explicou. Acrescentou logo: Ele já fala. Ouve-se tudo perfeitamente, como se a ligação fosse para a mesma cidade. Primeiro, minha mulher me deu notícias dele; depois, eu pedi que ele chegasse ao telefone e ele veio: "papai, volta para casa", disse.

A tournée de Schuster será longa e fatigante. Começou logo que ficou encerrada a temporada nos Estados Unidos. A caminho do Rio, ele tocou em Havana, em Pernambuco... Sim, em Pernambuco, onde a orquestra, surpreendentemente ótima, apareceu em trajes de gala ou uniforme de gala, pois os músicos são quase todos militares, para recebê-lo.

Depois do Rio, irá à Argentina, outros países da América. Talvez termine na Europa.

RECAPITULANDO O PASSADO

Joseph Schuster começou cedo sua carreira. Já aos dez anos tocava diante de Glazunov que, encantado com o talento do menino, tomou-o por discípulo, arranjando-lhe uma bolsa de estudos no Conservatório de S. Petersburgo. Naquele

tempo ainda se chamava assim a cidade da Rússia Imperial. Mais tarde a revolução fez com que ele fosse para a Alemanha onde, depois de ter estudado com Joseph Press, passou à Hochschule für Musik e daí para a Filarmônica de Berlim, levado pelo regente, Wilhelm Furtwaengler. Este maestro colocou Schuster no lugar de solista, tendo ele sucedido, no posto, a um dos maiores violoncelistas do tempo, Gregor Piatigorski.

Enquanto tocava para a Orquestra de Berlim, Schuster teve magníficas oportunidades e soube aproveitá-las todas. Assim, atraiu a atenção de Richard Strauss que o escolheu para interpretar, com ele, o D. Quixote, obra do compositor alemão para violoncelo e orquestra.

Durante cinco anos, Joseph Schuster permaneceu na Filarmônica de Berlim. Porém os tempos mudavam. A ameaça do nazismo tornava-se cada vez maior e o ambiente não agradava ao jovem artista. Joseph Schuster resolveu, então fazer o que, mais tarde, muitos outros colegas fariam: embarcou para os Estados Unidos que, naquele tempo era terra onde começava a surgir um forte e significativo movimento no sentido de desenvolver o gosto pela música. Talentos originais de compositores e intérpretes surgiam depois de muitos anos em que o espírito da velha Europa fecundara a terra virgem.

E naquele ambiente, Schuster encontrou campo aberto. Inmediatamente, foi consagrado à altura de seu mérito, como um dos artistas de personalidade mais marcante. Isto se passou em 1934 e desde então, ele conquistou para si uma posição de destaque entre os artistas europeus que moram, atualmente, na Terra do Tio Sam. As suas tournées às vezes vão um pouco longe da sua terra adotada, porém que raízes mais fortes poderiam a América encontrar para prendê-lo do que a esposa e o filhinho?



Numa festa, em casa de Joseph Schuster: da esquerda para a direita, Edward Mattos, acompanhador do violoncelista; Vieira Brandão, pianista brasileiro; Joseph Schuster; Villa-Lobos; Mariza Regules, pianista argentina; Camargo Guarnieri e Leo Barzen, maestro americano.

A VIDA DE BEETHOVEN

1770 --- 1827

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

BACH foi o matemático da música: Mozart, o poeta; Beethoven, o filósofo. No jardim do espírito humano é a semente da filosofia a última que floresce.

Beethoven não foi criança prodígio. Nem foi sequer precoce como rapaz. Causou pouca impressão sobre os seus mestres. "Beethoven", dizia Albrechtsberger, que tentava ensinar-lhe composição, nunca aprenderá coisa alguma. Como compositor é um caso perdido". O próprio Haydn que, durante algum tempo, ensinou harmonia a Beethoven, foi incapaz de reconhecer o gênio latente desse jovem filisteu que recusara cortar as próprias asas diante dos vózinhos delicados, de lírica suavidade, do professor. A imaginação de Beethoven assistia em alturas que pairavam acima da visão dos seus mestres. Mas não encontrara lá ainda uma habitação familiar. Somente aos trinta anos de idade (em 1800) é que viria a compor a sua "Primeira Sinfonia".

Como pianista, porém, prometia cedo. Os dedos curtos e grossos faziam milagres com o teclado. O pai, maestro da corte do Eleitor de Bona, principiou a ensinar-lhe piano e violino, ao mesmo tempo, aos quatro anos de idade. Sem expediente, improvido e pobre, Johann van Beethoven almejava educar o filho talentoso para ser o arrimo da família. Aos sete anos, Ludwig granjeava habilidade bastante para tocar em público. Aos treze, entrou a contribuir para os rendimentos da família com o que percebia como organista-assistente da corte. Quatro anos mais tarde, passou em Viena algum tempo, onde recebeu umas poucas aulas de Mozart. A enfermidade da mãe, entretanto, obrigou-o a voltar para Bona. Pouco depois do seu regresso morreu-lhe a mãe tuberculosa e, durante certo período, ele temeu que a mesma enfermidade o ameaçasse também.

Nesse meio tempo, o pai começara a beber, e Ludwig foi obrigado a tomar sobre os ombros o sustento da família inteira. Além do pai havia ainda dois irmãos menores — Caspar Anton Carl e Nikolaus Johann. Não lhe era fácil tarefa atender aos mínimos pormenores do governo da casa, pois grandes pensamentos principiavam a agitar-se dentro dele. Aborrecido com o destino e preocupado com a saúde, tornou-se amargo, sarcástico, mal-humorado. Procedia para com os amigos como um jovem leão enjaulado — os cabelos em desordem, o cenho carregado, os lábios muito apertados, a conversação reduzida a uma rosnadura. Companheiro pouco agradável para os membros da orquestra do teatro de Bona, onde era tocador de viola, chamavam-lhe "o espanhol louco", por causa da tez morena e do gênio violento. (E' bem possível que tenham existido nele traços de sangue espanhol, uma vez que os Beethoven eram belgas pelo lado paterno e os espanhóis ocuparam a Bélgica no século dezessete).

Possuam-no acessos violentíssimos de raiva e acometimentos igualmente violentos de remorsos. "Prezadíssimo, excelente amigo", escreveu ao Dr. Wegeler, após uma de suas erupções vulcânicas. "A que odiosa luz você me exibiu a mim mesmo! Reconheço que não sou digno da sua amizade... mas, graças a Deus, não foi uma intencional e deliberada maldade que me induziu a proceder como procedi em relação a você. Foi a minha indesculpável negligência que me impediu de ver as coisas como elas são... Ah, Wegeler, não recuse esta mão reconciliatória... Vou atirar-me em seus braços... Peço-lhe que se entregue novamente a mim, a este seu amigo penitente, admirador e que nunca o esquecerá".

Possuía especial habilidade em fazer amigos a despeito do gênio fogoso e da língua mordaz. Os outros admiravam-lhe o espírito puro, indômito e rebelde, o absoluto desprezo das delicadas excessivas diante das realidades da vida. Embora estranhamente deslocado numa sala de visitas, dominava-a de todo em todo. A figura atlética, atarracada e rude e o espírito teimoso, positivo e incapaz de transigências exerciam poderosa fascinação. "Ainda bem", disse um amigo



LUDWIG VAN BEETHOVEN

depois da visita de Beethoven à corte, "que você conhece a etiqueta apropriada em presença da nobreza". Ao que Beethoven replicou: "Pois você devia dizer: ainda bem que a nobreza conhece a etiqueta apropriada em presença do gênio".

★

Com a idade de vinte e dois anos instalou-se permanentemente em Viena. Já tinha, nessa ocasião, capacidade para viver à própria custa — ou, para usar de memória mais adequada, à custa das próprias mãos, dotadas de força e de técnica que poucos possuíam dentre os seus rivais contemporâneos. A sua habilidade ao piano atraía-lhe a amizade do príncipe Carl Lichnowsky, membro da aristocracia austriaca e devoto apaixonado da música. O príncipe e a esposa levaram Beethoven para a casa deles, deram-lhe uma pensão de seiscentos florins (perto de sessenta libras) por ano e apresentaram-no aos círculos sociais mais seletos de Viena.

Durante algum tempo procurou Beethoven assumir o papel de alegre galã. Chegou a dar-se ao luxo de ter um cavalo e uma carruagem. Trajava de cores vivas, tomava aulas de dança e saía à conquista

dos inconstantes corações das damas que sobre ele derramavam as suas homenagens. Converteu-se no centro do remoinho social de Viena. Era convidado para todos os lugares. "Venha na próxima quarta-feira se puder", escreveu o barão von Swieten. "Esperamos que às oito e meia esteja aqui, trazendo no bolso o barrete de dormir".

Contudo, o rápido girar da roda da admiração produzia-lhe torturas. O seu espírito não nascera para brincar. "A felicidade", dizia ele, "não foi feita para mim; ou melhor, eu não fui feito para a felicidade". O seu gênio precisava de solidão para desenvolver-se. Solidão e sofrimento. "Não vim ao mundo para levar uma vida agradável, mas para realizar uma grande obra". Retirou-se da sociedade e tornou à casca de eremita da sua rebeldia e da sua rudeza. As suas manelras, muitas vezes, punham à prova a paciência do príncipe e da princesa Lichnowsky. Não obstante, aturavam-lhe os caprichos. O príncipe chegou a ponto de dizer ao próprio criado que, se as duas campainhas, a de Beethoven e a dele tocassem ao mesmo tempo, havia o criado de atender Beethoven em primeiro lugar. "A arte antes de tudo".

O temperamento de Beethoven era es-

nosivo, arrogante — e triste. Quem sente intensamente, sofre intensamente. Um instrumento afinado com a beleza é sensível à dor. Beethoven era um hipocondríaco. A mesma sensibilidade nervosa que lhe proporcionava o gênio proporcionava-lhe também a infelicidade. Queixou-se durante toda a vida de enfermidades reais ou imaginárias. E a dor é real mesmo quando a enfermidade é imaginária.

Adicionada aos padecimentos físicos havia a angústia mental. Toda a gente o elogiava como executante, mas ninguém lhe dava valor como compositor. As suas primeiras composições foram consideradas como exercícios bem feitos de um músico que sabia tocar mas que não sabia criar. A criação foi, todavia, a paixão absorvente da sua vida. Mesmo em Bona, o único fim da sua ambição era tornar-se um grande compositor. Lá estava ele, porém, abeirando-se dos trinta anos, ao passo que os sonhos que tão vigorosamente continuavam a pejar-lhe o espírito dissolviam-se entre as névoas tênues de trindozinhos e frioleiras sem importância quando buscava fixá-los no papel.

Beethoven aspirava a realizar-se a si próprio. Certa vez perguntou-lhe uma senhora se ele não ia assistir às óperas de Mozart. "Não", retrucou, "não me interessa ouvir a música dos outros porque não quero perder coisa alguma da minha originalidade". Eles ainda veriam, dizia aos amigos. Ouvir-lhe-iam a música e quedar-lhe-iam maravilhados diante do novo gigante criativo que assomava ao horizonte. Os amigos, porém, fitavam-lhe o rosto marcado de varíola e o corpo atarracado de campônio e casquinhavam uma risada. Aquele homem um gigante criativo? Absurdo!

Sem embargo, mau grado a inabilidade dos amigos para reconhecer o fato, Beethoven caminhava na direção acertada. Os seus "trinadinhos e frioleiras sem importância" foram os primeiros rubores aurorais de um novo nascer do sol. Tomava dos alegres e travessos minuetos de Haydn e transformava-os em satíricos "scherzos" de ironia e piedade — o riso dos deuses ante as necessidades do gênero humano. A sua "Primeira Sinfonia", conquanto lembrasse ainda a música do passado, era uma tentativa instintiva no sentido de um gênero diferente de música. Uma velha linguagem com uma nova expressão. Tendo-o compreendido, alguns dentre os amigos esperaram, com a respiração suspensa, o desenvolvimento ulterior desse idioma encantador e estranho. A maioria dos críticos, no entanto, limitou-se a sacudir a cabeça e a escarnecer desse "campônio que se intitula gênio". Aconselharam-no a aferrar-se às formas antigas e a não mergulhar, imprudente, em águas onde perderia pé.

Não obstante, mergulhou, e logo aprendeu a nadar familiarmente naquelas águas estranhas. A sua "Segunda Sinfonia" era um afastamento ainda maior das convenções musicais e do conselho dos críticos. No segundo movimento dessa sinfonia, o "Larghetto", introduziu uma inovação que quase provocou convulsões nestes últimos. Essa inovação era um "tête-à-tête" musical entre os vários instrumentos da orquestra — animado intercâmbio de tagarelles instrumentais em que um grupo interrompia outro para ser, logo depois, interrompido por um terceiro, de sorte que o auditório tinha a impressão de ouvir uma brilhante e excitante conversação humana. "Se Beethoven continuar com essa espécie de cisco", disse um dos críticos escandalizados, "degenerarão as nossas orquestras em sociedades instrumentais de debates".

Beethoven limitou-se, porém, a resmungar contra os críticos e prosseguiu em suas experimentações. "umas poucas mordidas de mosquitos", dizia "não podem soffrear um cavalo fogoso". Os críticos, porém, insistiam que a música de Beethoven não era apenas uma conversa, mas também uma conversa sem gramática, uma linguagem de homem inculto. "De fato", retorquiu Beethoven, "eles estão pasmados e conspiram porque nunca encontraram o que faço em nenhum livro sobre baixo contínuo."

Impacientavam-se todos os agulhões



Cena do filme "Beethoven, sua vida e seus amores", glorificação do grande compositor com o falecido ator francês Harry Baur e Annie Ducaux.

que lhe ferretavam o gênio. Quando os críticos observaram — e desta feita com justeza — que algumas de suas passagens musicais ultrapassavam a capacidade dos instrumentos para os quais tinham sido escritas, deu ele a seguinte resposta, totalmente ilógica, mas adequadamente artística: "Acreditarão, acaso, que posso pensar num miserável violino quando converso com o espírito?" Seria mesmo que esperar que um vulcão vertesse as suas lavas em moldes artificiais preparados por mãos humanas.

★

De conformidade com o seu temperamento ardente, Beethoven estava sempre se apaixonando por esta ou aquela mulher. Abstinha-se, porém, rigorosamente de invadir o refúgio das pessoas casadas. "Um dos meus princípios fundamentais", dizia, "consiste em não manter com a esposa de outro homem outras relações que não sejam as da amizade". Talvez seja verdade, como querem alguns cínicos, que a castidade é, em grande parte, mais uma questão de aparência física que de coerção espiritual. É muito fácil para uma pessoa fazer conservar-se moralmente pura. Beethoven, certo, não era o tipo do homem destinado a conquistar o coração feminino. Em sua mocidade propôs casamento a uma bonita cantora de ópera, Madalena Willmann, mas a proposta deu em nada. Anos depois, quando lhe perguntavam por que recusara Beethoven, ela replicava, a rir: "Porque ele era muito feio, e meio louco!"

Além dos seus outros defeitos físicos havia a sua progressiva surdez, que principiara a aumentar pouco após o termo da "Primeira Sinfonia". Surdez e romance nunca se deram muito bem. As palavras ternas de afeto não de ser murmuradas, e não pronunciadas aos gritos. As mulheres que rodeavam Beethoven admiravam-no, compadeciam-se dele,



Um episódio da vida de Beethoven, interpretado pela cinematografia francesa, com Harry Baur no papel central.

chegavam, às vezes, a adorá-lo; nunca, porém, o amaram. Faziam chover convites sobre ele para dar concertos em suas casas. Tão numerosos eram, às vezes, esses concertos, que Beethoven se via obrigado a começar às seis horas da manhã. Não obstante, lograva sempre encher "a capacidade da casa". Era um período de virtuosismo musical. "Em Viena", observou o famoso pianista Hummel, "havia uma centena de senhoras que tocavam piano melhor do que eu". E essas senhoras aplaudiam por ouvir o

aplaudir Beethoven, embora não ansiassem por flertar com ele. Não se flerta com um deus — mormente quando feio e surdo.

A surdez de Beethoven era-lhe quase insuportável, pois não somente o isolava da sociedade senão também o apartava dos sons da própria música. "Esta aflição", escreveu ele, "é mais difícil para o artista do que para outro homem qualquer... Não me era possível dizer aos meus amigos, 'Falem mais alto, gritem, que sou surdo'. Poderia eu, porven-

tura, proclamar a deficiência de um sentido que em mim havia de ser mais perfeito do que em todos os outros?... Não me é dado encontrar recreação na sociedade dos homens, numa conversação requintada, na recíproca permuta de idéias e sentimentos... Devo viver como exilado... Mais um pouco, e eu teria dado cabo da minha vida".

Logo, porém, desistiu da idéia da morte. Ele tinha algo por que viver — a sua arte. "A arte apenas me susteve... esvaziei a taça de amargo sofrimento... Este se transformará em beleza dentro da minha alma..." Sofrimento, paciência e trabalho. "Devo-o a mim mesmo, ao gênero humano e ao Todo-Poderoso... Preciso de escrever a minha música... para a glória eterna de Deus".

Cantar para a glória eterna de Deus e para a fraternidade do homem — "isso", daí em diante, havia de ser o feto principal da vida de Beethoven. Renunciou o mundo a fim de granjear salvação — salvação através da música. Naquele mesmo momento, nos campos de batalha da Europa, outro homem, como Beethoven, parecia buscar salvação — salvação através da conquista. Beethoven nutria grande admiração por Napoleão, que ele considerava como o arqu-inimigo da realeza e o salvador do gênero humano. Dedicou-lhe a sua "Terceira Sinfonia". No mesmo instante, contudo, em que se preparava para enviar a Paris o seu trabalho, recebeu a notícia de que Napoleão trairia os próprios princípios e se fizera imperador. Num acesso de cólera rasgou o frontespício da obra, onde se lia a dedicatória. "Quer dizer que Napoleão não passa de um homem comum!" bradou ele. "Como todos os outros tiranos, calca aos pés o coração humano!" Substituiu o nome da sinfonia, chamando-lhe "Heróica", "em memória de um grande homem" — um homem cujo corpo ainda vivia mas cuja alma já morreu.

(Continua na pág. 58)



Conto de DEMÓSTENES GONZALEZ
Ilustração de ANA ZAGORSKA

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

O CRAQUE

BENEVENUTO MARQUES saudou os braços e esmurrou o af. O lençol caiu para o assoalho e apareceram bordadas as iniciais da pensão. Oito horas, nem mais um minuto. O sol forçava a janela ainda fechada, era escassa a luz que entrava pelas frestas. Abotoou o pijama e escancarou a veneziana. Aí recebeu o abraço quente da manhã. Sexta-feira amarga de sol quente. Ainda faltavam dois dias para o grande encontro. Havia o sábado sem farras, sob as vistas austeras do treinador. Havia a falta enorme de Raquel. E naquela sexta-feira que nascia, o que fazer? Se tivesse uma namorada. Ao menos uma namorada para conversar, beijar, abusar como os outros. Ele, o grande Bené, "center-half" do Vasco da

Gama, com retrato na capa do "Esporte Ilustrado" e tudo, não tinha uma namorada, era o cúmulo!

Enrolou-se na toalha e passou a mão pelo rosto. Estava barbudo, precisava fazer a barba e alinhar-se para arranjar uma namorada. Olhou-se no espelho. Até que não era feio. Verdade que aquela batata no nariz não lhe ficava bem. Mas tinha os olhos grandes, bem pretos, a boca de dentes brancos e aquele bigodinho decente. E' certo que não era branco, mas de chapéu, bem que passava por moreno. E por que não tinha namorada? Era moço, vinte e cinco anos cheios de saúde. Era craque na bola e famoso nas esquinas e nos cafés. Até que dava sorte com as mulheres da Imperial. Raquel lá estava para provar. Mas naquela sexta-feira que nascia, o que ele precisava era de uma namorada.

Entrou no roupão vermelho e envolveu a toalha no pescoço. Abriu a porta e saiu. O quarto pequeno ficou vazio na sua desarrumação. As roupas de cama caindo, o paletó enxadrezado vestindo a magra cadeira de palhinha, revistas de esportes pelo chão, um estensor de músculos, um retrato de Raquel e pontas de cigarros, muitas pontas de cigarros.

Benevenuto Marques, paulista de Bebedouro, que era operário da Estrada de Ferro São Paulo-Goiaz viu, da noite para o dia, o seu corpo magro dentro de uma camiseta do Corinthians Paulista e os seus pés a chutarem uma bola de couro perante cinquenta mil pessoas. Foi tão grande a transformação em sua vida, que a princípio ele não quis acreditar. Mas parecia que tudo aquilo tinha de acontecer. Era natural, naturalíssimo. De início estranhou um pouco a vida de São Paulo. Lembrou os bailes da Sociedade Operária, os seus amores com Betinha — a que trabalhava na Máquina de Café. Sentiu saudades da mãe, que ficou sofrendo num barracão de madeira, coitada, e teve vontade de voltar. Mas São Paulo era grande e o Corinthians um grande clube. Não faltavam amigos e os cabarés eram bonitos, somente comparáveis aos que ele vira na tela do Cine São João. São Paulo com seus encantos absorveu-o totalmente. Dinheiro não lhe faltava, já tinha mandado dez mil cruzeiros para a velha e comprado oito ternos de roupa. Daí uns tempinhos teria até automóvel, se Deus quisesse. Ele era o Bené dos jornais, discutido, invejado, adorado. Era o craque da moda, o center-half que caíra do céu. O "tal". E Bené era feliz na sua glória. Amou Catarina, morena e delgada bailarina do Salão Verde. Apaixonou-se e fracassou num jogo contra o São Paulo Futebol Clube. Passou noites felizes ao lado de Catarina, pagou grandes ceias no Spadoni. A vida era boa e Bené o craque indiscutível. Catarina, a de

grandes suspiros, era a mais fabulosa mulher deste mundo.

Nem mais saudades de Betinha, a que se entregava dentro dos vagões, nas noites de São João de Bebedouro. Nem mais lembranças da velha, pois ela tinha dinheiro e nada mais lhe faltava. Apenas uma coisa, ainda, ele recordava com saudades. Eram os bailes da Sociedade Operária. No cabaré era mais bonito, com luzes, perfumes e tudo. Mas na Sociedade Operária, com o salão todo enfeitado de papel de seda, era melhor. Seu Raimundo gritava, da copa, para a rapaziada beber e o Jazz Operário tocava que era uma beleza. E as garotas, com as mãos grossas de catar café, dançando, faceiras nos seus vestidos melhores. Nem mesmo o Wonder-Bar com aquelas mulheres brancas de longos vestidos, com aquelas luzes todas. Na Operária a gente se divertia mais. E as garotas dançavam bem. A gente passava o braço pelas costas, encostava cara com cara e ficavam uma gostosura. Precisava ter cuidado com o mestre-sala, se ele pegasse alguém abusando botava logo pra fora. Mas o mestre-sala era seu Bandeira e o seu Bandeira bebia que nem gambá. Dizia que Deus botou a cachaca no mundo para a felicidade dos homens que não podiam beber vinho. Mas com ele era no duro, não perdoava ninguém. Nem mesmo o seu filho Vavá, que trabalhava de limpa-trilhos e era um conquistador tremendo, seu Bandeira perdoaria se pegasse de malandragem com as moças. Mas a verdade é que algumas delas gostavam de procurar o escuro. A Luiza, por exemplo, até convidava a gente para passear no Jardim Silencioso. A Zuleica então, nem se fala, gostava que a machucassem à vontade. Mas o fato era que por tudo isso, Bené lembrava os bailes da Sociedade Operária com saudade.

As vezes, enrolado na sua glória de craque, ele pensava em largar tudo e fugir. Abandonar São Paulo com os seus "fans", Corinthians, mulheres e cabarés e ir ser de novo o aprendiz de mecânico das oficinas da Estrada de Ferro São Paulo-Goiaz. Voltar para junto da velha, coitada, quase cega! Para os amigos do bilhar, para os braços de Betinha. Ser o Bené popular das ruas de Bebedouro, assombrar nas grandes partidas com o Internacional, viver engraxado, sair de serenata aos sábados. Francamente, ele não podia se queixar da felicidade. Era o ídolo da torcida do Corinthians, um grande craque com grandes retratos nos jornais. Passava as tardes no Taco de Ouro jogando sinuca. Não fazia nada, absolutamente nada. Só tinha o compromisso dos treinos. Mas havia uma coisa em sua vida, que Bené sentia como um ferro quente. Era a desconfiança de que estava traindo a sua gente. Era um esbanjador, um convencido, compreendia isso e isso lhe fazia mal. Pensava na mãe e nos rudes trabalhos que ela sofrera. Conformava-se, às vezes. Afinal de contas, saber jogar futebol era um dom e ele não tinha culpa de ser craque. Mas tudo aquilo era falso e nojento, comparado com a pura vida de São João de Bebedouro. Tantas e tantas vezes pensou Bené em estranhas coisas que acabou sentindo febre e cansando-se de tudo aquilo.

Enfrou-se das pensões e dos cabarés, decresceu a sua produção no futebol. Descobriu que Catarina o explorava, que ela tinha outro. Surrou Catarina e aborreceu-se da vida. Pensou em morrer. Estava barrado no quadro principal do Corinthians, não era mais o center-half das jogadas espetaculares. Estava perdido, irremediavelmente perdido. E o pior era o coração, aquela louca paixão por Catarina. A falta do cheiro. Dos beijos de Catarina — a de grandes suspiros. Coisas que faziam doer. E a febre que vinha sempre, as

dores de cabeça que faziam o mundo todo rodar à sua volta. Chegou a pensar que estava tuberculoso, achou que a vida era má.

Caiu de cotação, ninguém mais falava no grande Bené, ninguém mais recordava o center-half que caíra do céu. Recebeu passe-avie do Corinthians, os amigos desapareceram como por encanto. E com os olhos úmidos e o coração pesado, pensou em voltar.

Sim, voltaria para Bebedouro, seria de novo o Bené do SPG, amaria Betinha novamente. Seria feliz e puro como os trilhos da estrada. Mas e a vergonha? "Fracassou em São Paulo" — diriam todos — meteu-se em farras, gastou dinheiro à-tôa, agora deu pra beber". Sim, era possível mesmo que ele desse para beber. Estava mesmo viciado em tomar aquelas batidas com limão do Largo da Sé. Não, mil vezes a morte do que a vergonha!

E numa noite sem lua, numa noite de garôa, o grande Bené tomou a resolução máxima: morreria. Matutou na escolha da morte digna para um craque. Escolheu o salto espetacular do Viaduto do Chá. Escreveu uma carta para a mãe, quase cega e pobre, e saiu, absolutamente resolvido a se romper todo nas pedras do Anhangabaú. A noite paulista era escura e a garôa fustigava gostosamente o rosto da gente. Passou a rua Direita e notou que os cafés estavam cheios, que as vitrines mostravam belas coisas para a vida. Uma mulher perfumada esbarrou com ele à altura da Exposição. E se voltasse, amasse aquela mulher? Catarina, o mundo estava cheio de Catarinas. Encostou-se à amurada do Viaduto. Os anúncios luminosos piscando, piscando. Nem um guarda, poucos transeuntes. Era certo que ninguém o impediria. Lá no alto, tremiam as letras vermelhas dum anúncio: Chapéus Sarkis, chapéus Sarkis. Chapéu. Para que chapéu, se ele ia morrer? Olhou para baixo e sentiu uma sensação de medo, arrepiou-se. As árvores molhadas pela chuva, estavam escuras. Um automóvel passou chiando, a voz de um jornalista cortou o ar: "Diário da Noite", "Folha", última edição. Virou-se. E se ele comprasse um jornal antes de morrer? Gritou pelo jornalista, correu desesperado, como se o jornalista tivesse a chave da sua vida. Abordou-o, arfante. Comprou jornais, entrou às pressas num bar. Pediu uma batida e abriu o "Diário", com fúria. Deu com os olhos na página de esportes. Leu: "Um emissário do Vasco da Gama em São Paulo. Disposto a contratar craques por qualquer preço. Bené, o center-half sem clube, está nas cogitações para uma experiência".

Sorveu a batida de um gole e recebeu uma aragem de vida na garganta. Esqueceu a morte, esqueceu até Catarina, a de grandes suspiros. Parecia que os edifícios sorriam e os anúncios piscavam de alegria. Sentiu uma onda de ternura e cumprimentou o Teatro Municipal, sorriu para o guarda-civil encapotado que marcava o trânsito. A garôa era macia como pétalas de rosa.

Veio para o Rio sem contrato e assombrado no primeiro treino. Numa partida contra o Fluminense revelou-se um craque de indiscutíveis recursos. Conquistou a torcida do Vasco e endireitou novamente a vida. Arranjou Raquel para amar e dançou rumba nos cassinos. Seu Evaristo, vascaíno dos bons, trouxe-o para aquela pensão da rua Dois de Dezembro. Casa de família, ambiente selecionado, enfim um lugar digno para um grande center-half. Nunca mais pensou estranhas coisas, porque sentiu no coração, mais forte que uma marca de fogo, que o seu destino era ser craque. Esqueceu a miséria e eram poucas as saudades de São João de Bebedouro. Mas naquela sexta-feira que nascia, o que ele precisava era duma namorada.

Boa Humor



NA CASA DE BRINQUEDOS

— O senhor não acha que agora, com a bomba atômica, tudo isso são velharias?



NA CASA DE CINCO E DEZ...

— Você não acha que está se rebaixando ao usar uma jóia tão barata?

Chon Day



O CAÇADOR INCREDULO

— Disseram-me que, levando um pato de massa, para servir de chamariz, aparecem palmípedes aos centos... Confesso que não acredito nisso, mas quando chegar lá veremos...



NO BALANÇO

— Eu disse que empurrasse com força... Mas não tanto assim!

TOM HENDERSON

Agora, vamos: diga onde está aquela grande soma de dinheiro que os jornais sempre dizem que esquecemos...



GEORGE WOLFE



Larry Rupp



A FORÇA DO HABITO...

— Venho muito às "boites" durante o inverno porque meu marido sente muita falta da praia...



GENEROSIDADE SUSPEITA...

— Pegue o rolo e me dê uma pancada... Eu quero lhe mostrar o que aprendi de jiu-jitsu...

AMERICAN BANK NOTES
OFICINA DE GRAVURAS E IMPRESSÕES



DUNOBERE

KAPAZ INDEPENDENTE...

— Ele declarou que val se estabelecer por conta própria...



Amy Barlow

NA HORA DAS LUVAS...

— Minha filha, foi tudo quanto eu encontrei para alugar...

MEMÓRIAS FLUMINENSES

NUMA época na qual se preconiza de salvação pública a economia a todo o transe, é singularíssimo observar como se apregoa a necessidade imperiosa de obras de largas despesas. É verdade que a paradiplomacia do mundo para nele ter papel.

Agora toca vez de mudar a capital do Estado do Rio de Janeiro concomitantemente com a transferência da capital do Brasil para ponto ainda não fixado.

No momento, com inteiro conhecimento de causa e autoridade conferida por continuos estudos, o engenheiro professor Everardo Backensker expõe na imprensa as razões histórico-geográficas determinantes da colocação da capital fluminense em Niterói, de tradições tão ligadas às do Rio de Janeiro, cidade honrada outrora como local e heróica, cabendo a Niterói predicado de Vila Real.

Tal predicado evoca passado de Niterói, que o teve sobre, no Império o governo da província fluminense tido por um dos primeiros postos senão o primeiro, de administração provincial no país. Realçada a província do Rio de Janeiro a sua representação legislativa no Senado, na Câmara dos Deputados, na Assembléa Provincial e na Municipal.

Um tanto de Niterói a Presidente Pedreira, do Visconde de Uruguai, a do Presidente Domiciano lembraram gente ilustre e ainda lembram a em vias públicas da capital fluminense.

Há justo cem anos era a província administrada por figura destacada no grupo de gente ilustre do Segundo Reinado, a saber Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, à espera de ser visconde de Sepetiba.

Com todos os defeitos que os seus adversários lhe atribuíram mas com todos os serviços que a justiça histórica lhe reconheça, Aureliano era alguém, cujo nome batismal chegava e chega para designá-lo, sem precisão de recorrer a apelidos de família, aliás extensos e sonantes.

Na administração provincial do Império, o secretário de presidente da província costumava ser deste braço direito expressão a mostrar auxiliar principal de valor. "O braço direito" de Aureliano em 1847, era quem o havia de exceder em luminosidade histórica: José Maria da Silva Paranhos de 1870 em diante visconde do Rio Branco.

Um dos melhores índices do estado social de qualquer quadra é o exame do seu grau de cultura manifestado pela instrução pública. Em 1847, para ensino secundário, a província do Rio de Janeiro mantinha os liceus de Campos e Angra dos Reis, em setembro de 1847 se lhes ajuntando novo liceu em Niterói, a receber como secretário alguém apenas Antonio Gonçalves Dias. E o apenas quanto diz!

Entre as matérias ensinadas nos liceus figuram a diacritica coisa que ora se tem por moderníssima e da qual tanto cabedal se faz.

Niterói manteria depois a sua Escola Normal, viveiro de professoras que sem alarde e mal remuneradas, tanto têm labutado no alfabetizar e instruir na terra fluminense.

Baixando de intelectual ao material, seja dito que toda cidade importante possui logradouro público onde a vida urbana diurna e noturna se centraliza e adensa.

Tal accade desde muito em Niterói com a rua da Praia, ora Visconde do Rio Branco, rua cujo proprio nome já anuncia fila de mar em orladura.

Na rua da Praia, no fim do Império, tinham sede o Paço da Assembléa Legislativa Provincial, o Quartel do Corpo Policial da província, corpo de tão bons serviços na guerra do Paraguai, a Praça do Mercado frente à rua Direita, depois da Conceição.

Durante quase meio século, de 1841 a 1889, gozando do título de Imperial Cidade, Niterói gozou também de fama pela amenidade do seu clima favorecendo veraneios, completados por banhos de mar, de procura por aqueles que não queriam ou não podiam buscar montanhas fluminenses.

Ir a veraneios niteroienses era buscar a Icaraí pedir melhora de saúde a clima puro era procurar o Osibama ou a Atalaia.

Um dos apreciadores do clima de Niterói foi D. João VI quando o seu simples curar da Praia Grande

ESCRAGNOLLE DORIA

Notando a presença de D. João VI e sua família, em Abril de 1816, André Villalba, em função diplomática na corte do Rio de Janeiro, comunicava oficialmente a D. Pedro de Cevallos a permanência de D. João VI em São Domingos de Niterói. Orsi e os seus "ocuparam uma das melhores casas, a már parte de outras barracas de pescadores, a situação do lugar mais agradável e saudável que a do Rio de Janeiro, no sítio "a desfrutar-se mas fresco y ayres mas puros".

De la Playa de S. Domingos começou Villalba a dar notícias a Cevallos, tendo Villalba se transferido, com mais corpo diplomático para S. Domingos. Até a 13 de maio data natalício de D. João VI houve cortejo e revista de tropas chegadas do Portugal havia pouco. Ao cortejo faltava o núncio cardinal Caleppi, de avançada idade, e o ministro norte-americano Sumner, que, notara Villalba, era faltoso a cerimônias de cortejo.

Hóspede de um mês em S. Domingos, D. João VI se não esqueceu de elevar a Praia Grande ao predicado de vila, tal esta de 1819 a 1835.

Neste ano uma lei provincial subiu Niterói à categoria de cidade, ao tempo da presidência de Rodrigues Torres, o futuro Itaboraí, primeiro presidente da província e instaurador da assembléa provincial fluminense.

Correr a lista dos presidentes de tal terra é encontrar nomes prestigiosos ou distintos, todos de honra no Brasil século XIX.

Seja retirado da lista dos 117 presidentes da província fluminense o nome paulista o de Bernardo Avelino Gavião Peixoto administrador da província de novembro de 1882 a outubro de 1883.

Gavião Peixoto formado em Direito pelo Curso Jurídico de S. Paulo principiou vida pública pela magistratura, nesta promotor público em Santos, onde bastante auxiliou Euzébio de Queiroz na repressão do tráfico negroiro. Deixando a judicatura alistouse Gavião Peixoto na política militante, dado o temperamento ardoroso do alistado. De

1857 a 1878, por quatro vezes, foi Gavião Peixoto deputado geral por S. Paulo.

Liberal histórico, amigo íntimo de José Bonifácio, na Câmara justificou seu subsídio, não se limitando a ouvir sempre, crande bastante e com agrado.

Discutiu sempre questões relevantes. Não foi na assembléa deputado de continuos "amens" a governos, mesmo do seu partido, haja vista a oposição ao ministério Zacarias, o liberal histórico oposto ao liberal progressista.

Com as credenciais de longa vida pública intemerata em 1882 Bernardo Gavião assumiu a presidência da província do Rio de Janeiro, certo de que o representante de situação liberal não podendo deixar de ser combatido por conservadores em ostracismo político desde 1878.

Gavião Peixoto administrou a contento popular. Niterói por isso não o esqueceu, até hoje. Em Icaraí, a rua Gavião Peixoto assinala memória do presidente de 1882 a 1883. E já se vão sessenta e quatro anos.

Ao ser proclamada a República, Gavião Peixoto pôs ponto final em sua carreira política e tal vida no regime passado não enriquecia, antes empobrecia.

O que Gavião Peixoto não obteve no Império, obteve na República à custa de proverbial atividade tornando-se fazendeiro e banqueiro na terra natal prosperando em considerável aumento de haveres.

De vez em quando surge agora, qual estupenda novidade, a idéa da construção de ponte ligando Niterói ao Rio de Janeiro.

Quando ainda presidia a província fluminense, Gavião Peixoto encontrou-se com seu conterrâneo, Almeida Nogueira, numa viagem de barca em travessia para Niterói. Aludindo ao projeto da ponte, disse Almeida Nogueira a Gavião Peixoto:

— Esta idéa nos espanta. Talvez não a estranhemos os norte-americanos.

Gavião Peixoto ecudiu pronto:

— Pois não somos também americanos?

Na época de há sessenta e cinco anos atrás, a imprensa ávida de novidades apoderou-se da idéa da ponte Niterói-Rio de Janeiro e divulgou-a encomiando, tudo fogo de palha a arder rápido. Que custa encorajar no papel qualquer construção?

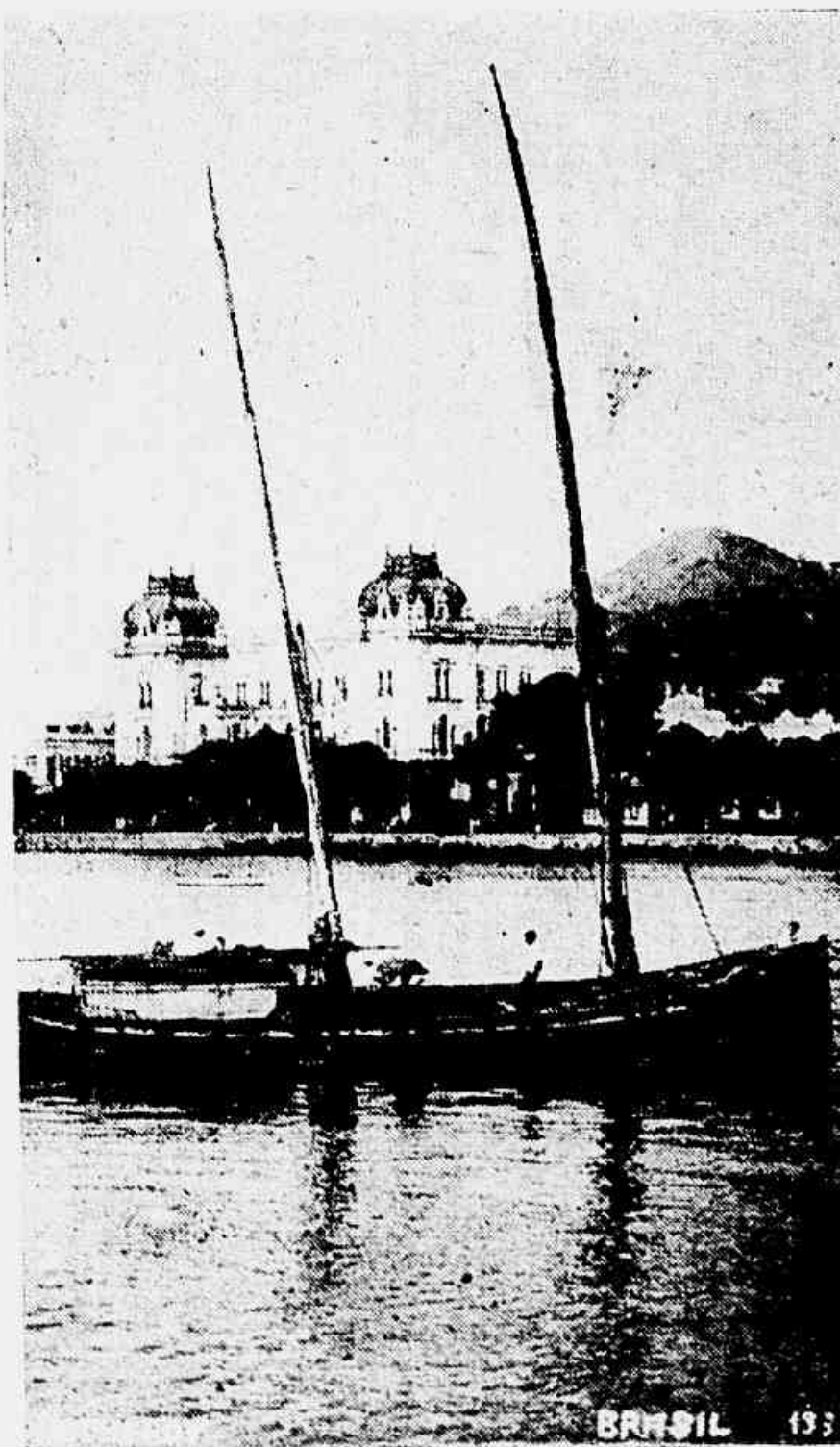
Em 1883 quando ninguém pensava em aterrar a enseada de Botafogo e ainda menos a bahia de Guanabara, a idéa da Ponte limitou-se à imaginação.

A via de comunicação, nos seus seis quilômetros de extensão deveria ostentar plataforma onde se levantaria um café, um coreto e mais.

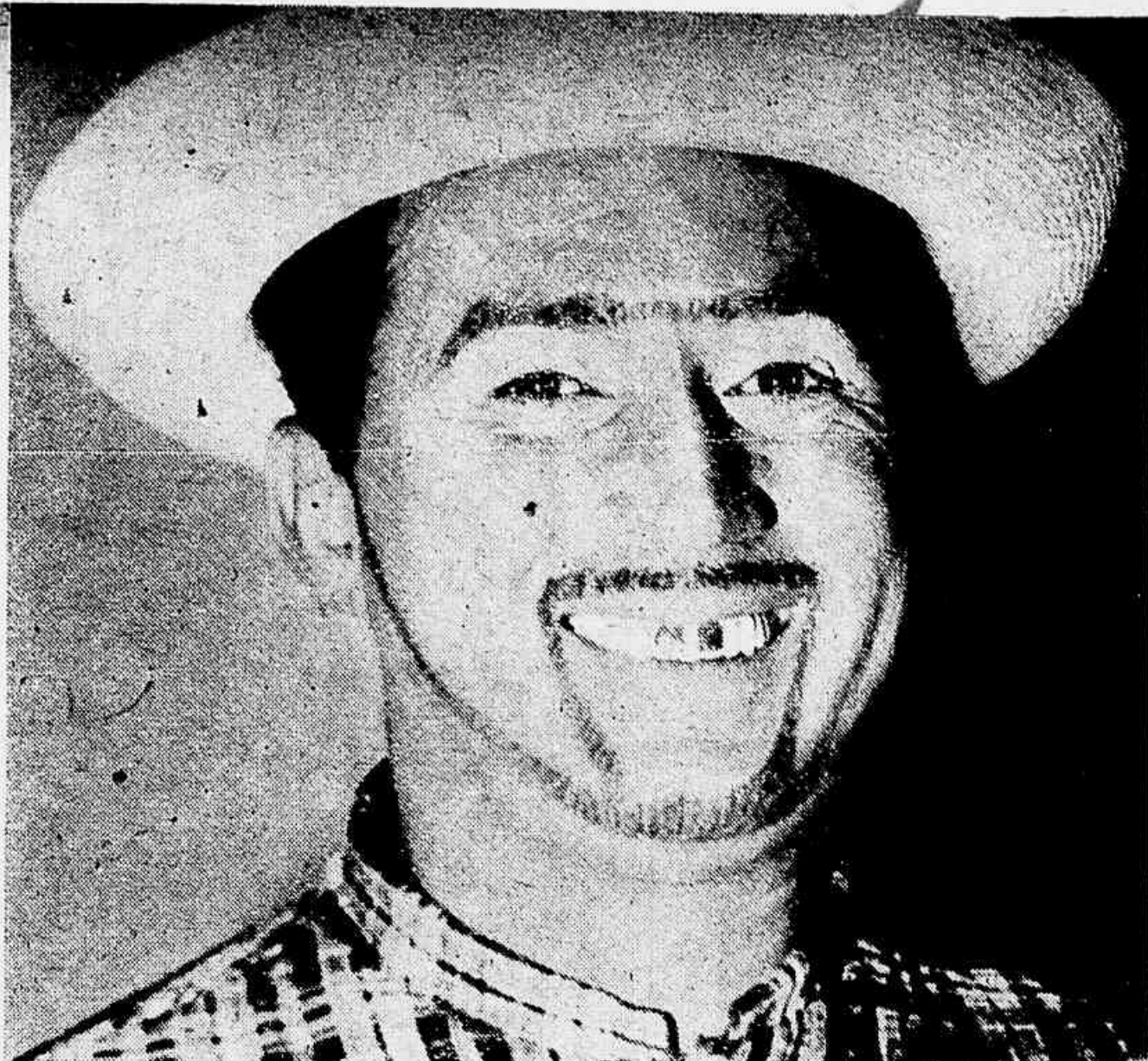
A idéa seguiu a sorte humana, morreu. O oceano continuou a ser caminho de ligação entre a cidade fluminense e a sua irmã carioca.

Em 1893 e 1894 o mar deu teatro à revolta da armada. Niterói entrou a ser disputado ponto de luta e fogo. Julgouse então preciso tirar-lhe a prerrogativa de capital do Estado a localizar em Petrópolis. Finda a triste batalha, como se ser toda a guerra fratricida, voltou a Niterói a honra de capital, com grande satisfação dos que tinham tido exodo para Petrópolis e, regressando, em caráter oficial ou não, à velha cidade, onde muitos haviam ganho tempo e todos matinhavam hábitos e radicada existência.

Renovada a idéa da mudança da capital do Brasil para o interior, como complemento surge agora a idéa de não ser mais a capital do Estado fluminense, talvez posta serranamente em Petrópolis, Teresópolis ou Friburgo, sem embargo de haver quem pense não haver despropósito, em momento de pôr prensa a despesas, deixar Petrópolis, Teresópolis e Friburgo nos seus deliciosos cimos, Niterói e Rio de Janeiro continuando capitais de mútuos e diários préstimos. Não se mudem velhas capitais transportando novas nos tapetes mágicos de Mil e Uma Noites.



Um aspecto de Niterói



MURILO ALVARENGA nasceu em Taubaté, no Estado de São Paulo. Descobrimos sua vocação para o canto, tornou-se um nostálgico intérprete de tangos, com os quais conquistava a simpatia das morenas paulistas e defendia o ingresso nos espetáculos de amadores, em que se exibiam com os números de Carlos Gardel. Certa feita, porém, o nosso herói resolveu tentar o rádio, indo bater a Santos à procura de uma chance na estação local. Ali veio a encontrar Ranchinho, com quem fez excelente camaradagem, a ponto de formarem dupla para explorar o gênero sertanejo, tão raro em nosso "broadcasting", naquele período. Alvarenga foi feliz na escolha, surgindo logo vantajoso contrato para que ambos se exibissem ao microfone da Record. Ele, porém, sonhava com horizontes mais amplos, motivo por que veio parar no rádio carioca, ingressando no elenco da Tupi. Nessa estação tomou parte em diversos programas, inclusive na "Hora do Guri", interpretando canções sertanejas e contando anedotas. Da PRG-3 passou para a Mayrink Veiga, formando dupla com Bentinho. Tempos depois voltou a trabalhar com Ranchinho, excursionando por todo o território brasileiro. Foi uma das principais figuras do elenco da Urca; trabalhou na companhia Chianca de Garcia e tomou parte em diversos filmes nacionais. No momento, é exclusivo da Rádio Nacional. Das gravações que fez, destacam-se "Eram duas caveiras" e "Seu condutor".

NÃO se pode falar em Alvarenga sem citar Ranchinho, cujo verdadeiro nome é Diesis dos Anjos Gaia. Natural de Jacareí, onde nasceu a vinte e três de maio de mil novecentos e tantos, cedo dedicou-se à música, interpretando as melodias de Candido das Neves. No decorrer de um espetáculo de variedades, levado a efeito em Santos, veio a conhecer seu atual companheiro de dupla, com quem passou a trabalhar. Abertas as portas do rádio, onde já ganhou muito dinheiro, Ranchinho tentou o cinema, aparecendo em "Fazenda flita", "Laranja da China", "Tererê não resolve", "Banana da terra", "Segura esta mulher", "Este mundo é um pandeiro", e várias outras. Participou dos espetáculos da "Casa de Caboclo", trabalhando ao lado de Augusto Calheiros, Duque e outros. No cassino, integrou o "show" da Urca e formou na companhia Chianca de Garcia, tomando parte em "A volta ao mundo" e "Sonho Carioca". Atuou na maioria das emissoras nacionais e já esteve algum tempo afastado do microfone, isto no decorrer de 1937. No dia vinte e cinco de fevereiro deste ano, apareceu na Rádio Nacional, na qualidade de seu artista exclusivo, após regular temporada na PRA-9. Da sua bagagem musical, os números de sucesso são "Liga das Nações" e "Seu Condutor", ambos gravados em parceria com Alvarenga. Formando dupla com este, os dois mereceram o cognome de "Milionários do Riso", em virtude das interessantes bolas que apresentam em suas audições, às terças-feiras, às 21 horas na PRE-8.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

DELORGES CAMINHA, que pertenceu até bem poucas semanas à Rádio Globo, fez um nome respeitável no rádio-teatro, mas o seu clima é, sobretudo, o palco. Notável ator, tanto representando papéis de galã como de homens maduros e de velho, Delorges Caminha nunca se afastou em definitivo do palco. Ansiou sempre por novas oportunidades e não hesitou, algumas vezes, em salvar companhias de dificuldades. Ainda recentemente, quando certa peça francesa ia à garra num dos nossos teatros, devido a um erro palmar de distribuição, por terem atirado junto a uma atriz como galã, um menino que sem muito esforço poderia ser aceito como filho dessa mesma atriz, Delorges Caminha, em vinte e quatro horas, aprendia um longo papel, para salvar a situação. E como o fez bem! Delorges Caminha criou, em sua própria companhia, a peça "Iaiá Boneca", de Ernani Fornari, e no cinema nacional teve um grande triunfo, como o galã de Gilda de Abreu, em "Bonequinha de Seda", sob a direção de Oduvaldo Viana. Nasceu no Rio Grande do Sul e casado com Lúcia Delor, fez rádio-teatro também na Rádio Tupi e, agora, ensaia com Maria Sampaio, afim de estrelar no Fenix em "A mulher de Cesar", notável peça de W. Somerset Maugham, o festejado autor de "Chuva" e de "Serviço humano".

NO cenário radiofônico do Rio de Janeiro, onde os bafejos da publicidade têm levado à glória muita gente, Tereza Costa é uma artista digna de nosso respeito e de nossa admiração. Com um passado brilhante, vivido entre o palco e o microfone, ela hoje pertence ao elenco de rádio-teatro da PRE-3, após uma longa e brilhante atuação na Rádio Mayrink Veiga, onde, à custa do seu talento artístico, da sua honestidade profissional e do seu enorme interesse pela perfeição, chegou a ser uma das principais figuras. Hoje, sob o peso dos anos, nem por isso Tereza Costa deixa de ser a grande artista que nos habituamos a ouvir ao lado do saudoso Plácido Ferreira, Cordélia, Anita Spá e Cesar Ladeira, nas apresentações do "Teatro pelos Ares", "Cortina Sonora", "Defensores da lei" e tantos outros. Na Transmissora, a infatigável rádio-atriz emprestou o brilho do seu talento a programas como "Teatrinho E-3", "Teatro Sherlock" e "Grande Teatro". Com a passagem dessa estação para o Globo, seu nome figurou na lista dos novos contratados, aí inaugurando a estreia das novelas, na de Amaral Gurgel intitulada "O passado não volta", em que teve papel de enorme responsabilidade. Tereza Costa é progenitora da poetisa Gilka Machado e avó da bailarina Eros Volusia, dois nomes de enorme projeção. Admiradora de nossa música popular, é "fan" de Silvio Caldas, embora goste de outros intérpretes. Nos domínios do rádio-teatro, admira todos os colegas, vendo em cada um deles um amigo.





TALVEZ. (adv.) Exprime possibilidade ou dúvida. (Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa).

★

HA alguns anos atrás, lá pelas quatro horas da tarde de um sábado ensolarado, eu, que estava vestindo um pijama listrado de berrante mau gosto, olhei-me ao espelho. (Para ressaltar minha reputação de rapaz direito, explico que isto passou-se na intimidade indevassável de meu quarto).

Uma barba irregular, fela, pequena, espalhada, espalhava-se pela superfície de meu rosto, escurecendo levemente a pele. Eu não me barbeava desde o sábado anterior. Para os amigos eu dizia que era falta de tempo. Mas agora posso confessar: quando solteiro, eu era muito relaxado.

Mas, nesse supra-citado sábado, olhando-me ao espelho, achei interessante ver-me assim semi-barbudo. Uma idéia cruzou meu cérebro de lado a lado, rápida como o vulto de um automóvel que às vezes vemos passar na rua, estando-se olhando por uma janela. Passou tão rápida, que nem a compreendi direito. Mas logo após voltou, vagarosamente, como uma barata conversível num domingo de manhã, na Avenida Atlântica. E então compreendi:

"Que tal deixar minha barba crescer?"

Ri-me do absurdo desta idéia. Eu, com minha barba tão rala? Ora, que idéia! Mas a idéia era das tais impertinentes, que voltam ao cérebro com a insistência de um mosquito guloso, que volta a determinada parte de nosso rosto que parece mais gostosa ao seu refinado paladar.

E, pensando bem, por que não?

Pasteur não era barbudo? E D. Pedro II? E Marx? E Moisés? E tantos outros personagens ilustres? (Que Deus guarde suas almas!)

Atirei um ativo ar de desprezo ao meu aparelho de barbear, sorri com superioridade, e resolvi deixar a barba crescer.

No outro dia (que era domingo) pela manhã, lá pelas 10 horas, eu ia flinando por aí, com o pensamento a vaguear pelos espaços siderais como sempre que ando sózinho pelas ruas, quando me encontrei com Mário. Ou mais exatamente, Mário encontrou-se comigo, pois foi ele quem me notou. Antes mesmo de me cumprimentar, ele exclamou:

— Uêh! Esqueceu de fazer a barba?

— Esqueci... — respondi vagamente.

— Vai fazer esta barba, rapaz! Você está indecente!

Sorri monalissamente, e continuei meu caminho.

★

(Aqui sou obrigado a abrir um parêntesis para explicar que naquela época eu estava com vinte anos — idade em que os homens geralmente são suficientemente idiotas para se apaixonarem por uma mulher, embora não o sejam ao ponto de pensarem em casamento — e dada esta explicação, fecho o parêntesis).

★

A tarde fui encontrar-me com minha namorada, em sua casa. Embora minha

opinião seja suspeita, vou formulá-la: Ceci era "estonteante". Basta dizer que me casel com ela.

Ao me ver, Ceci fez um muxoxo. Depois do — "Olá, como vais?" — de praxe, fitou-me bem, e:

— Que novidade é esta? ...
Logo me lembrei que ela exigia pontualidade absoluta nos encontros e me desculpei, com a alegria interior de um homem que, ao menos aquela vez, cumpriu com o seu dever:

— Mas cheguei na horinha exata, negra!

— Não te faça de desentendido! Estou me referindo a esses pavorosos pêlos do teu rosto.

Levei as mãos ao rosto, para resguardar minha barba de ouvir tais barbaridades:

— Em primeiro lugar, Ceci, estes pêlos não são pavorosos...

— São horrendos! — interrompeu ela.

— Positivamente horrendos! Vais entrar na primeira barbearia que encontrases aberta e...

— Escuta, Ceci; isto não vai dar certo... — fui fingindo um tom apaziguador.

— Mal fizemos as pazes, depois de estarmos cinco meses brigados, e estás começando uma discussão inútil...

— Mas, afinal: que idéia é esta?

— Idéia nenhuma. Vou deixar a barba crescer. Tá bem?

Ela me olhou, com um desses olhares que me lança agora, quando chego em casa às três horas da madrugada, por estar fazendo serão no escritório.

— Garanto que isso tem alguma coisa que vê com Isabel...

— Mas, negra! — protestei com calor; com demasiado calor, diga-se de passagem; por isso Ceci ficou desconflada — afinal, ela me conhecia bem... — Eu não tenho mais "nada" com Isabel! Tu sabes disso!

— O que eu sei — havia desconfiança na sua voz; juro que havia! — o que eu sei, — ela repetiu — é que "dizes" ter rompido com ela "definitivamente" desde domingo. Mas o que aconteceu depois é que eu não sei.

— Mas nós não nos encontramos quase todos os dias, Ceci?

— Vá-se crer nos homens!

Encolhi os ombros, com resignação. Depois de alguns instantes de silêncio, um olhando para o outro, ela convidou:

— Não quer entrar?

Entrei. E não se tocou mais no assunto de minha barba. Creio que Ceci gostava de mim.

Segunda-feira, no escritório, todos olharam para minha cara como se fosse a décima-primeira vértebra de um stegosáurio ou a moela de um arqueoptérix. Mas não falaram nada, e eu não me importei. Porém, quase na hora de fechar o escritório, um de meus chefes comentou com o caixa:

— Sabes que vamos ter um Bernard Shaw no escritório?

Fiquei curioso. Quem estaria se dedicando à literatura, entre meus medíocres colegas? Mas "Shaw" era eu mesmo. E não por literatura; pela barba. Decepcionante, não? E daí por diante, não tive sossego. Um meu ex-colega, o Jullo, encontrando-se comigo na rua, comentou com seriedade:

— És maometano, agora?

— Por que, Jullo?

— A religião maometana obriga seus adeptos a deixarem a barba crescer.

Um pouco intrigado, concordei. Jullo tinha cartaz de profundo conhecedor de religiões, e tinha volumes enormes de "História de Religiões" — afinal, para que discordar? Para Jullo eu seria maometano, de qualquer forma.

O cozinheiro da pensão, mostrando os dois únicos caninos que lhe ornavam a gengiva superior, no seu riso quadrado:

— Treinando para Papai Noel, seu Alberto?

Concordei. Estava treinando.

O garçon do meu bar sorriu para mim. Com o meu complexo burguês reacionário de dignidade, não retribuí o sorriso. Mas ele não se deu por vencido:

— Cumé? Vai deixar a barba crescer?

Minha dignidade sintetizou-se na brevidade da resposta:

— Vou.

Dois dentes de ouro iluminaram seu sorriso:

— Vai ficar uma barba do barulho, seu! Toda preta assim, vai ficar bacana!

Olhei melhor para o garçon. Até que era bem simpático! Sorri para ele, e a gorgeta daquela vez foi dobrada.

No correio, entre a contagem das palavras de um telegrama, a velha funcionária me perguntou com voz triste se havia morrido alguém de minha família.

— Foi o gato! — respondi com raiva. Mas a velha nem ouviu a resposta, ocupada que estava na contagem.

Aconteceu também que certo dia, quando cheguei ao escritório, havia em cima da minha mesa um papel datilografado, e Cr\$ 1,50 em dinheiro. No papel eu li, entre zangado e divertido:

"OBRA DE CARIDADE — Subscrição entre os colegas do senhor Alberto, para que este cavalheiro, num gesto altamente louvável, vá ao barbeiro mandar tirar os pêlos de seu rosto, que ofendem terrivelmente o senso estético de todos os colegas. Fulano de tal — Cr\$ 0,10; Sicrano de tal Cr\$ 0,20; Beltramo de tal Cr\$ 0,10; " e assim por diante, até completar a quantia. Gastei o dinheiro em cigarros, e o papel ainda está comigo como recordação.

Quando alguém se dirigia a mim, era infalível uma referência à minha barba.

Ah! mas o interessante foi aquela vez que eu estava almoçando, num sábado, e fui chamado ao telefone. (Detesto profundamente ser chamado ao telefone durante as refeições). Era Isabel, a tal de quem Ceci sentia tanto ciúme.

— Como vai, Alberto?

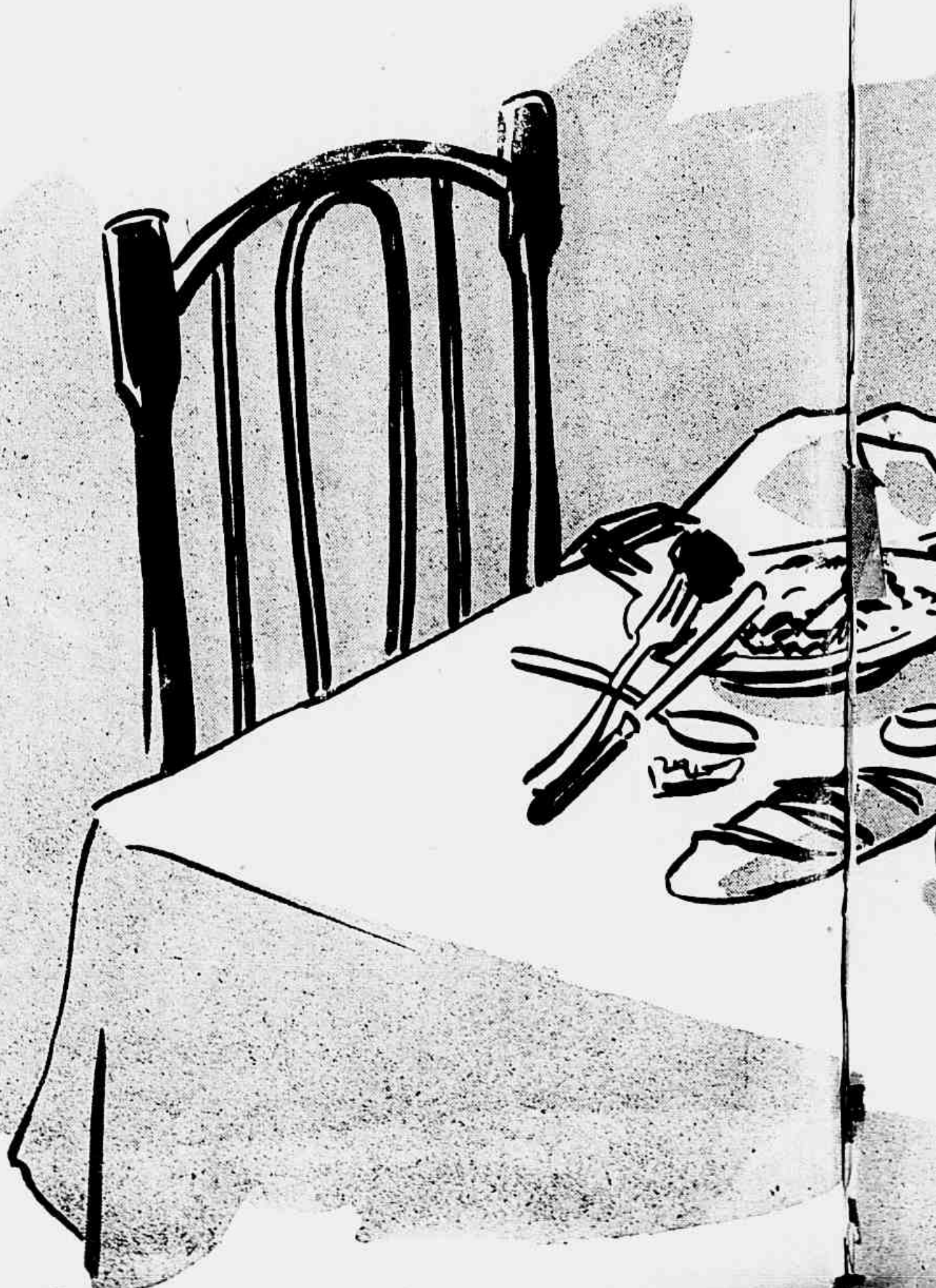
— Bem; e você, Isabel?

— Bem...

— Que há de novo, Isabel?

— Pouca coisa. Cheguei estes dias do campo, e desejei saber notícias suas.

Quase eu lhe perguntei se ela tinha se



afastado da cidade, mesmo; porém felizmente lembrei-me que era falta de delicadeza confessar que ignorava a sua ausência. Afinal, Isabel era uma loira que tinha o seu valor...

— Divertiu-se muito? — perguntei.

— Imensamente! Você nem imagina! — sua voz transbordava alegria. Alegria demais. Não sei por que, tudo que parece ser demais me deixa desconfiado... Mas ela continuou: — Dançei, flertei, namorei — diverti-me milhões!

— Ainda bem...

— E você, Alberto?

— Eu? Ah, eu ando meio triste. Preocupações, sabe?

— Sei; — o seu tom era malicioso — e isto me levou a telefonar a você.

— Por que? Bondade?

— Nããão... estou contente. Eu sabia que ia chegar a minha vez de fazer você ficar preocupado... já me disseram que desde que eu fui embora nem mais a barba fez...

Ao ouvir isto, eu cheguei a levar um susto. Imagine-se, Isabel pensando que eu estava deixando a barba crescer porque tínhamos terminado o namoro... Como piada, para mim era de primeiríssima... ri-me gostosamente.

— De que está rindo? — perguntou Isabel desconfiada.

— Nada, não. Estou alegre por ouvir a sua voz — respondi.

— Eu também estou alegre, mas não é por ouvir a sua voz, Alberto... É que eu não sinto mais nada, nada por você, sabe, Alberto?

— Nem um pouquinho de saudades? — perguntei no meu tom de voz nº 4.

— Nem isso! Tenho uma porção de namerados... Modifiquei meu penteado, todos dizem que estou mais bonito...

— Você está me deixando curioso, Isabel...

Ela riu, uma risada gostosa, cheia de encantos.

— Se você quer ir ao cinema comigo hoje à tarde, podemos marcar um encontro...

Fiquei alarmado. Isabel às vezes era desconcertante. Encontrar-me com ela não tinha nada de mais para mim; mas se Ceci soubesse, "la ter"...

— Mas o que dirão os seus namorados, Isabel?

— Ora; nós iremos somente como amigos... — reticenciou ela. Uma reticência cheia de significações para nós dois; eu já tinha ido ao cinema com ela somente como amigo...

Fui me preparando para suar frio, e fiquei com medo; suar frio após às refeições pode fazer mal. Eu tinha que cortar o mal pela raiz:

— Eu estou barbudo, Isabel...

— Já sei, Alberto. Mas você faz a barba, não faz?

— Hummm... creio que não, Isabel.

— Nem mesmo se eu lhe pedir? — perguntou ela, com mel na voz.

— Creio que não, Isabel.

Ela pareceu não acreditar: — Nem mesmo se eu lhe pedir? — insisti.

— Creio que não — respondi, seco.

— Uéh, Alberto! Se formos ao cinema juntos... — ela hesitou um segundo — não cessa o motivo de deixar sua barba crescer?

— Eu... — hesitei muito mais de um segundo, e comeci a suar frio. Acontecer-me isso logo no meio de uma refeição!... — eu... não, Isabel; não cessa — respondi com firmeza.

— Não? — sua voz era de desapontamento. E logo, com raiva: — E por que você faz um papéio desses comigo?

— Eu não...

Mas Isabel bateu com o fone, e tive a impressão que havia um enxame de mosquitos no meu ouvido. Passei o lenço

(Continua na pág. 56)



Revista da Semana
Sinceramente
Marguerite
Chapman





Na página ao lado: Marguerite Chapman, a telefonista que venceu como "star" cinematográfica, em uma foto autografada especialmente para REVISTA DA SEMANA. Em cima, a linda artista da Columbia Pictures, intérprete de "Alma russa" e "Meu reino por uma cozinheira", falando a Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood.

MARGARET CHAPMAN, A TELEFONISTA QUE VENCEU NO CINEMA

HOLLYWOOD, abril — Acabo de conversar longamente com uma das pequenas mais encantadoras de Hollywood. Tão encantadora que me recebeu no "set" em que estava filmando, com a maior simplicidade e sem nenhuma espécie de "maquillage", o que era naturalíssimo, em se tratando de apenas um ensaio. Essa pequena é Marguerite Chapman, hoje uma das figuras mais populares do estúdio da Columbia. Recebendo muitas cartas de "fans" do Brasil, inteirada do simpático acolhimento que suas películas têm despertado entre os brasileiros, Marguerite Chapman teve palavras de afeto para com os seus admiradores, em nome dos quais julguei dever saudá-la, certo de que, para isso, tinha uma procuração tácita, — sendo, como sou, também um deles. Marguerite Chapman estava ensalando com Dennis O'Keefe, George Coulouris, Adolphe Menjou e Michael O'Shea, mas ao ser interrompida a cena, que me pareceu de grande intensidade dramática, voltou-se para mim e disse:

A intérprete de "Alma Russa" e de "Meu reino por uma cozinheira", fala à REVISTA DA SEMANA em Hollywood — Declara estar muito satisfeita com a Columbia e com a popularidade que conseguiu nos filmes dessa companhia.



Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

—Estou às suas ordens, Mr. Serrano...

O fotógrafo veio bater a clássica chapa para documentar a entrevista e começamos a conversar, de cinema, de teatro e da vida da linda e jovem "estrela", uma das poucas de menos de trinta anos. Marguerite Chapman me disse que desde muito cedo vinha preparando o seu espírito para iniciar a sua carreira artística. Achava que era essa a sua verdadeira vocação. Para esse fim aprendeu a vestir-se com elegância, a ter pose, a andar bem, tal como outra pessoa estuda datilografia, química ou matemática. Foi quando fazia o curso secundário que Marguerite Chapman se decidiu a aformosear a sua bela figura de mulher. Ela sabe que a beleza e elegância de maneiras fazem parte integrante da arte de representar na tela.

A prova de que tinha a certeza dessa vocação para o "estrelato" é que aos 14 anos de idade fez uma jura, prometendo a si mesma que se tornaria uma artista de ci-



Marguerite Chapman, elegantíssima, com Ralph Morgan e George Coulouris, em "Paixões turbulentas" (Mr. District Attorney).

nema logo que a sua idade lhe permitisse resolver o seu próprio caminho a seguir na vida. Havia de se tornar uma artista tão sedutora quanto Marlene Dietrich, Carole Lombard ou Norma Shearer — personalidades da tela então por ela admiradas.

— Acho que nos meus tempos de colégio estudei mais os meios de agradar pela aparência do que mesmo as matérias do meu curso — explicou a "estrela".

Constantemente Marguerite Chapman pedia aos vizinhos para que intervissem junto aos seus pais afim de que estes a deixassem tentar o cinema. E antes de procurar um estúdio em que pudesse iniciar a sua carreira passou a observar como certas atrizes, como Bette Davis e Constance Bennett, se apresentavam nos filmes, como pronunciavam as palavras, como gesticulavam. Graças a isso foi

adquirindo certa experiência de arte dramática, certas lições da arte de representar.

— Primeiro comecei a imitar essas artistas em casa ou onde quer que me encontrasse — declarou Marguerite Chapman. — Mas logo compreendi que cada grande artista tinha a sua maneira peculiar de trabalhar no cinema. Foi então que pensei em desenvolver apenas a minha própria individualidade. Não quis mais saber de imitar ninguém...

Marguerite Chapman nasceu na cidade de Catham, mas fez os seus estudos em White Plains, no Estado de Nova York. Quando concluiu o curso do colégio arranhou um emprego numa loja. Em seguida passou a ser assistente de dentista. Não satisfeita com o emprego fez um curso para telefonista e passou a desempenhar essas mo-

destas funções nos anos que se seguiram. Mas durante todo esse tempo a idéia de se tornar artista de cinema ainda não a havia deixado em paz. E nunca perdeu as esperanças de algum dia ter acesso na cidade de seus sonhos. Marguerite Chapman deu o primeiro passo para o cinema quando arranhou trabalho como modelo. Quando o produtor Howard Hughes a viu disse logo que ela devia estar em Hollywood. Mas o produtor apenas disse isso e não se prontificou a ajudá-la. Em todo caso, esse elogio encheu de orgulho a jovem modelo de então. Um ano mais tarde, contudo, um "descobridor" de talentos da Warner Brothers viu a modelo Marguerite Chapman e firmou logo um contrato com a jovem. Novos horizontes se abriram diante de si. Apanhou um trem e seguiu para a capital

(Continua na pág. 51).

Marguerite Chapman em recente estudo fotográfico de Avery, e em uma cena daquele mesmo filme, com Dennis O'Keefe.



A MÚMIA VIVA DA PRAÇA DA REPÚBLICA

Maria Capitulina Figueiredo, natural de Jaú, conta mais de cem anos e lê sem óculos — "Sou do tempo da escravidão, da guerra do Paraguai, de Pedro II, de Isabel, a Redentora, e Borges de Medeiros" — Anda o dia todo, vive pedindo esmolas, quer ser bonita, quer passear, ver o sol, cantar...

Reportagem de NELSON VAINER



Fotos de JOÃO DE DEUS

ESTA reportagem foi feita no Rio, no dia 1º de abril. Mas qualquer relação entre essa data e esta reportagem não passa de mera coincidência. Embora pareça mentira de primeiro de abril, Maria Capitulina Figueiredo conta realmente, mais de cem anos de idade. Com o auxílio de um velho bastão, entrou hoje no café da esquina da praça da República, aproximou-se da nossa mesa e pediu licença para sentar-se. Em seguida, pôs-se a cantar, uma cantiga triste, nostálgica.

— Que cantiga é esta? — perguntamos.

— Não sei, moço. Canto há mais de oitenta anos, mas já não me lembro como ela se chama.

— E a senhora, que idade tem?

— Mais de cem! Muito mais...

Bastava um pouco mais de atenção para verificarmos que a velhinha tem realmente essa idade. Estávamos diante de uma múmia viva. O tempo ainda não conseguiu embranquecer totalmente o seu cabelo, mas deixou no seu rosto amarelo centenas de rugas que se cruzam em várias direções. Seus olhos, no entanto, continuam serenos. Os

braços, oh! os braços... Coisa semelhante vimos, há tempos por ocasião de uma exumação, no cemitério de uma cidade do interior de São Paulo.

— Como se chama, velhinha? — perguntamos depois de mandar vir café com leite para ela.

— Meu nome é Maria Capitulina Figueiredo.

— A senhora é carioca?

— Não. Nasci em Jaú, no interior de São Paulo. Mas desde os sete anos de idade sempre morei em Petrópolis e no Rio. Sou do tempo da escravidão, da guerra do Paraguai, de Pedro II, da Princesa Isabel, e do doutor Borges de Medeiros...

— Tem filhos, dona Maria?

— Não tenho, não. Vivo com meu marido. Coitado, como ele está acabado... E olhe que é bem mais moço... É criança... Tem 99 anos, mas já não pode andar. Está de cama o coitadinho. E eu trato dele.

— E a senhora, se sente bem?

— Eu sou forte. Olhe, moço, eu não gosto de ficar



"Moço, retoque bem que eu quero sair bonita... Olhe que eu já fui empregada de retratista", recomendou Maria Capitulina ao fotógrafo.

dentro de casa. Muito triste. Quero passear, quero ver o sol, quero cantar...

— E como é que a senhora se arranja?

— Com a ajuda de Deus. Ando o dia todo, devagarzinho, visito meus amigos e eles sempre me dão alguma coisa. Só à noite vou para casa e faço uma comidinha para meu marido. Ah! Se eu fosse mais moça... Seria datilógrafa ou secretária de um doutor. Sei francês, um pouco de inglês e até italiano.

— Onde estudou?

— No grupo. Mas aprendi muita coisa quando servi de governante de Dom Carlos.

(Continua na pág. 31)

Maria Capitulina
Figueiredo
Rio de Janeiro
1 de Abril 1947

A velhinha fez questão de provar que sabe escrever. E deixou com o repórter um autógrafo bem mais correto que os do vereador Crispim, do Partido Trabalhista.



Maria Capitulina posa para o fotógrafo em atitude de quem reza.



DEVE-SE a milhares de homens a solução da navegação aérea: — este contribuiu por uma idéia, aquele por uma experiência, até que por fim não mais foi preciso que um vigoroso esforço intelectual para terminar a obra.

Todavia a inexorável injustiça do público decidiu que de entre esses milhares de homens, um só, um homem que jamais se elevou nos ares, seria escolhido como inventor único, do mesmo modo que o vulgo atribui a Watt a honra de ter descoberto a força do vapor e a Stephenson a invenção da locomotiva.

De todos os nomes assim honrados, nenhum certamente é tão grotesco e tragicamente célebre como o do pobre Filmer, o tímido sábio que resolveu o problema em face do qual a humanidade se manteve perplexa e um pouco receiosa durante tantas gerações. — Filmer, o homem que acionou a haste de conexão do excêntrico, feito esse que transformou a paz, a guerra e quase todas as condições da vida humana. Nunca se viu um exemplo mais palpável da misteriosa e eterna pequenez do sábio perante a magnitude da ciência. Muitos detalhes concernentes a Filmer conservam-se e conservar-se-ão profundamente obscuros, mas os fatos essenciais da cena final — além de algumas notas, de algumas cartas e de várias alusões fortuitas — são assaz claros para que a sua relação forme um conjunto. Basta colligir esses diversos documentos para se obter a narração da vida e da morte de Filmer.

O primeiro vestígio autêntico que de Filmer se encontra nas páginas da História é um pedido de admissão como bolsista de física nos laboratórios de South Kensington. Nesse pedido ele se intitula filho de um botineiro militar de Douvres ("sapateiro" ou "remendeiro" em língua vulgar) e menciona os diplomas que já obteve e que provam as suas aptidões em química e em matemáticas. Mediante uma certa quebra de dignidade, ele procura encarecer as suas provas de habilitação expondo a sua indigência e outras desvantagens: declara que a admissão no laboratório é o alvo das suas ambições, — "lapsus calami" que ratifica a sua afirmativa de se ter, desde a infância, consagrado exclusivamente às ciências exatas. O documento é acompanhado de anotações e de menções indicando que Filmer atingiu facilmente aquele alvo tão cobiçado; mas, até estes últimos tempos, não se logrou achar vestígio algum dos seus triunfos na instituição governamental.

Contudo, é fato incontestável agora que, a despeito do seu pretendido zelo pela física, e, menos de um ano depois que ele recebeu a bolsa, Filmer se deixou tentar pela probabilidade de aumentar ligeiramente a sua receita imediata. Abandonou o laboratório para se tornar um desses calculadores a um franco por hora, que um ilustre professor empregava para o auxiliar nas suas pesquisas relativas à física solar — pesquisas essas que são ainda um objeto de expectativa para os astrônomos. Durante um intervalo de sete anos, não se possui

informação alguma sobre a existência de Filmer; sabe-se apenas, mercê das listas de inscrição para os exames da Universidade de Londres, que ele alcançou lentamente um duplo bacharelado em ciências, primeira classe em matemáticas e em química. Ignora-se como e onde ele viveu, se bem que se afigure muitíssimo provável que continuou a ganhar a vida ensinando, ao mesmo tempo que prosseguia nos estudos necessários à obtenção do seu diploma. Depois disso, depara-se, de modo completamente imprevisível, uma referência a ele, na correspondência do poeta Artur Hicks.

"Lembras-te de Filmer? escreve Hicks a seu amigo Vance. Pois bem, ele não mudou, continua com o seu resmungamento agressivo e o seu queixo por barbear. Como é que ele se arranja para dar constantemente a impressão de que não vai ao barbeiro há três dias? Mesmo o seu casaco e o seu colarinho puldo não parece terem sofrido as injúrias do tempo. Ele trabalhava na biblioteca e, em nome da caridade divina, fui sentar-me ao lado dele; vendo isto, ele me fez simplesmente a injúria de cobrir com todo o cuidado as suas notas. Segundo parece, está em vias de fazer uma brilhante descoberta e tem a suspeita de que sou eu quem lhe vai roubar! Eu que tenho a imprimir-se, em casa do generoso bibliófilo dos Jovens, uma plaqueta de versos. Quando na Universidade, ele obteve triunfos de toda a espécie, os quais me enumerou em um gaguejar apressado, como se temesse que o fossem interromper antes de dizer tudo. Disse que ia conquistar o grau de doutor em ciências, como outros falam em tomar um fiacre. Como para me desafiar a que exhibisse tantos conhecimentos como os dele, perguntou-me o que eu fazia, e, durante toda a nossa conversação, com um gesto positivamente defensivo, conservou o braço em cima dos papéis que encerravam a preciosa idéia.

"— Poesia... poesia... — repetiu em seguida a mim. — E que é que você ensina lá dentro, Hicks?

"Toda essa bele estréia acabará em uma cadeira de professor de província, e eu agradeço devotadamente ao Senhor o haver-me dotado de uma incomparável indolência, sem a qual eu seria capaz de concorrer ao grau de doutor em ciências e ao do embrutecimento..."

Eis aí um curioso esboço predizendo para Filmer uma cadeira de província, pois em breve o encontramos recitando diante da Sociedade das Artes, uma conferência sobre: "o caoutchouc e seus substitutos". Ele dirigia então uma grande manufatura de substâncias plásticas, e sabe-se que era então membro da Sociedade Aeronáutica, conquanto não tomasse parte alguma nas discussões dessa Sociedade, preferindo sem dúvida levar a cabo a sua concepção sem auxílio estranho. Menos de dois anos após a sua con-

Conto de H. G. WELLS * Ilustr. de ARMANDO PACHECO

ferência, ele obtinha apressadamente um certo número de patentes de invenção, e proclamava, por vários meios um tanto ruidosos, a conclusão das diversas pesquisas que tornavam possível a sua máquina voadora. A primeira declaração nesse sentido apareceu em uma gazeta da tarde, folha popular a um soldo, — por intermédio de um jornalista que morava na mesma casa em que residia Filmer. Esta súbita precipitação, depois da longa paciência de um panico infundado. O americano Bootle, famoso charlatão científico, anunciou, nessa época, umas pretendidas descobertas sensacionais que Filmer interpretou erradamente como postergando a sua idéia.

Qual era exatamente a idéia de Filmer? Uma idéia simplicíssima, na realidade. Antes dele, a aeronáutica havia seguido duas linhas divergentes: de um lado aperfeiçoavam-se os balões, volumosos aparelhos, mais leves que o ar, apresentando grande facilidade de ascensão e uma relativa segurança na descida, mas fatalmente constrangidos a desviarem-se ao sabor da mais branda aragem; de outro lado, faziam-se experiências de máquinas voadoras, — que só voavam em teoria, — umas vastas estruturas planas, mais pesadas que o ar, movidas por pesados engenhos e que, pela maior parte, iam esmagar-se sobre o solo, à primeira descida. Mas, não levando em conta que a infalível destruição final as torna impraticáveis, o peso das máquinas voadoras lhes proporciona a vantagem teórica de poderem navegar contra o vento, condição necessária para que a navegação aérea adquira um valor prático. Filmer teve o mérito particular de conceber o modo por que as vantagens, até então incompatíveis, do balão e da pesada máquina voadora, se pudessem combinar em um único aparelho, que seria, facultativamente, mais pesado ou mais leve que o ar. Para chegar a esse resultado, ele inspirou-se nas bexigas natatórias dos peixes e nas cavidades pneumáticas dos pássaros, e imaginou um sistema de balões contrácteis e absolutamente fechados. Dilatando-se, esses balões podiam facilmente retirar o aparelho voador; contraindo-se sob a musculatura complicaada, tecida em volta deles, podiam dobrar-se quase inteiramente dentro da moldura. O caixilho que esses balões sustentavam, foi construído de tubos ôcos

e duros, de onde, por um mecanismo engenhoso, o ar era automaticamente expellido, quando se efetuava a descida; esses tubos conservavam-se vazios todo o tempo que o aeronauta assim o desejava. Ao envez do que se havia feito para os aeroplanos precedentes, não foram adaptados propulsores nem asas ao caixilho; o único maquinismo exigido foi o poderoso motorzinho, necessário para a contração dos balões. Com a sua moldura e com os seus balões dilatáveis, devia esse aparelho, na opinião de Filmer, elevar-se a uma altura considerável. Contraindo então os balões, enchendo de ar os tubos do caixilho, a máquina, por um manejo especial dos seus pesos, deslizaria na atmosfera, consoante a direção requerida. Por sua queda, ela aumentaria a velocidade, perdendo proporcionalmente uma dada quantidade do seu peso; o impulso adquirido graças à velocidade multiplicada pela descida, seria utilizado, por meio de um deslocamento dos pesos, para se tornar a subir ao ar, no momento em que os balões se distendessem novamente. Essa concepção, que se tem mantido como a concepção estrutural de todas as máquinas voadoras em funcionamento, exigiu, antes de realizada, um trabalho enorme para a conclusão de uma infinidade de detalhes. Conforme ele repetia aos inúmeros interviewers que o importunavam depois de atingir o apogeu da sua glória, Filmer forneceu esse trabalho "sem hesitação e sem reserva". Foi o revestimento elástico dos balões contrácteis o que apresentou as maiores dificuldades.

Ele percebeu que lhe era mister uma substância nova: "e a descoberta e a fabricação dessa substância, afirmava ele a todos os interviewers, deram-lhe um trabalho muito mais penoso que o estabelecimento definitivo da máquina, invenção aparentemente mais importante". Não se deve contudo supor que esses



interviewers se seguiram imediatamente à proclamação que Filmer publicou sobre a conclusão das suas pesquisas. Decorreu um intervalo de cinco anos, mais ou menos, durante o qual ele se conservou à testa da manufatura de caoutchouc, procurando a torto e a direito informar um público perfeitamente indiferente de que ele tinha realmente inventado... o que ele tinha inventado. Segundo parece, todos os seus recursos se limitavam aos seus honorários de diretor. Ocupava a maior parte das suas horas vagas em redigir cartas que endereçava aos jornais diários e às publicações científicas, e nas quais expunha o resultado dos seus trabalhos e solicitava um auxílio financeiro. Só isto era o bastante para impedir a inserção da sua prosa. Todos os dias livres que ele conseguia obter, passava-os em entrevistas infrutíferas com os empregados de escritório dos grandes jornais de Londres, — sendo que ele tinha a singular faculdade de inspirar uma extrema desconfiança àqueles respeitáveis cerberos. Finalmente, ele chegou à audácia de propor à administração da guerra que o aceitasse e bem assim a sua invenção.

A propósito disso, encontrou-se uma carta confidencial dirigida pelo major-general Volleyfirc ao conde de Frogs.

"O sujeito é maluco e ainda por cima importuno", dizia em termos militares, com franqueza e nitidez, o major-general. Destarte ficou à disposição dos japoneses — que dela se aproveitaram naturalmente, com grande prejuízo nosso — a ocasião de se apropriarem da primazia nessa espécie de maquinismo, que depois aplicaram à guerra. Passado algum tempo, por um feliz acaso, a membrana contrátil inventada

por Filmer para o seu balão, pôde ser utilmente plicada às válvulas de um novo motor, e em breve, ele obteve os meios de estabelecer o modelo da sua invenção. Desistiu das funções de diretor, renunciou às inúteis missivas e, característico inseparável de todos os seus modos de proceder, rodeando-se do mais profundo segredo, principiou a traba-

(Continua na pág. 47)





Local da rua Santo Cristo donde começa a Rua Vidal de Negreiros, lá no morro do Pinto.

A CIVILIZAÇÃO DE UM POVO pode ser medida pelo seu culto aos maiores da raça. Esquecer os que lutaram em defesa da terra, os seus edificadores, não representa apenas um traço de inferioridade, é, sobretudo, um crime praticado contra as gerações novas, que, assim, perdem a veneração, o respeito e a admiração natural pelos construtores do passado.

O Brasil, via de regra, é país exímio no propósito de esquecer os seus grandes vultos do pretérito, como se fosse uma nação sem grandes travejadores das suas principais idades. Se não quisermos alongar muito as nossas citações, sem mesmo prolongarmos os nossos olhos por todo o país, basta apresentarmos Manoel de Arruda Câmara, o sábio do Aeropago de Itambé, precursor de uma escola de democracia e liberdade; Aristides Lobo, o repúblico, o jurista, o fomentador do movimento republicano ao lado de Lopes Trovão, Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, Coelho Lisboa e outros; Marechal Almeida Barreto, herói no Paraguai e herói nas lutas internas para consolidação da República; Augusto dos Anjos, o gênio da poesia; Pedro Américo, que refulgiu nos mundos cultos como o incompará-

NUMA RUA TORTUOSA E ESQUECIDA

O NOME DE UM HERÓI QUE DEVIA SER SEMPRE LEMBRADO...

Recordando a figura do capitão-general André Vidal de Negreiros — Uma memória hostilizada — De chefe de guerrilhas contra os holandeses a governador de Angola — Glórias das batalhas das Guararapes — Governador do Maranhão e de Pernambuco — Obra social da velhice em Itambé — A Rua Vidal de Negreiros no Rio é uma ironia — Uma terra nesta capital em homenagem ao herói — Para onde irá o monumento.

Texto de LUIS PINTO

Fotos de NEWTON VIANA

vel mestre da pintura; Epitácio Pessoa, jurista, consulto, parlamentar, estadista e homem público invulgar, todos eles, que trabalharam e expuseram a vida pelo Brasil foram e estão esquecidos. Não há em nossos logradouros um marco de bronze que lhes recorde a memória, que mostre as gerações das escolas os perfis desses expoentes da nacionalidade.

Ora, se com esses que citamos sucede isto, esses que nasceram depois, como poderão se lembrar de André Vidal de Negreiros que nasceu, viveu, atuou e morreu no século XVII? Há até quem suponha que Vidal é um mito, uma lenda, que nunca existiu de fato. E a ignorância cabeluda levando tudo na sua fatal e perigosa enxurrada, levando tudo, até mesmo ao respeito aos varões singulares, que é o cimento que consolida a grandeza dos povos, unificando os que se foram com os que vêm depois. E' o liame, o segredo misterioso da vaidade das gentes e que sempre foi guardado até mesmo pelos bárbaros, que sempre o mantiveram bem alto, como fogo sagrado.

Pois o Capitão General André Vidal de Negreiros é uma dessas figuras, desses exemplos raros de estadistas e guerreiro, que o Brasil contou poucos.

Nasceu na várzea do rio Paraíba, entre os

canaviais do seu velho pai, o senhor de engenho Francisco Vidal, canaviais que, no calor da guerra, Vidal não titubeou em tocar fogo, par adar exemplo aos demais, pela necessidade de que havia de varrer os campos não deixando nada aos holandeses.

Era, pois, paraibano, e foi para a luta quando os batavos invadiram a Bahia, em 1624, com apenas 18 anos de idade. Foi com os caboclos do Nordeste, convocados por Matias de Albuquerque, o bravo guerreiro, ao tempo governador de Pernambuco.

Na guerra Vidal se fez soldado e se fez guerreiro. E, mais tarde, em 1630, quando os holandeses voltaram para atacar Pernambuco, Vidal também voltou para combatê-los. E voltou com força, com estudos e experiência, com muita modéstia e muita valentia.

Nós, brasileiros não lhe enalteçemos bastante os feitos gloriosos, nem o seu valor enorme.

Mas sabem quem o enaltece, quem o recomenda à gratidão da posteridade? E' o padre Antonio Vieira, nas páginas mais eloquentes e profundas de um panegírico. E' Watjen, historiógrafo e analista austriaco, num estudo novo, documentado e honesto. Mas há biógrafos ainda maiores de André Vidal, do nosso

Outro aspecto da rua Vidal de Negreiros. Aí é uma encobertura, refletindo as suas más condições.

Os moradores da rua Vidal de Negreiros correm ao encontro da nossa objetiva. Mato naquela rua é muito.



Outro aspecto da chamada rua Vidal de Negreiros, onde se vê a sua desgraçada situação.

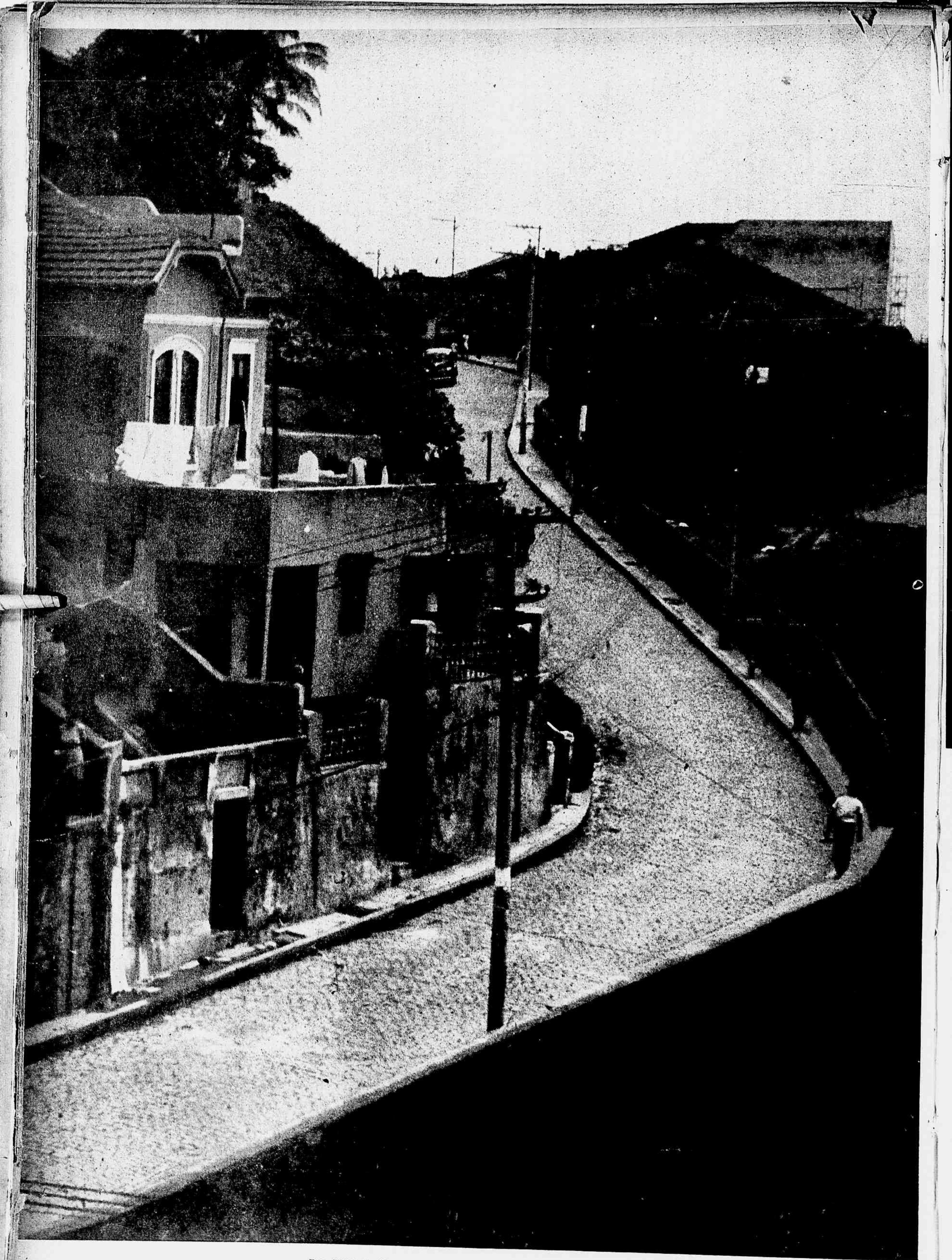
herói das lutas das Guararapes. Sabem quem são eles? Os fatos, os documentos, os diários de guerra, os anais da luta, a obra que perpetua o seu nome e que nem a sua muito modestia, nem a muito vaidade dos companheiros puderam apagar. São clarões de verdade que hoje alumiam a sua história.

Diz o padre Vieira sobre André Vidal:

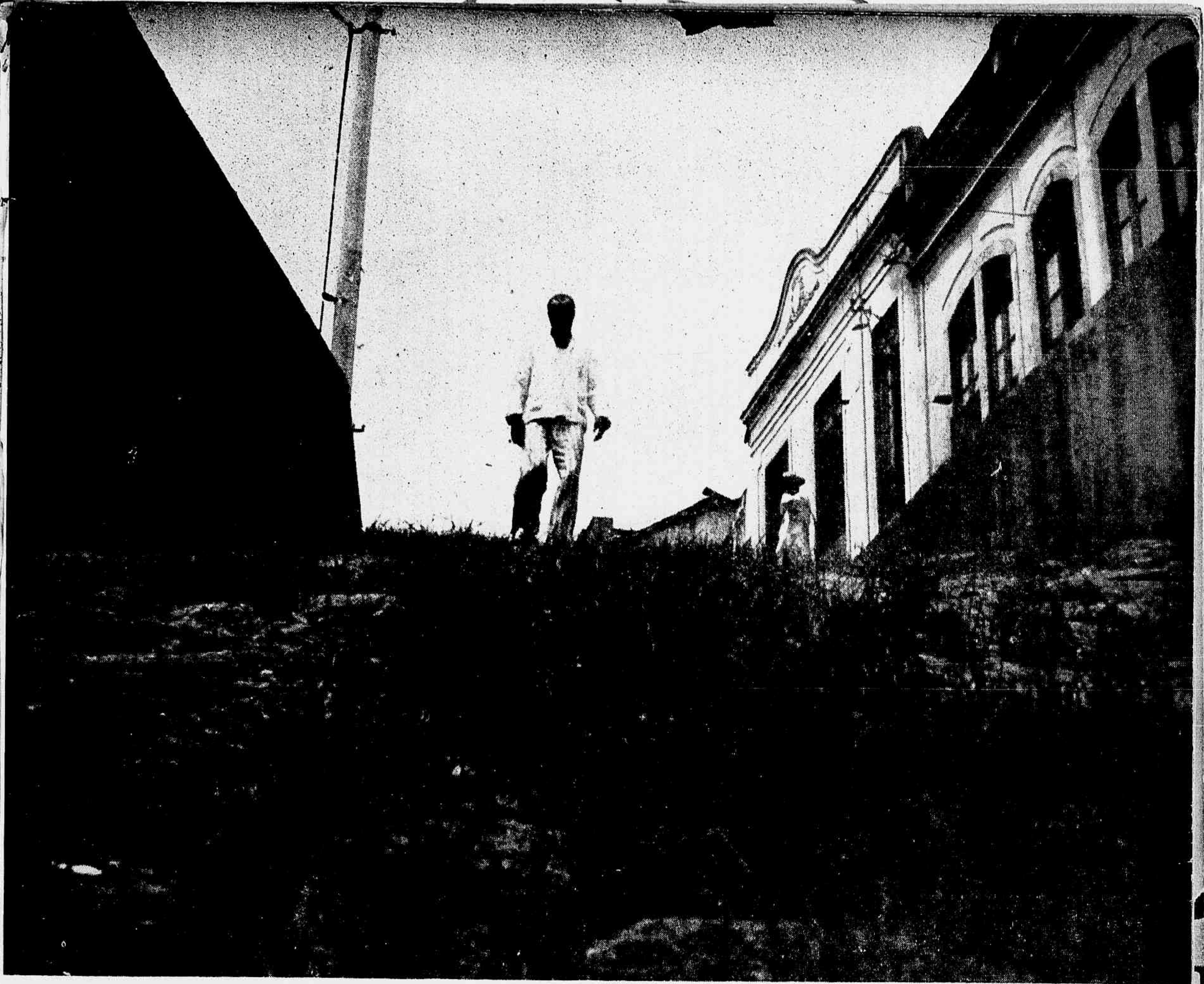
"De André Vidal direi a V.M. o que me não atrevi até agora, por me não apressar, e porque eu que tenho conhecido tantos homens sei que há mister muito tempo para se conhecer um homem. Tem V. M. muito poucos no seu reino que sejam como André Vidal; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama; é tanto para tudo e demais como para soldado: muito cristão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, muito zeloso do serviço de V.M. e observador das suas reais ordens, e sobretudo muito desinteressado e que entende mui bem de todas as matérias, posto que não fale em verso, que é falta que lhe achava certo ministro grande da Corte de V. M."

Haverá páginas mais meditadas, mais sóbrias, mais precisas, perfil mais nítido? E' o mestre, o padre, o sábio que afirma entender





Rua Vidal de Negreiros. A subida do morro sem fim.



Os caracóis da Rua Vidal de Negreiros, que se esgueira de serra acima como se não tivesse mais fim...

Vidal mui bem de todas as matérias posto que não fale em verso". Não falar em verso era o único defeito que os portugueses do rei encontravam no estadista e soldado brasileiro. E' pena Vidal não ter feito versos, pois raro é o paraibano que não é ou não tenha sido poeta.

Mas não é somente o padre Vieira. Watjen, o erudito historiador e sociólogo austríaco, sóbrio e meditado, falando de Vidal se entusiasma que chega quase à demagogia. E tão justo em conceituar, se revolta tanto contra os que tentam ofuscar a memória de Vidal de Negreiros, que o brasileiro digno desse nome sente orgulho ao ler as suas páginas. E' esta a sua opinião acerca de Vidal:

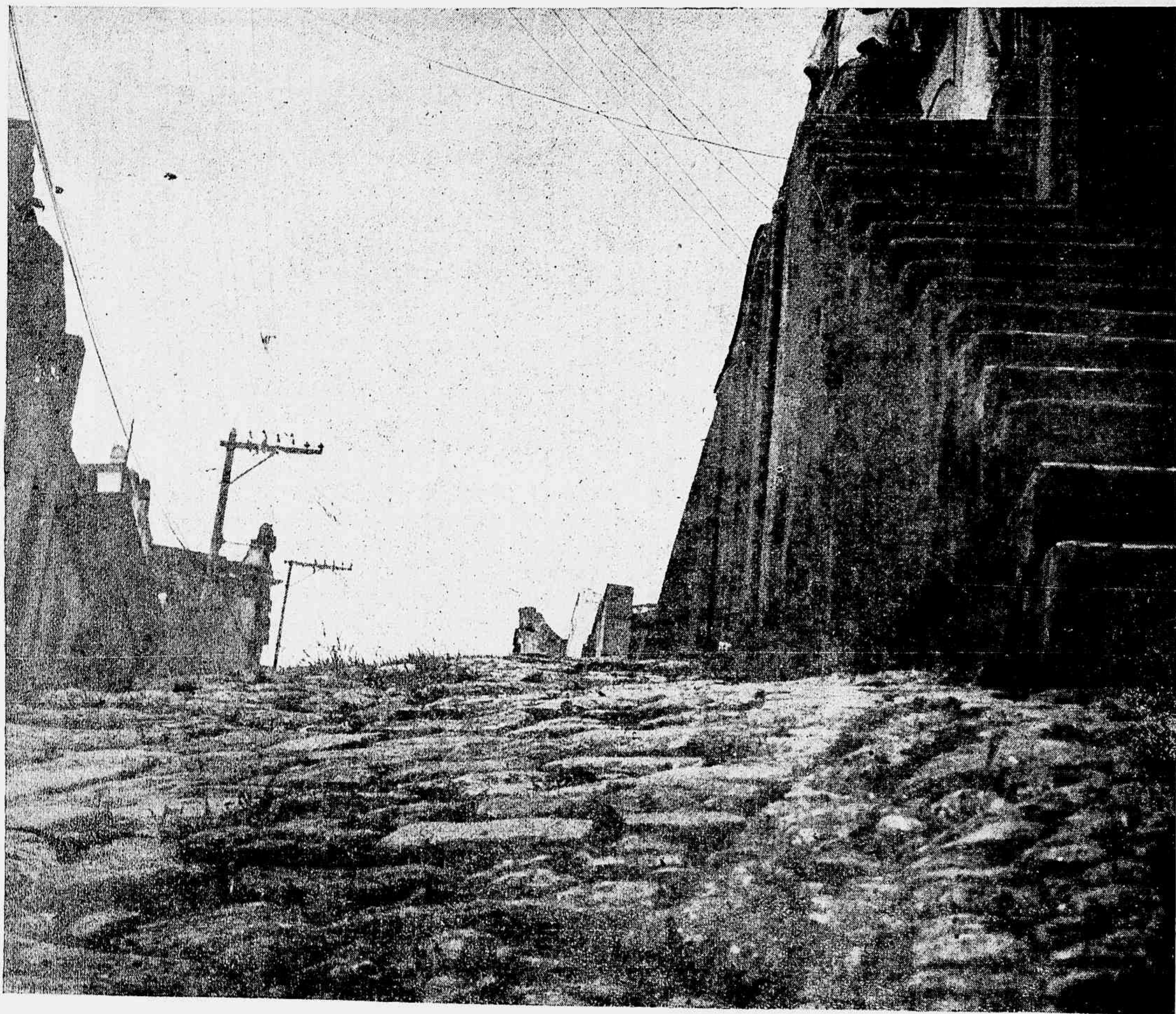
"... a honra de haver sido o criador da guerra pernambucana de libertação, não cabe a Vieira, apesar da gloriola em que o têm entretecido o seu nome contemporâneos e pósteros, — e sim a Vidal.

"Enquanto que a vida e as obras de Vieira são prescrutadas em todas as suas minúcias e Calado, Rafael de Jesus e seus repetidores inconscientes nos apresentam o herói, à luz, por assim dizer, de fogo de bengala — de André Vidal não sabemos quase nada. A sua figura mal se destaca do fundo do quadro. Não parece ter sido ele a personalidade que Vieira encarnou: fascinante, fogosa, a atrair sobre si todas as vistas. Também os documentos holandeses só falam do mulato; a ele é que todos conhecem no Recife.

"Em vista dos fatos, quem se nos apresenta como verdadeiro condutor da insurreição,



Visão das sujeiras da rua Vidal de Negreiros.



Rua Vidal de Negreiros, na Saúde — vendo-se o seu enlameamento de pedras desconjuntadas.

e, segundo dissemos, como verdadeira alma dela, é o paraibano André Vidal; embora a sua muita abnegação e modéstia quase o chegaram a ocultar à posteridade, a ponto que não poucas resistências e reações temos encontrado para levantá-lo, prestando culto ao mérito e à verdade”.

Está aí o perfil do Capitão General da resistência contra o domínio colonial holandês. Do homem que governou Angola, Maranhão e Pernambuco; do soldado que organizou o terrível sistema de guerrilhas, de emboscadas, que minou e destruiu os grandes e adestrados guerreiros batavos; do estadista que, depois de ter dado a vitória à sua pátria, garantindo a sua integridade geográfica, voltou-se para a obra social, criando em suas fazendas de Itambé um sistema de amparo à velhice, à orfandade e à viuvez desvalida, obra que somente dela o Brasil se lembrou alguns séculos mais tarde.

O Brasil muito se orgulha de André Vidal de Negreiros, mas apenas para lhe citar o nome, para disputá-lo como seu filho. Mas fica nisto. Nunca foi além. As suas cinzas descansam não no seu Estado natal mas em território pernambucano, e não existe na capital daquele Estado nem um busto que relembrasse aos moços a sua incomparável figura.

E no Rio? Quando a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Rússia, levantam monu-

(Continua na pág. 51)

As belas residências da rua que homenageia o herói dos Guararapes.





Myrna Loy, atriz que se notabilizou no cinema pelos papéis de esposa inteligente e tolerante. E' assim que ela aparece, mais uma vez, em "Os melhores anos de nossas vidas", produção de David O. Selznick.

MUITAS são as causas que podem ocasionar a infelicidade de um casal. E, é bem desagradável ter que confessar, em geral cabe disso a maior culpa à mulher. Com um pouco mais de tato e compreensão, ela poderia evitar atritos sérios e situações intoleráveis, as quais, muitas das vezes terminam em separação. São mais duas vidas destruídas pela incompreensão, falta de controle e, porque não? falta de inteligência por parte da mulher.

E' bem verdade que os homens não são santos, mas, é muito mais verdade ainda, que uma mulher hábil consegue levá-los para onde queira, sem que eles percebam que estão sendo levados por ela.

Já aquelas que procuraram impor sua vontade com palavras ásperas e gestos autoritários, só conseguem justamente o efeito contrário; o homem se rebela e resolve mostrar que "é homem mesmo", passando a contrariá-las propositadamente, com ou sem razão.

Um outro fator que provoca a justa irritação por parte dos homens, e que de fato nada tem de elegante e feminino, é a atitude que muitas mulheres tomam em presença de estranhos. Por muito íntimas que sejam essas pessoas, elas nunca deveriam presenciar quaisquer "diferenças" entre marido e mulher. No entanto, existem, e em abundância, mulheres que não só criticam, como também chamam a atenção dos demais para os defeitos que os "maridinhos" possam ter... Como se elas também não possuíssem defeitos!...

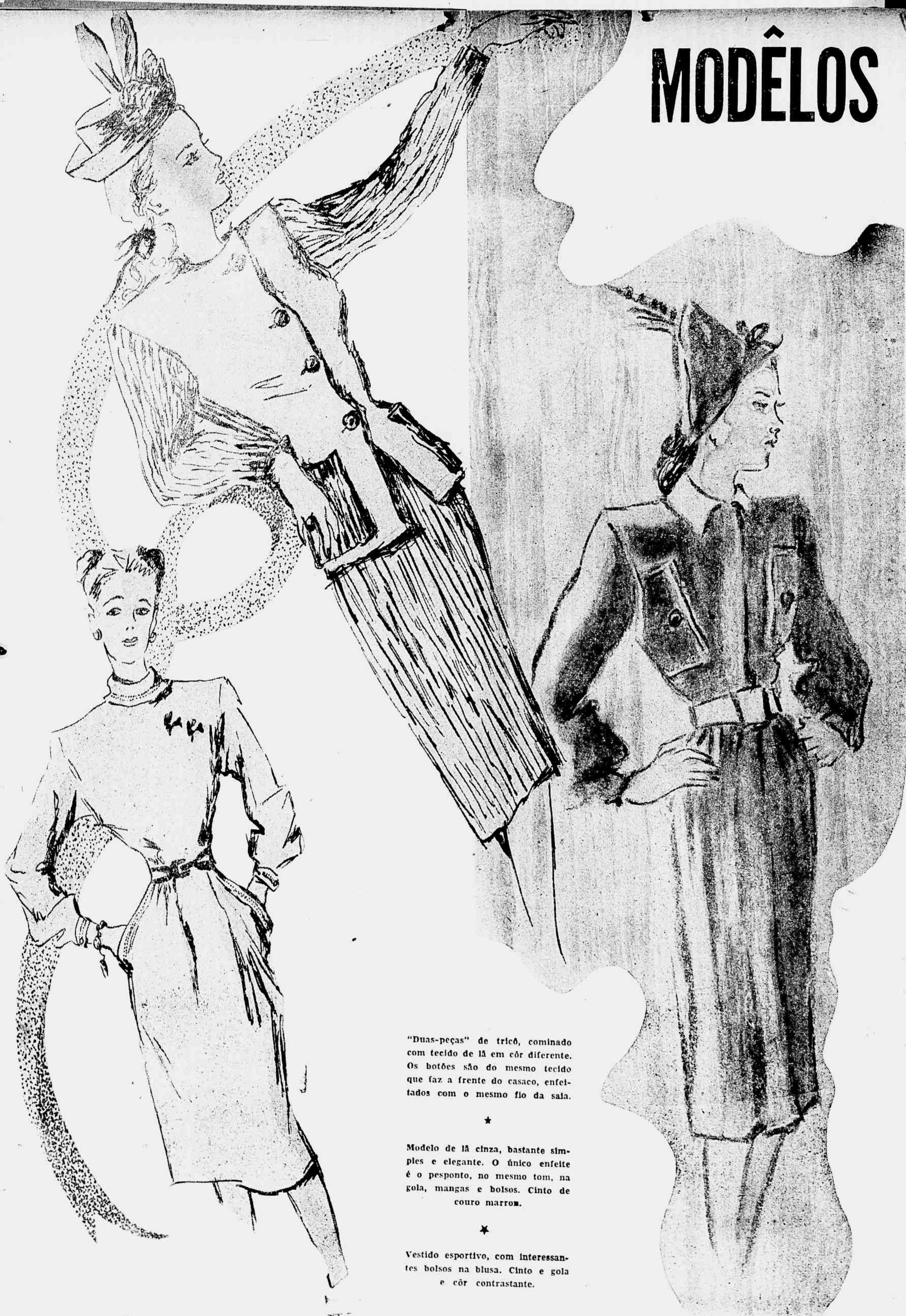
Há as que brigam, tomam ares de damas ofendidas, deixando, não só o esposo como os demais que os cercam no momento, bastante constrangidos. A essas aconselho que guardem as briguinhas para a intimidade. E' bem mais distinto e decente.

Há ainda as que se opõem a que os maridos recebam sós os seus amigos, e, o pior é que muitas delas o fazem alegando que assim "têm mais tempo de ficarem a sós..." ou afirmam de evitarem para os maridos as "más companhias"... Enfim, encontraram milhares de pretextos para isolá-los inteiramente, mesmo que para isso seja necessário recorrer à indelicadeza e mesmo grosseria. Essas são dignas de lástima. Tanto farão para isolar o marido que ele acabará por se aborrecer e achar a vida monótona e vazia. Nessa ocasião elas se queixarão amargamente, pois não compreenderão como é que o "íngrato" não se sente feliz ao lado da "mulherzinha querida"! E' preciso compreender, minha amiga, se este é o seu caso, que, por muito que o seu marido a ame, ele terá sempre necessidade de se cercar de amigos ou mesmo simples conhecidos com os quais possa conversar sobre os mais diversos assuntos, muitos dos quais não interessariam a você. Para o seu próprio benefício, cultive as relações do seu marido.

Entim, a base para a felicidade de um casal se resume em pouca coisa: qualquer mulher com boa vontade e alguma inteligência, colherá os melhores resultados desde que: não critique o marido na presença de estranhos; não tenha "arrufos" em público; não procure ser "o homem da casa", não tente afastar o marido dos seus amigos; não assuma atitudes "vampíricas" na presença de outros homens, etc., etc., etc. Como vêem é pouco, e vale a pena. — KITTY.

NOS BASTIDORES FEMININOS

MODÊLOS



"Duas-peças" de tricô, combinado com tecido de lã em cor diferente. Os botões são do mesmo tecido que faz a frente do casaco, enfeitados com o mesmo fio da sala.

★

Modelo de lã cinza, bastante simples e elegante. O único enfeite é o pesponto, no mesmo tom, na gola, mangas e bolsos. Cinto de couro marrom.

★

Vestido esportivo, com interessantes bolsos na blusa. Cinto e gola e cor contrastante.

PARA O INVERNO



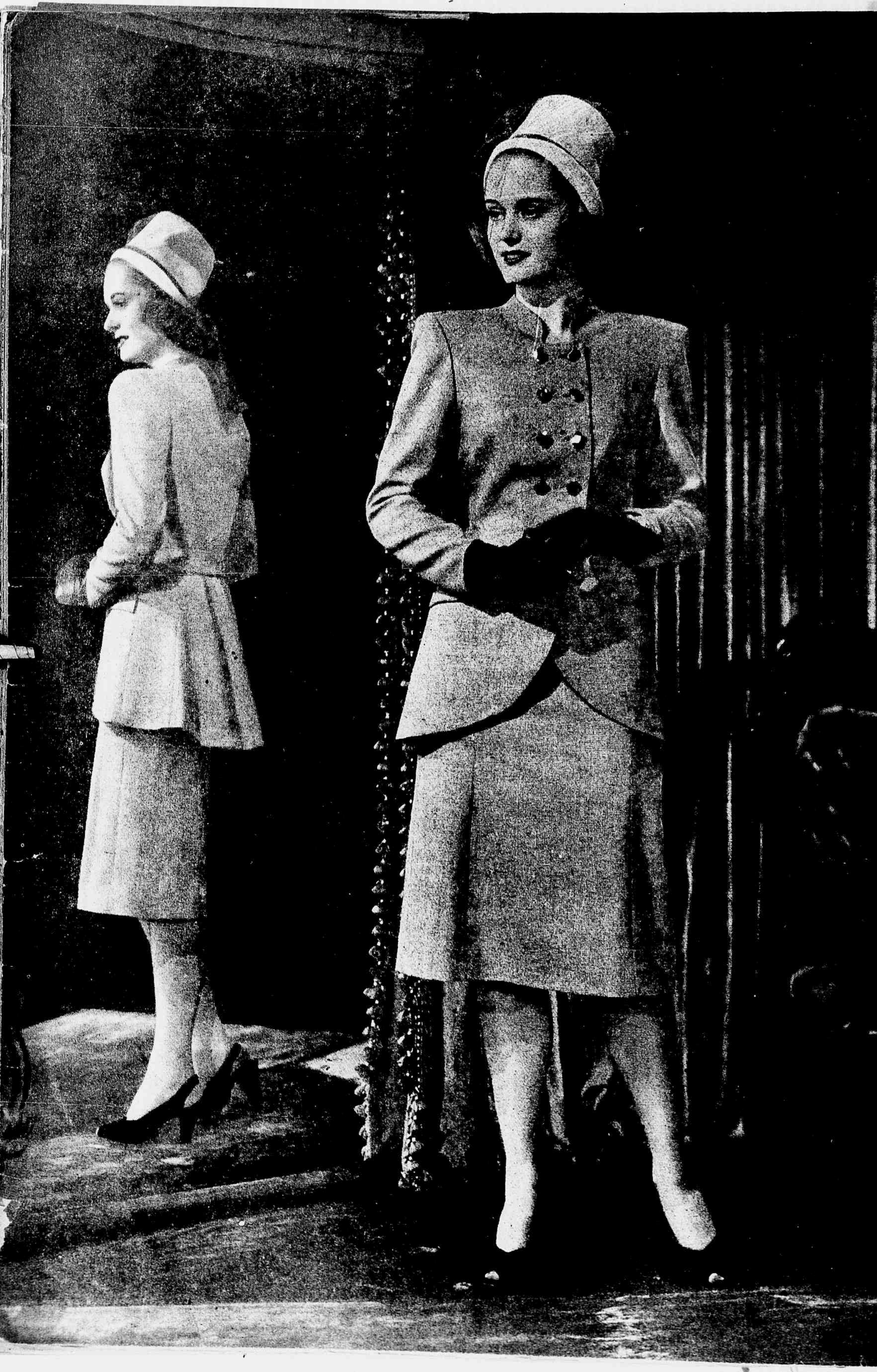
Conjunto muito elegante composto de "sweater" de lã angorá e saia escocesa. O emblema e o largo cinturão são de couro.



Modelo de linhas simples para "jeune filles". Gola alta. Pespointos em toda a frente e nos bolsos.



Vestido muito prático, de lã azul. A blusa dá impressão de bolero abotoado. A cintura aparece apenas na frente. As mangas são "três-quartos", com punhos.



PARA A PRÓXIMA ESTAÇÃO



Em gabardine cinzenta é este "tailleur" de Jacqueline White, da RKO Radio. Observe a originalidade do casaco; há uma espécie de largo "macho" em toda a sua extensão. Botões marrons. Bolsos embutidos laterais. Saia muito simples.

Podemos apresentar hoje às nossas leitoras as últimas criações dos costureiros de Hollywood, para a próxima estação. Qualquer um dos modelos apresentados, tem muito "chic" e veste muito bem.

A encantadora Olivia de Havilland, em foto da Universal Pict., nos apresenta este admirável modelo de lã cinza, de talhe alto, gola justa ao pescoço, "pences" na cintura e grande bolso na saia. Mangas compridas, bastante justas do cotovelo para baixo.



← E' de muita classe este "tailleur" de Alexis Smith da Warner Brothers. Pelo espelho vocês podem verificar a elegância do "godet" atrás, no casaco. Gola alta, recortada, casaco arredondado na frente e fechando com duas carreiras de botões.

Para completar, chapeu de feltro cinza claro, coroa bastante alta.



Vestidinho de lã, muito gracioso, este que nos apresenta Martha Vickers da Warner Bros. E' todo aberto na frente, fechando com botões invisíveis, cobertos por larga "pestana". "Pences" começam mais largas na blusa, terminando bem estreitas na saia.



PARA A MANHÃ

Martha Vickers, essa "estrelinha" graciosa da Warner Bros., veste, sobre um pijama de cetim branco, um "robe", muito confortável e elegante, de cetim estampado, acolchoado e pespontado. O "robe" não tem mangas, é "godel", mais comprido atrás do que na frente.



TOL-7-9

Muito suntuoso e elegante é este modelo que a bellissima Lenore Aubert nos apresenta, confeccionado em cetim preto com listras brancas. Observem a maneira interessante com que são unidas as listras brancas na frente da saia, abrindo para os lados e formando "diadema".

PARA A NOITE

*Cada vez mais alto no
Conceito do Público...*

The advertisement features a central microphone with the word "PRES" on its top grille. Radiating from the microphone are several program schedules and star names, each enclosed in a star shape. The programs are:

- 4ª FEIRA 21 HORAS**
NO MUNDO DA CAROCHINHA
- 2ª FEIRA 21,35 HORAS**
LENDAS DE TODO O MUNDO
- 2ª FEIRA 21 HORAS**
HALL DA FAMA
- 6ª FEIRA 21,35 HORAS**
SE TIVESSE ACONTECIDO
- 3ª FEIRA 21 HORAS**
MUSICA SUBLIME

The stars contain the names of the hosts or performers:

- ZEZE FONSECA**
- ALCIDES GERARDI**
- AMARAL GURGEL**
- SADDI CABRAL**
- ATAULFO ALVES E PASTORAS**

The signature "FABIO" is located near the bottom right star.

Radio GLOBO



Um chapéu bem feminino... Usa-o a belíssima Merle Oberon, "estrela" da Universal. - E' de tafetá rosa pálido, com grandes flores e "aigrettes" no mesmo tom.

Ainda Maria Montez, a encantadora "estrela" da Universal, usando desta vez um modelo de veludo negro "aigrettes" também negras, para jantar.

QUATRO CHAPÉUS MARAVILHOSOS



Este, de Maria Montez, é uma espécie de "beret" de lã preta, com grande "chou" de tecido listrado preto e branco, que termina em pontas bastante longas. Ficará elegantíssimo com um vestido preto, para uma tarde no Jockey, um "cocktail", etc.

★

EIS quatro maravilhosas sugestões que a vocês são enviadas pelas mais belas e mais famosas "estrelas" de Hollywood. Cada chapéu tem o seu encanto próprio e o seu uso próprio também.

★

Agora é Deana Durbin, essa figura eternamente jovem, num modelo de John Fredricks, o chapaleiro da Universal, em palha rosa com aba de "crinoline" também rosa. Na frente, uma rosa atravessa a aba.







Grande casaco de lã branca, "três-quartos", cintado e com grandes bolsos. Botões marrons.



SUGESTÕES DE RUTH WARRICK

Vestido para casa ou para a praia, em "piqué" branco com babados nas mangas e na sala formando avental. Figuras mexicanas são aplicadas na saia.



Modelo para a tarde, estampado preto, rosa e branco. Mangas japonesas, decote quadrado. "Basques" duplas sobre os quadris.



Na página ao lado: "Echarpe" e chapéu de tafetá escocês, é a última criação da moda, nos sítz Ruth Warrick. O chapéu tem a cona alta e a aba despontada.



UM MODELO SENSACIONAL

VIRGINIA MAYO, que, em "Os melhores anos de nossa vida", revela-se atriz de grandes qualidades dramáticas, apresenta-nos um modelo de cetim preto, muito elegante e original. As mangas japonesas são também drapeadas. Na cintura, uma tira presa, atravessa as frentes, saindo de cada ponta ligada "drapé". (Foto RKO Rádio).



DE S. PAULO — Este flagrante foi tomado quando o senhor dr. Carlos Rizzini, Diretor Geral do Departamento Estadual de Informações, deu posse aos senhores Péricles Eugênio da Silva Ramos, Corifeu de Azevedo Marques, Astrogildo Sinatra e Ernani da Silva Bruno, respectivamente diretores das Divisões de Divulgação (Agência Nacional), Administrativa, Divulgação Cinematográfica e Turismo e Expansão Cultural. Estiveram presentes ao ato diretores e redatores de jornais, representantes da Associação Brasileira de Escritores, diretores e chefes de Serviço das divisões e seções do D.E.I. e da Secretaria da Segurança Pública e numerosos amigos dos diretores recém-nomeados. Após empossar os novos auxiliares, o senhor Carlos Rizzini pronunciou breve oração congratulando-se com o governo do Estado pela escolha dos novos diretores de Divisão do D.E.I. Agradecendo as palavras do diretor geral, falou o senhor Corifeu de Azevedo Marques. A seguir, os novos diretores assumiram seus cargos.

O AVIADOR FILMER

(Continuação da pág. 229)

thar no seu aparelho. Presidiu à fabricação de todas as partes dele e reuniu-as no quarto em que residia em Londres, no bairro de Shoreditch; a montagem final, porém, foi executada em Dymchurch, no condado de Kent. Não apresentava o aparelho dimensões bastante amplas para transportar um homem, todavia, para registrar o voo, empregou Filmer, de maneira em extremo engenhosa, o que então se denominava os raios de Marconi. A experiência inicial dessa primeira máquina voadora praticável efetuou-se por cima dos campos que se estendem pelo território de Burford Bridge, perto de Hythe. Filmer acompanhou e observou atentamente o voo do aparelho, sobre um triciclo a petróleo, de construção especial.

Tamadas em consideração várias circunstâncias, a experiência alcançou um êxito superior a todas as expectativas. O aparelho foi de Dymchurch a Burford Bridge em um caminhão. Ai chegado, e posto em estado de funcionar, ascendeu a uma altura de cerca de trezentos pés, desceu em linha oblíqua quase até Dymchurch, virou de bordo, tornou a elevar-se, descreveu um círculo e finalmente aterrou sem obstáculo em um campo, atrás da hospedaria de Burford Bridge. Ocorreu um fato estranho durante a descida. Abandonando o triciclo, Filmer galgou a ribanceira, avançou uns vinte metros em direção ao seu triunfo, depois, erguendo os braços, principiou a fazer as mais estranhas gesticulações e caiu sem sentidos. Todos se recordaram então da extraordinária palidez do seu rosto e da sua extrema excitação enquanto durara a experiência, — sintomas que de outro modo teriam ficado em olvido. Passado isso, tendo voltado a si em uma sala da hospedaria, ele foi tomado de uma crise inexplicável de soluços.

O acontecimento não teve mais que vinte testemunhas ao todo, cuja maioria

(Continua na pág. 50)

NOTÁVEL, QUERIDA!...
que grande almoço!...



Ah!... é um almoço com
Malzbier da Brahma!



Não há dúvida!... Um pequeno almoço torna-se grande e completo quando acompanhado de Malzbier da Brahma!... E a presença à mesa de Malzbier da Brahma torna-se ainda mais indispensável quando é para compensar a falta de um ou outro alimento. Rica em malte, Malzbier da Brahma completa, equilibra e aumenta o valor nutritivo de qualquer refeição. E, por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, é a cerveja familiar por excelência. Prove-a... ah! que sabor!

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE

1807

Record



O ABUTRE

A sala estava quase na penumbra. O ruído que vinha da rua era manso e não conseguia violar o silêncio da sala. Devia chover porque alguém puxou um agasalho para os ombros e fez um gesto de quem sente frio.

Um fósforo foi riscado. O zap! que fez o palito ao se incendiar no silêncio da sala, foi como que a explosão de uma bomba. A chama avivou o rosto do cavaleiro de marrom e deu um retoque todo especial aos seus olhos tristes. Mas ninguém falou ainda. Apenas u'a mão estendeu o cinzeiro, por mera delicadeza. Nada mais.

Agora, todos podiam ouvir o ruído da chuva no telhado, sen-

tir a presença de um friozinho irritante que fazia vibrar as cortinas da sala, velhas cortinas bordadas com esmero e cuidado, estranguladas por um laço de fita amarela desbotada pelo tempo.

A empregadinha, que apareceu na porta do quarto, contou mentalmente o número de pessoas que se achavam ali com o doente. Eram seis. Seis xícaras de café, outra vez. A velha estava de lado, fora da conta. Morria na certa. Se seu Dr. Balduino dizia que ela ia se levantar e convalescer era porque não queria perder a freguesia gorda de quase dez anos... E estirava, estirava.

Virou sobre os tacões dos sa-

Conto de
**EDUARDO
CAMPOS**

Ilustração de
**ABELARDO
ZALUAR**

patos e foi aumentando com seus passos o ruído que agora se precipitava do telhado para o chão, da rua para dentro de casa.

— Deve ter muita febre...

Todos ergueram a vista a um só tempo.

D. Maria falara mais uma vez. Que força, que coragem! Naquele casarão, há dois dias, desde que a velha adoecera de repente, apenas uma voz se fazia ouvir. **A voz de D. Maria.** como ela era temida por todos... A todo momento, os outros estavam aguardando uma acusação. Por isso, não falavam, confirmavam apenas a última sentença do dr. Balduino: o caso é perdido, mas pode ser...

Mas eles não temem apenas D. Maria. Aquele homem que está ali, parado, lançando uns olhos maus para os outros, representa o perigo da herança. Veio de longe, do Rio de Janeiro, quando soube do ataque da velha. Dizem, e tudo pode ser verdade, que ele assassinou a esposa, friamente, e fugiu com uma amante para Buenos Aires.

Houve alguém que se insurgiu contra a presença de um filho tão ruim naquela casa. Mas Pedro veio. Apareceu sem ninguém dizer nada, sem haver telegrama, nem nada. Chegou ao velho sobrado, trazendo um temporal que não passava e comunicava a morte por aquele friozinho dos diabos.

D. Maria sabe perfeitamente porque não queriam Pedro em casa. A herança da velha ficava para cinco, com uma fazenda para cada filho. As 10 léguas de terra estavam ali e o "Sítio Felicidade" esperando o momento da partilha. E todos aguardavam apenas o momento exato para disputarem a terra que pertencera a quase cinco gerações.

Mas Pedro veio... O abutre estava ali estendendo suas garras, fazendo calar as bocas do ódio, do crime e do embuste.

D. Maria, se não fez aliança com os outros, não avançou palavra com o intruso. Aquele homem representava um perigo mortal para cada um. Viera para destruir, simplesmente, para aniquilar os castelos que eles arquitetavam. E quando se retirava da sala onde a velha agonizava, era para preparar um golpe mortal contra Pedro. O abutre precisava ser vencido.

D. Marieta, a irmã mais nova, chegou a romper ostensivamente com D. Maria. Fora ela quem mandara chamar Pedro. Foi preciso que Anselmo, todo trêmulo, dentro de seus complexos, com receio de perder o sítio que cuidava há mais de vinte anos, serenasse os ânimos.

Por isso, nesta noite, na sala deserta de vidas, estavam todos mais ou menos rompidos uns com os outros, mas intimamente ligados contra aquele homem que viera de longe perturbar a boa marcha dos planos. E o abutre se mostrava imperturbável. Se erguia a vista era para desfazer qualquer zum-zum que ia pelo quarto ou para fazer baixar um par de olhos medrosos.

Quando o café chegou, todos procuraram se servir a um só tempo. Mas a verdade é que nenhum deles queria tomar café. Apenas faziam esse atropelo para fugir do silêncio que os envolvia mortalmente.

— Mais açúcar?

Anselmo respondeu um sim! tão alto que ele mesmo se assustou. D. Maria pensou lá com os seus botões. "Ele não ouviu lhe dizerem isto. A palavra açúcar teve um sabor diferente: dinheiro!"



A bandeja solenemente recolheu todas as xícaras e desapareceu levada pelas mãos frias da empregadinha. "Diabo, que gente esquisita! Vou deixar esta casa. Mesmo porque não suportaria este apanchamento... Ao menos se a velha morresse e eu entrasse também no dinheiro... Ah! o dinheiro da velha..."

D. Maria cerrou os olhos. Teve a impressão que Pedro, seu irmão, era o demônio. Num sobressalto bateu com a mão gelada de medo no rosto de Antonino, o irmão mais novo. Este abriu a boca num grito pavoroso que abalou a própria doente. Todos se assustaram. Mas ele, sempre ele, calmo, com os olhos maus, olhando a todos... Não se mexeu. Não disse nada. Fez apenas um gesto de repreensão.

Antonino mergulhou na poltrona. Anselmo foi pensando atôamente. Então, aquele bandido vinha tirar a fortuna dele, a fortuna que ele merecia?! Ele se reconhecia como o mais ho-

nesto dos irmãos. Sempre trabalhara com a velha. Fora um advogado honesto em todas as questões da família. Era justo que ficasse com aquele estoque de aguardente que valia uns trinta mil cruzeiros... Era justo...

Marcos se debatia também em pensamento. E agora, que fazer de seus compromissos? Na certa o destino miserável lhe perseguiria mais uma vez. Agora, tinha que ver a fortuna repartida para mais um, para aquele homem que era o mistério da família, julgado morto não se sabe quantas vezes. Ah! vida infame! "Paris, Nápoles..." Houve um momento em que ele não viu sua mãe estendida na cama. Vislumbrou uma mulher muito linda jogando, aos seus pés, moedas de ouro. Riu de prazer. Estava rindo quando abriu os olhos e viu que os outros o observavam. Teve vontade de dizer, de gritar que todos ali eram cretinos como ele, que estavam loucos para ver a velha morrer, especialmente o abutre, tão ruim, tão sórdido que nem falava, que nem dizia nada e continuava calado, sinistro, olhando-os com persistência.

Seu Felipe levantou-se da cadeira de embalo e foi ao leito.

Precisava fazer alguma coisa para passar o tempo. Lembrou-se então de pegar no pulso da velha.

— Deve estar com febre...

Antonino desejou um jarro de flores para esborraçar na cabeça do irmão. Então, aquele infeliz não sabia outra coisa para dizer, não? Cretinão!

Anselmo não tomou conhecimento do que se estava passando na sala. Calculava a reforma do engenho, a safra do próximo ano e uma viagem ao Rio de Janeiro. Elvira não devia ir. Ficaria em casa. Gastaria dinheiro, muito dinheiro nos cassinos...

O remorso bateu no seu peito. "Ora, é tolice!" Não adianta sentir remorso. A vida era assim mesmo. D. Francisquinha vivera muito. Era justo que morresse, que fosse descansar na eternidade...

— Sim, descansar...

Marcos pegou o resto da palavra para descansar para a felicidade deles. Para o pagamento

Antologia Brasileira do Conto

EDUARDO CAMPOS é um jovem contista cearense que estreou há três anos com o livro "Águas mortas", altamente louvado por Mário de Andrade. A crítica, aliás, tem assinalado certas afinidades entre a maneira de contar do autor cearense e a do grande criador de "Macunaima". Isso, entretanto, não tem maior importância, pois os dons de ficcionista original e de estilista personalíssimo, revelados neste conto de seu segundo livro, "Face iluminada", recentemente aparecido, bastava para assegurar a Eduardo Campos um lugar de primeiro plano no número dos contistas desta geração.

de certas dívidas, para o luxo de outros prazeres.



A chuva diminuíra. O vento deixara de soprar. A velha mexia-se no leito e fazia gestos incompreensíveis com a mão semi-morta. D. Maria não enxergava a velha. Antonino estava no mundo da lua, perdendo dinheiro em Paris, em Buenos Aires. Marcos pedia a mão de Glorinha em casamento. Anselmo gozava as férias e gastava dinheiro na banca de jogo. Prometia viagens... viagens à volta do mundo. Marieta andava fugindo com o namorado sem dinheiro...



A chuva, agora, desapareceu de todo. O vento se sumiu também.

Nesse momento, eles voltaram desse mundo de fantasias e olharam para o leito da moribunda. E com surpresa, o abutre estava debruçado sobre a pobre velha. Uma vela de chama trêmula ardia entre suas mãos. Um a um, os outros irmãos foram se acercando do leito... Pensamentos estranhos tomavam conta de todos. "Teria o desgraçado acabado de matar a velha?" E já ao redor da cama, sentiram que não existiam, que eram simplesmente miseráveis... Aquele homem de feições austéras, silencioso e frio, de uma vida legendária e infame, tinha os olhos cheios de lágrimas quentes e sentidas.

E não foi com a voz de abutre que ele falou...

— ...Irmãos, choremos. Nossa mãe repousa na santa paz de Deus!



Sobre o telhado a chuva re-bentou, outra vez, em desespero...

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

Combate os resfriados

Instantina

Alivia as dores

BAYER

O aviador Filmer

(Continuação da pág. 47)

ra incapaz de formar a mínima idéia sobre o que se passava. O médico de New Romney viu a ascensão, mas não assistiu à descida, porquanto o seu cavallo, assustado com o ruído do aparelho elétrico fixo no triciclo de Filmer, empinou-se e derribou a carroagem. Dois gentes da força pública, empoleirados em uma carroça, assistiram a tudo; sem mistério oficial enfim, um vendedor em exercício da sua profissão e duas senhoras leilistas completam a lista das testemunhas esclarecidas. Além disso, assistiram a cena dois repórteres: um deles colaborava em um jornal de Folkstone, o outro pertencia à classe dos jornalistas que se restam a tudo e colocam a sua cópia o sabor do acaso. Este último achava-se ali a expensas de Filmer, que, sempre ansioso por informar o público, tinha enfim compreendido de que modo se obtém um reclame eficaz. Demais, o homem era um desses escribas que possuem o talento de apresentar sob um aspecto absolutamente quimérico os acontecimentos mais reais; a sua apreciação do fato, meio faceciosa, foi inserida entre várias outras ocorrências em um jornal popular. Mas, felizmente para Filmer, os métodos orais da personagem eram mais convincentes. Ele foi propor uma "fatia" mais ampla sobre este assunto a Banghurst, o proprietário do "Jornal Novo" e um dos homens mais hábeis e menos escrúpulosos do jornalismo londrino. Banghurst saltou incontinenti sobre o caso. Depois disso, não mais se ouviu falar do repórter que desapareceu — sem dúvida muito escassamente remunerado. E Banghurst, o próprio Banghurst, — duplo queixo, terno de croisé cinzento, abdomen, voz, gestos e tudo, — apareceu em Dymchurch, atrás do seu nariz jornalístico, vasto e incomparável. A primeira vista dolhos, ele entrevira tudo, tanto o fato em si mesmo, como o que dele se poderia fazer.

Ao sinal da sua varinha mágica, por assim dizer, as investigações de Filmer, há tanto tempo ocultas, patentearam-se à luz meridiana. Instantaneamente e magnificamente, tornou-se universal a fama do inventor. Todo aquele que folhear as coleções dos jornais do ano, ficará perplexo ante a rapidez, a incrível prontidão com que naquele tempo a voga se apoderava de um homem. Os jornais de julho nada conhecem, nada divisam na navegação aérea; com um silêncio dos mais eloquentes, eles testemunham que os homens nunca poderão voar. Em agosto, as máquinas voadoras e Filmer, as ascensões e os para-quedas, a navegação, a tática aérea, o governo japonês e Filmer, substituem, na primeira página e à última hora, "a guerra do Yunnan e a descoberta das minas de ouro da Groenlandia setentrional". E Banghurst dá dez mil libras esterlinas, depois Banghurst dá outras cinco mil. Enfim Banghurst põe à disposição de Filmer seus famosos e magníficos laboratórios (até então sem aplicação), bem como vários hectares de terreno em volta da sua casa de campo, para facilitar a conclusão iminente da máquina voadora prática. Nesse interim, por ocasião de várias "garden parties", Filmer ia exibindo o seu invento aos olhos das multidões privilegiadas que obtinham ingresso nos jardins da residência que Banghurst possuía em Fulham. Nessas ocasiões, o inventor fazia funcionar o seu aparelho reduzido. Mediante enormes despesas, mas finalmente com um proveito enorme, o "Jornal Novo" ofereceu aos seus leitores uma soberba fotografia em lembrança da primeira dessas reuniões.

Aqui temos que recorrer novamente à correspondência do poeta Arthur Hicks com o seu amigo Vance:

"Eu vi Filmer em plena glória, — escreve Hicks, com uma pontinha de inveja desculpável em um poeta um pouco fora da moda. — Ele anda agora escovado, penteado, barbeado, trajado à moda de um conferencista das matinées do Instituto Real; as suas casacas são da última moda e ele calça compridos sapatos envernizados. A sua presença sugere-me a impressão extraordinariamente matizada de um ser que é ao mesmo tem-

po um grande homem um tanto "coruja" e um concertador de chaminés admirado e maligno, cuja última travessura acaba de ser descoberta; não se vê o menor sinal de cor debaixo da pele do seu rosto; a sua cabeça projeta-se para diante e os seus olhinhos exquisitos, cor de ambar escuro, espiam furtivamente as circunvizinhanças, em busca da almejada fama. As roupas assentam-lhe perfeitamente, e, no entanto, do lado das costas, parecem ter sido compradas feitas. Ele fala sempre entre dentes, mas consegue-se por fim perceber que profere asserções formidáveis; instintivamente ele recua até os últimos grupos, se Banghurst o abandona por um minuto, e, se ele por acaso se põe a passear um instante sózinho pelo prado, logo se verifica que se acha um pouco esbofado, que anda aos arrancos e que aperta uma contra a outra as débeis mãos brancas. Acha-se em um estado de tensão perpétua — uma tensão horrível! Ele é o grande inventor da nossa época e de todos os tempos! Faça-se uma pequena idéia! O que impressiona de modo estranho em toda a sua pessoa, é que ele parece não ter esperado ver o que vê, ou pelo menos que a coisa se passasse tal como vê. Banghurst está em toda a parte ao mesmo tempo, é o energético barnum do seu grande prodigioso, e apostou em como levará o universo inteiro àquelas campinas antes que a máquina fique terminada. Ontem, havia capturado o primeiro ministro, e o diacho do inventor não se mostrou emocionado com isso. Imaginem: Filmer, o nosso obscuro e pouco adulado Filmer a glória da ciência britânica! Várias duquezas se comprimem ao redor dele, algumas mulheres de pares do reino, soberbas e audaciosas, lhe perguntam com as mais belas vozes claras e límpidas (já notaram como a senhora do alto tom se tem tornado "penetrante" nestes últimos tempos?): "Oh senhor Filmer, como pôde inventar isto?" Os homens fora do vulgar não possuem o talento da réplica. Imagine-se uma resposta do gênero das frases de interview: "Um trabalho que não se leva sem hesitação e sem reserva, minha senhora, e, talvez também, sem uma certa dose de aptidão".

Até aqui, Hicks, corroborado pelo suplemento fotográfico do "Jornal Novo", está suficientemente em harmonia com o objeto da descrição. Em uma das ilustrações, vê-se a máquina descendo em cima, em uma aberta dos alamos. Em uma outra, Filmer está sentado diante das baterias condutoras, os grandes da terra e as beldades deste mundo, reunidos em volta dele, vendo-se Banghurst acampado modesta mas resolutamente um pouco atrás. O grupo é de um propósito extraordinário. Mascando uma parte de Banghurst e contemplando Filmer com expressão pensativa e sonhadora, lady Mary Elkingharn, sempre formosa, a despeito dos boatos escandalosos e de seus trinta e oito anos, é a única pessoa do grupo que parece ignorar que o aparelho fotográfico está funcionando.

Todos estes detalhes são, afinal, muito estranhos à nossa história. E' fora de dúvida que nós ignoramos o que constitui o real interesse da nossa história. Quais eram durante todo esse tempo os sentimentos íntimos de Filmer? Quantos pressentimentos penosos se dissimulavam sob aquela elegante sobre-casaca nova? Nos jornais e publicações a todo o preço, desde um soldo até um franco e mais, ostentava-se o seu retrato; o mundo inteiro o proclamava o maior inventor da época e de todos os séculos. Ele tinha inventado uma máquina voadora prática, e, dia a dia, no alto das colinas de Surrey, preparava-se o mode-

(Continua na pág. 52)

Senhoras!

Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULA

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Margaret Chapman

(Continuação da pág. 26)

do cinema, onde causou uma verdadeira sensação logo a sua chegada.

O primeiro filme de Marguerite Chapman não foi, porém, para a Warner Brothers. Foi para a 20th Century-Fox, que a tomou "emprestada", e a película se chamou "The Jones Family on Their Own". Voltando ao estúdio da Warner Brothers fez "Namoradas da Marinha" (Nave Blues). Fez mais alguns filmes com esta companhia e a seguir se transferiu para a Columbia, onde está sob um contrato por longos anos. O seu primeiro grande filme para este último estúdio foi "Destroyer", no qual a artista apareceu ao lado de Edward G. Robinson e Glenn Ford. A seguir trabalhou nas seguintes películas: "Encontro em Berlim" (Appointment in Berlin), "Meu reino por uma cozinheira" (My kingdom for a cook), "O banquete da morte" (Strange affair), "O escorpião vermelho" (One way to love) e "Alma russa" (Counter-Attack).

Em "Alma russa" Marguerite Chapman teve como galã o "astro" Paul Muni e fez o papel de uma jovem guerreira, que durante todo o desenrolar da fita usava apenas uma roupa — e uma roupa de homem... Entre os seus filmes mais recentes estão "Notável impostor" (Paradise my past), com Fred MacMurray; "E as muralhas ruíram" (The walls came crumbling down), "Paixões turbulentas" (Mr. District Attorney) e "Three were thoroughbreds". Neste filme é ela a "leading lady" de Robert Young.

Possuidora de uma plástica impecável — foi recentemente detentora do prêmio para a mais linda "sereia" de 1947 — Marguerite Chapman é uma das atrizes mais altas de Hollywood. Tem 5 pés e 7 polegadas de altura, pesa 123 libras. Tem cabelos castanhos e olhos azuis. E, de fato, um tipo perfeito de "sereia". Hoje, a "estrela" tem um belo futuro artístico diante de si, como prêmio pela sua beleza e talento admiráveis.

A mumia viva da...

(Continua na página 27)

— Ainda sabe ler e escrever?

— Claro que sei. Quer ver?

E Maria Capitulina pôs-se a ler, em voz alta, as letras miudinhas de um jornal, sem o auxílio de óculos. Falou em seguida em francês, em inglês em italiano. Assombrou todos os presentes, que se aglomeravam em torno da mesa. Pensamos logo numa reportagem.

— A senhora gostaria de tirar uma fotografia? — indagamos.

— Quero sim. Eu conheço um retratista ali adiante, na rua Senador Pompeu. Vamos lá?

Maria Capitulina levantou-se, pediu que lhe dessemos a mão e fomos ao fotógrafo. — "Quero sair rezando, disse ao sentar-se diante da objetiva — quero sair de cubero solto, quero sair bonita, quero mostrar a fotografia a meu marido".

O fotógrafo bateu a chapa. Maria Capitulina se dirigiu a ele, recomendando: — "Olhe, já fui empregada de retratista. Foi há muitos anos. Naquele tempo a fotografia era um luxo. Hoje qualquer um tira fotografia... A minha deve ser bem retocada. Quero sair bonita".

E voltando-se para nós: — "E o senhor, doutor, que vai fazer com minha fotografia?"

— Vou publicá-la no jornal.

— A velhinha sorriu satisfeita. — "Vai falar de mim?"

— Vou.

— Então vou pedir à Nossa Senhora de Jeju que lhe dê bastante saúde. Mas olhe, quero assinar a sua "escrita". Pode?

— Pode, velhinha.

— Maria Capitulina pegou no lapis, molhou a ponta e foi rabiscando, soletrando seu nome em voz alta. Com muita dificuldade, levando alguns minutos, terminou a espinhosa tarefa. Em seguida, pediu que a acompanhassemos até a avenida que vai mudar de nome. Enquanto eu minhavamos pensávamos na força da vida. Diariamente ouvimos queixas de gente nova, desiludida por um ou outro motivo, e para quem a vida se torna uma coisa barata. Dentre as coisas baratas, a mais barata... Falam na morte como num remédio amargo, que cura todos os males, não possuem forças suficientes para enfrentar os reveses da vida. E aí está Maria Capitulina de Figueiredo com mais de cem anos de idade, que anda o dia inteiro pedindo esmola, que sustenta o pobre marido e que quer passear, cantar, ver o sol...

Numa rua tortuosa e esquecida...

(Continuação da pág. 34)

mentos aos seus maiores, aos heróis da sua história, aos seus guerreiros, que fazemos nós pelos nossos? Aí está a única homenagem que foi no Brasil prestada a André Vidal de Negreiros, a cuja espada se deve o território não ter sido dividido nos meados do século XVII.

Aí está expressa nestas significativas fotografias. É um pedaço sujo de um morro velho e sujo; uma pobre rua que se esgueira de ladeira acima, uma viela, esburacada, forrada de enormes pedras desconjuntadas, cheia de cabeças-de-porco, a ponto de causar revolta a quem vai visitá-la e vê-la.

Os moradores da chamada rua Vidal de

(Continua na pág. 58)



Assegure desde agora para sua pele a encantadora

Beleza de Adolescente

Para possuí-la, não oculte...

Corrija

as imperfeições da cutis com LEITE DE COLONIA.



CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua pele com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da cutis. Ao deitar-se, para retirar o maquiagem e limpar novamente a pele.

Não é um privilégio das adolescentes a pele jovem e acetinada. Muitas mulheres conservam esse dote de juventude por muitos anos. E certamente também é seu desejo manter ou conquistar uma cutis sempre bela e fascinante. Pois, então, desde agora, decida-se a não recorrer ao excessivo e forte "maquiagem" para ocultar as imperfeições do seu rosto. Isso é um erro! Adote este método mais prático e mais fácil: evitá-las e corrija-las com Leite de Colonia. Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia remove manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções. É também excelente fixador do pó de arroz e protetor da pele. Use-o diariamente. E sua cutis se tornará ainda mais linda e mais jovem!

Leite de Colonia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE —

O aviador Filmer

(Continuação da pág. 50)

lo nas dimensões suficientes. E, assim que o aparelho estivesse pronto, seguir-se-ia uma consequência inevitável e manifesta da invenção e da sua construção, isto é, orgulhosamente e jovialmente, Filmer subiria a bordo, se elevaria ao empíreo e voaria... — a falar a verdade, todos tinham o caso como certo.

Sabemos nós, porém, agora que um simples orgulho e a alegria de ter completado a sua obra eram singularmente incompatíveis com a constituição particular de Filmer. Ninguém reparou nisso então, mas nem por isso o fato era menos real. Lícito nos é supor, sem receio de nos enganarmos muito, que uma preocupação lhe atenazava o espírito desde a manhã até a noite, e, segundo um bilhete que ele dirigiu ao seu médico, no qual se queixava de uma insônia pertinaz, temos as melhores razões de presumir que essa inquietação o perturbava mesmo durante toda a noite; não podia, em suma, afastar de si a idéia que o fazia crer que, afinal de contas, não obstante a sua segurança teórica, seria para ele uma experiência arriscada, penosa, abominavelmente desanimadora, essa de voar sem ponto de apoio a mil pés de altura.

Desde o momento em que foi consagrado como o maior inventor da nossa época e de todos os séculos, logo lhe devia ter ocorrido à mente, impondo-se-lhe à imaginação, a previsão de que seria forçado a experimentar em pessoa a sua máquina, e isto com o vazio por baixo de si. Talvez outrora, na sua mocidade, houvesse tido vertigens ao olhar para o fundo de um abismo, talvez o hábito de dormir de mau gesto costumasse causar-lhe esse desagradável pesadelo, em que nos parece que vamos caindo indefinidamente, sensação essa cujo horror ele conservava mesmo depois de despertar. Ninguém pode duvidar agora de que ele experimentasse esse horror com uma intensidade extrema.

Aparentemente, nunca ele encarou esse dever por ocasião das suas primeiras pesquisas. A criação da máquina era o seu objetivo, mas, para além dele, novas perspectivas se desdobravam e, em particular, essa vertiginosa ascensão. Ele era inventor e ele tinha inventado. Não era, porém, um homem voador; e só agora é que principiava a discernir o que exigiam dele. Todavia, fosse qual fosse a sua inquietação, nunca a deixou transparecer até o fim. Dirigia-se regularmente aos magníficos laboratórios de Banghurst, deixava-se interviewar e festejar, vestia-se como um príncipe, alimentava-se opulentamente e residia em um elegante apartamento, outorgando-se uma parte copiosa de uma fama e de um triunfo da melhor qualidade, mas gastos e vulgares. Tendo até então vivido em privações, é bem desculpável que se deixasse levar a esses extremos de bem-estar.

Passado algum tempo, cessaram as reuniões hebdomadárias de Fulham. Um dia, durante um instante, a máquina, modelo reduzido, não havia obedecido ao governo de Filmer, ou antes, o inventor deixara-se distrair pelos cumprimentos de um arcebispo. Em todo o caso, no momento em que o arcebispo proferia uma citação latina, como bom arcebispo de romance, a máquina deu uma guinada mais rija e caiu na Rua Grande, a menos de três metros distante de um ônibus. O espaço de um segundo, talvez, tomada de surpresa, ela pareceu hesitar, depois esmagou-se e saltou em pedaços, sendo atingido e morto por um dos fragmentos um cavalo do ônibus. Filmer perdeu o fim do cumprimento arcebispoal. Estava de pé, atarefado, e, ao passo que a sua invenção desaparecia da vista e do alcance, as suas mãos brancas e compridas agarravam-se ainda ao inútil aparelho do motor. O arcebispo seguiu na direção do céu o olhar do seu interlocutor, e isto com uma apreensão muito imprópria de uma personagem religiosa.

Então o estampido, os gritos e as exclamações vieram mitigar a dolorosa expectativa de Filmer: — Meu Deus! — murmurou ele deixando-se cair em uma cadeira.

Cada um dos espectadores explorava o céu com o olhar, procurando descobrir

a máquina desaparecida, ou então tratava de fugir para casa.

A construção do grande aparelho nem por isso deixou de progredir com imensa rapidez. Filmer, sempre um pouco lento e minucioso, presidia aos trabalhos, sentindo o espírito cada vez mais invadido pela constante preocupação. Com prodigiosa sollecitude, ele verificava a solidez e a resistência das peças, uma por uma. Se lhe ficava a mínima dúvida, ele interrompia tudo, até ser substituída a peça duvidosa. Wilkinson, seu primeiro ajudante, enfurecia-se a cada uma dessas interrupções que, afirmava ele, eram absolutamente desnecessárias. Banghurst exaltava no "Jornal Novo" a paciente segurança de Filmer, a qual ele investia, quando tinha sua mulher por único auditor. MacAndrew, segundo ajudante, aprovava a prudência de Filmer.

— Devemos fazer tudo para evitar um fiasco, meu velho, — dizia ele. — Filmer tem muitíssima razão de ser prudente.

Sempre que se oferecia ocasião, Filmer explicava a Wilkinson e a MacAndrew, com uma exatidão extrema, como funcionava cada parte da máquina voadora; de modo que, chegado o momento, estavam eles tão habilitados como ele, senão mais do que ele, a manobrá-la através do céu.

Imagino que, se Filmer, no ponto em que se achavam as cousas, tivesse julgado bom definir com clareza o que sentia e adotar uma linha de conduta decisiva em tudo quanto se referia à ascensão, ter-se-ia muito facilmente subtraído a essa penosa provação. Se é que ele tivesse visto claro no seu espírito, teria tido seguramente, dificuldade alguma em provar, com o atestado de um especialista, que ele sofria de uma afecção cardíaca ou de uma qualquer fraqueza gástrica ou pulmonar que lhe interdizia esse gênero de exercício. Admira-me que não tivesse pensado nesse meio de eximir-se. Ou então, se tivesse tido a suficiente coragem, teria declarado simplesmente e finalmente que não tinha intenção alguma de correr esse risco. O que contudo é fato, é que, com todo esse terror arraigado no espírito, ele não notava de modo algum, a extensão que esse terror ia tomando dia a dia. Presumo que, durante todo esse período, não cessou de repetir de si para consigo que, chegada que fosse a hora, ele se acharia à altura das circunstâncias. Nesse ponto, era como o homem que, atacado de uma moléstia, declara que sente um ligeiro mal estar que se dissipará daí a pouco. No entanto, a retardando a conclusão da máquina e deixando acreditar e espalhar que seria ele quem subiria nela. Chegou mesmo a aceitar cumprimentos antecipados sobre a sua coragem.

Lady Mary Elkinghorn ainda mais lhe complicou as cousas.

O modo como "aquilo" começou, forneceu a Hicks um assunto inexgotável de hipóteses. A princípio, provavelmente, ele se contentou em ser "amável" com aquela ternura inconciente de que tão bem se sabe servir; é possível também que, aos olhos daquela senhora, Filmer, alvo das atenções e admirado, na ocasião em que dirigia o seu monstro pelas camadas atmosféricas, possuísse uma distinção que Hicks não estava disposto a descobrir nele. Seja como for, ela e ele tiveram um instante de conversação a sós, e o grande inventor achou sem dúvida um momento de coragem para murmurar ou deixar escapar uma confissão pessoal. Demais, seja qual for o modo como principiou o flirt, o certo é que principiou e que em pouco se tornou facilmente perceptível a todas as pessoas acostumadas a se divertirem com os processos de lady Mary Elkinghorn. Este acontecimento complicou tudo, porque o estado amoroso, em um cérebro virgem como o de Filmer, não podia senão fortificar, se não suficientemente, pelo menos de maneira considerável, a sua resolução de afrontar um perigo que ele pressentia, e tornar-lhe impossível toda e qualquer tentativa de furtar-se-lhe — tentativa essa que em outras condições teria sido natural e bem acolhida.

Os sentimentos de lady Mary para com Filmer e a idéia que ela formava dele ficaram sendo matéria de conjecturas. Aos trinta e oito anos, pode-se ter ad-

quirido muita prudência, sem se ser precisamente muito prudente, e a imaginação funciona ainda assás ativamente para criar miragens e determinar o impossível. Aos olhos da sua admiradora, Filmer aparecia como uma personagem central, situação sempre muito favorável; além disso, com um poder único, pelo menos em pleno ar. As evoluções da máquina modelo tinham um pouco do caráter de um poderoso encanto, e as mulheres têm sempre manifestado uma deplorável disposição para crerem que, quando um homem tem "uma" superioridade, necessariamente deve possuir "todas". Aceito o que fica dito, tudo o que não era perfeito nas maneiras e no aspecto de Filmer se tornou um mérito a mais: era modesto, detestava a ostentação, mas, quando se apresentasse o momento, em que lhe fossem necessárias "verdadeiras" qualidades... então todos haviam de ver!...

Mistress Bampton, morta depois desses acontecimentos, julgou prudente comunicar a lady Mary a sua opinião que Filmer, no fim de contas, era antes um ente "vulgar".

— Ele é seguramente um ente como nunca encontrei outro, — respondeu lady Mary com imperturbável serenidade.

E Mistress Bampton, depois de ter lançado uma olhadela rápida e imperceptível para essa serenidade, decidiu que tinha feito o que podia para prevenir lady Mary... Esta, porém, disse aos outros muito mais do que lhe dissera.

Enfim, sem pressa excessiva nem inconveniente, chegou a aurora do grande dia em que Banghurst havia prometido ao seu público — ao mundo, na realidade — que a navegação aérea se tornaria um fato consumado. Filmer viu romper a aurora, e até já sondava as trevas antes dos primeiros alhores; viu empalidecerem as estrelas, viu os tons róseos e cinzentos pérola cederem o lugar ao límpido céu azul de um dia sem nuvens, gloriosamente polvilhado de sol. Assistiu a esse espetáculo da janela do quarto de dormir, que ocupava na ala nova da residência de Banghurst. A proporção que as estrelas desapareciam, e que os objetos surgiam das trevas informes, ele ia avistando mais e mais distintamente, por trás dos bosques de freixos do parque, perto do pavilhão verde, os preparativos de festa, os três estrados destinados aos espectadores privilegiados, os tecidos de arame, fechando o espaço reservado, as oficinas e os hangars, os mastros e as bandeirolas que Banghurst havia reputado indispensáveis, e, no meio de todos esses objetos indistintos, um grande vulto vago, coberto de um tecido de lona... Preságio estranho e terrível para a humanidade aquele vulto, prelúdio que se ia certamente estender mais tarde, ampliar-se, transformar e dominar os negócios dos homens. Contudo, é provável que Filmer considerasse tudo aquilo sob um ponto de vista restrito e pessoal. Ouviram-no de manhã muito cedo a andar de um para outro lado no quarto — a vasta residência tinha sido invadida por um sem número de convidados introduzidos por um diretor proprietário que, antes de tudo, conhecia o verdadeiro meio de encerrar muitas cousas — e muita gente — em pouco espaço. Filmer saiu do quarto e foi vaguear pelo parque, apenas visitado, a essa hora matutina, pelo sol e pelos pássaros, esquilos e gamos. Mac Andrew, que se levantava sempre ao romper do dia, encontrou-o perto da máquina, que juntos examinaram sumariamente.

Ninguém sabe se Filmer almoçou, a despeito da viva insistência de Banghurst, que a isso o quis obrigar. Assim que os convidados apareceram em maior número, ele bateu em retirada para o seu apartamento. Cerca das dez horas ele se dirigiu para debaixo das canicadas, provavelmente porque tinha avistado lady Mary Elkinghorn, que aí passeava,

conversando com uma das suas amigas de colégio, Mistress Brewis-Craven; e, se bem que nunca tivesse visto esta última, Filmer acompanhou-as durante algum tempo. Não obstante a verbosidade de lady Mary, houve muitas pausas. A situação era embaraçosa e Mistress Brewis-Craven não compreendeu a causa disso.

— Ele deixou-me a impressão, — contou ela mais tarde, contradizendo-se luminosamente, — de uma pessoa muito infeliz, que tem qualquer cousa a dizer, mas que antes de tudo precisa de quem a ajude a falar. Como se havia de ajudá-lo, se não se se sabia o que queria dizer?

As onze e meia os espaços reservados ao público no parque estavam repletos; uma fila intermitente de equipagens ocupava a avenida que rodeava a propriedade, e os convidados do dono da casa estavam espalhados pelo taboleiro de grama, debaixo das canicadas e no jardim, em pequenos grupos, com grande aparato, todos com os olhos voltados para a máquina. Filmer dirigiu-se para o seu aparelho acompanhado de Banghurst, supremamente e ostensivamente radiante, e de sir Theodoro Hickie, presidente da Sociedade Aeronáutica. Mistress Banghurst seguia-os de perto com lady Mary Elkinghorn, Georgina Hickie e o reverendo deão de Stays. Banghurst perorava em voz alta e interminavelmente; os raros interstícios que ele deixava nos seus períodos, eram aproveitados por Hickie para dirigir cumprimentos a Filmer. E Filmer caminhava no meio deles sem descerrar os lábios, exceto para inevitáveis e monossilábicas respostas. Atrás, mistress Banghurst ouvia as frases elegantes e apropriadas do deão com essa atenção palpitante para com o alto clero, que dez anos de ascensão e de supremacia social não tinham podida desarraigar do seu espírito. Lady Mary fitava obstinadamente, sem dúvida com plena confiança naquele que devia ser o desencantador do mundo, os ombros arqueados daquele ente "tal como nunca ela havia encontrado outro semelhante".

Quando o primeiro grupo apareceu à vista das fileiras formadas pelo público, houve algumas aclamações, mas nem muito compactas nem unânimes. A menos de cinquenta metros do aparelho, Filmer deu um olhar para trás, afim de medir a distância a que as senhoras se achavam dele, e decidiu-se a arriscar a primeira observação que proferiu desde que saíram de casa.

A sua voz estava um pouco áspera, e ele interrompeu Banghurst no meio de uma frase retumbante sobre o progresso.

— Ouça-me, Banghurst...

E calou-se.

— Que é? — perguntou Banghurst.

— Eu queria...

Dito isto, passou a língua sobre os lábios.

— Eu não me sinto bem.

Banghurst estacou de súbito.

— Que? — exclamou ele.

— Uma sensação exquísita...

Filmer fez um gesto para se adiantar, mas Banghurst estava pregado no mesmo lugar.

— Não sei... — prosseguiu o inventor.

— Daqui a um minuto isto terá passado. Senão... talvez... Mac Andrew...

— Não se sente "bem"? — articulou Banghurst, olhos fixos no rosto lívido do outro. — Minha querida, — disse ele, no momento em que mistress Banghurst chegava junto deles, — Filmer está dizendo que não se sente "bem".

— Uma espécie de mau-estar, — tornou Filmer, evitando o olhar de lady Mary. — Isto vai desaparecer...

Ninguém disse uma palavra. Filmer teve a impressão de ser o homem mais isolado do mundo.

— Em todo caso, declarou Banghurst, — cumpre que se efetue a ascensão. Talvez com um instante de repouso...

— E' a multidão, penso eu, — balbuciou Filmer.

Houve um segundo de pausa. Banghurst, com inquietação, encarou Filmer, depois percorreu com o olhar as massas compactas situadas atrás das cercas.

E' muito lastimável, — opinou sir Theodoro Hickie. — Mas contudo... suponho... que o seu ajudante poderá... Na-

(Continua na pág. 55)





O FUTURO A DEUS PERTENCE

QUANDO é que vamos deixar de fazer calças curtas para o Brasil? Nunca houve país algum onde as realizações nascessem tão frequentemente sob o signo da timidez. Aqui tudo se faz com o pensamento voltado unicamente para o presente como se o futuro traduzisse, apenas, o Não-Ser. A Central do Brasil, inegavelmente um plano grandioso para o reinado de Dom Pedro II, tem sido a dor-de-cabeça constante dos nossos atuais engenheiros, incapazes de encontrar terreno por onde estenderem novas linhas destinadas a resolver o problema angustiante do tráfego dessa ferrovia. O nosso porto é, também, um outro fruto dessa imprevidência. Foi esta quem impediu ter ele adquirido já maior capacidade, coisa que se poderia ter conseguido vantajosamente com a realização de novas obras durante os anos de duração da última guerra, em que ele esteve completamente às moscas. Nada se fez, porque ninguém acreditava numa possível fila marítima. A indústria de discos, no Brasil, pode muito bem ser alinhada entre os inúmeros outros casos que poderiam ser citados. Estabelecida numa época em que o rádio começou a expulsar os pianos e as vitrolas de corda das nossas residências e ficando o seu comércio circunscrito ao interior do país, o espírito "clarividente" dos que a instituíram areve-se a essa circunstância transitória para a venda de discos. Hoje, porém, elas existem às dezenas em todo o país e as do Rio vivem repletas de uma freguezia sempre ávida, mas frequentemente desapontada com avisos desta natureza: "Não temos mais", "Está esgotado" ou "A fábrica ainda não entregou a nossa encomenda". Chegou-se, então, a este resultado: excesso de fregueses e ausência de produção.

Quando, pois, iremos deixar de andar de calças curtas?

F. CORREA DA SILVA

I LIKE MIKE

Do filme da 20th Century "Precisam-se de Maridos"

Fox de Mack Gordon e Josef Myrow

Why am I lost in a day-dream,
Everywhere I go,
I guess I'll have to blame it
On a certain boy called Michael
That I know.
You wouldn't say he was handsome,
You wouldn't say he was smart,
And yet to me he's wonderful,
And since he came along
There are words to the song in
my heart.

I like Mike,
Yes it's Mike I like.
I like the things he says,
And I like the things he does,
And ever since he smiled at me
I'm not the girl I "wuz".
I'd like you to know,
That I know, what I like,
And I like Mike.

A FARMER'S LIFE IS A VERY MERRY LIFE

Do filme da 20th-Century: — "Precisam-se de Maridos"

Fox de Mack Gordon e Josef Myrow.

Gimme chickens, gimme cows,
And gimme rakes and hoes,
And plows and an horse
Oh, a farmer's life,
Is a very merry life.
Yes sir, yes sir, yes siree.
Gimme barley, corn and rye,
And gimme wheat awavin' high,
And a barn that's red
Oh, a farmer's life
Is a very merry life.
Sartin, sartin, sartinly,
Oh, the farmer in the dell,
Had a poultry farm,
And the farmer in the dell did swell.
Well, what's so swell about a poultry farm,
When ya eat more chickens than
ya sell.

Ev'ry mornin' up at five,
And ev'ry night yer half alive,
Tired as a dog,
Oh, a farmer's life
Is a very merry life,
Yes siree, Yes siree,
But not for me.

MANANA NO ESTARAS

Tango de Horacio Sanquineti e
H. Ariol Gersaghi.

I

Siento que tu voz
de cálido metal
entona su canción final.
Palabra de dolor que hiera
es este adiós de nieve.
Fuieste para mi
motivo de vivir
y te vas de mi corazón.

II

MANANA NO ESTARAS

aquí,
cerquita mío
MANANA NO ESTARAS
y yo
me moriré de hastío...
Me cuesta imaginar que has de partir
tan lejos,
lejos de este amor tan viejo!
MANANA NO ESTARAS
y yo
seré un espectro:
fantasma del camino,
nocturno peregrino,
fantoche del amor.

I BIS

Eras para mí
estrella y cielo azul
llenando mi vivir de luz.
Y ahora, nombre gris de sombra
que con dolor se nombra.
Eras para mí
motivo de ilusión
y te vas de mi corazón.

"DEVOLVE"

Valsa de Mario Lago

Devolve...
Toda a tranquilidade
Toda a felicidade
Que eu te dei e que perdi.

Devolve...
Todos os sonhos loucos
Que eu construí aos poucos
E te ofereci.
Devolve...
Eu peço por favor
Aquele imenso amor
Que nos teus braços esqueci
Devolve...
Que eu te devolvo ainda
Esta saudade infanda
Que eu tenho de ti

Resguardada
como dentro duma
bola de vidro



a máquina do
CYMA TRIPLEX

deve à perfeita protecção da
sua caixa especial a sua vito-
riosa resistência à infiltração
de todas as POEIRAS e
IMPUREZAS

CYMA

TRIPLEX

PARA-CHOQUES * ANTI-POEIRA * ANTI-MAGNÉTICA



PARA GENTE NOVA



BALMAIN

Os costureiros franceses estão dando uma particular atenção aos modelos para "jeune-filles". Nada mais justo aliás, do que realçar o encanto já natural dessas meninas-moças, que até há alguns anos atrás eram vestidas de maneira ridícula e desleigante. Nesta página encontrarão as nossas leitoras algumas das criações dos mais famosos costureiros franceses.

Modelo em crepe de seda azul vivo, com blusa franzida. Criação de Jean Patou.

Modelo clássico de veludo negro, ajustado ao busto. Bordado nos ombros. Criação de Carven.

Modelo de Pierre Balmain de tecido listrado marron e bege. Decote quadrado com babado franzido.

Modelo para jantar composto de corpe de veludo preto e saia de cetim branco bordada.

Para o primeiro baile Germaine Lecomte sugere este gracioso modelo de tafetá "chamalote". Decote arredondado descobrindo os ombros. Babado ao redor.



JEAN PATOU



CARVEN



VERA BORÉ



G. LECOMTE



Denise, filha do Dr. Alair Braga da Silva e de D. Arlette C. Braga da Silva, no dia da sua 1ª Comunhão, realizada na Capela do Colégio Santo Amaro, onde é aluna.

O AVIADOR FILMER

(Continuação da pag. 52)

turalmente, se o senhor não se sente em estado... nem disposto...

— Não creio um só momento que o senhor Filmer permita isto, — protestou lady Mary.

— Mas se o senhor Filmer não tem força para isso... Seria até perigoso para ele experimentar...

— Justamente porque é perigoso, confirmou lady Mary, persuadida de que tinha indicado nitidamente o seu ponto de vista e o de Filmer.

Filmer debatia-se em um conflito de motivos.

— Sei que sou eu quem deve subir — concordou ele, enviando à senhora um sorriso terno. Depois, voltando-se para Banghurst:

— Se eu pudesse sentar-me em qualquer lugar e repousar um instante, afastado da multidão e do sol...

Banghurst principiava a considerar e a compreender o caso.

— Venha até o pequeno pavilhão verde: faz aí muito fresco.

E arrastou Filmer pelo braço. O infeliz voltou-se ainda uma vez para lady Mary Elhinghorn.

— Daqui a cinco minutos tudo terá passado, prometeu ele hipoteticamente.

— Estou extremamente aborrecido.

Lady Mary Elhinghorn dirigiu-lhe o seu mais afável sorriso.

— Eu não teria pensado... — disse ele à guisa de desculpa a Hickie.

Mas Banghurst arrastava-o à força.

As outras pessoas viram-nos afastarem-se.

— Ele é tão franzino, — prenunciou lady Mary.

— Não há dúvida, é um tipo excessivamente nervoso, — confirmou o deão, cujo fraco era considerar o mundo inteiro como "nevropathia" à exceção dos pastores casados e pais de numerosa família.

— Já se vê que — replicou Hickie, — não é de absoluta obrigação que seja ele quem suba, sob pretexto de que é o inventor...

— Como poderia dispensar-se de o fazer? — perguntou lady Mary, com um ar de desprezo.

— É uma verdadeira lástima, se ele está de fato doente agora, — declarou mistress Banghurst um pouco severamente.

— Ele não há de estar doente, — asseverou lady Mary que tinha fitado Filmer demoradamente.

— Com certeza vai melhorar, — animava Banghurst, em caminho do pavilhão. — O senhor vai tomar um pouco de conhaque e ele dar-lhe-á vigor. E' ne-

cessário que seja "o senhor", compreende? De outro modo seria... levar-lhe-lam muito a mal que deixasse a outro...

— Oh! Seria eu certamente quem subiria, — protestou Filmer. — Isto vai melhorando. Realmente, tenho quase vontade, "agora"!... Não. Creio que vou aceitar primeiro esse pouco de conhaque...

Banghurst instalou-o na saleta e, achan-do um frasco vazio, mandou que o levassem a encher. Para isso ausentou-se durante uns cinco minutos.

A história desses cinco minutos jamais será escrita. Por intervalos, os espectadores, trepados nos gradis da esquerda, entreviram Filmer olhando para fora, com o rosto apoiado contra os varais de ferro. Banghurst desapareceu por detrás da estrada principal, dando ordens, e daí a pouco o chefe da copa dirigiu-se para o pavilhão verde, levando na mão uma bandeja.

O local onde Filmer adotou a sua última resolução foi uma bonita saleta, muito singelamente guarnecida de móveis verdes e de uma secretária antiga, por isso que Banghurst na intimidade era muito simples. Havia várias gravuras de Morland penduradas nas paredes, e, de um dos lados, erguiam-se estantes carregadas de livros. Mas aconteceu que Bang-

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

hurst havia deixado em cima da secretária uma carabina com que se divertia às vezes a atirar aos corvos; ao canto da chaminé tinha ficado uma caixa contendo ainda três ou quatro cartuchos. Filmer, torturado pelo seu intolerável dilema, media o quarto em todas as direções; chegou assim diante da graciosa e pequena carabina, posta ali ao alcance da mão, depois, voltando atrás, viu a caixa dos cartuchos com a sua tampa vermelha.

Provavelmente tomou em um relance a sua decisão.

Ninguém aliás pensou talvez nele, ao ouvir-se a detonação; e, entretanto, aquele tiro, dado em um espaço reduzido e fechado, devia ter ressoado consideravelmente. Várias pessoas achavam-se mesmo na sala de bilhar contígua, separada tão somente por uma parede de ladrilhos de gesso. Mas, assim que o copeiro abriu a porta e sentiu o cheiro acre de pólvora,

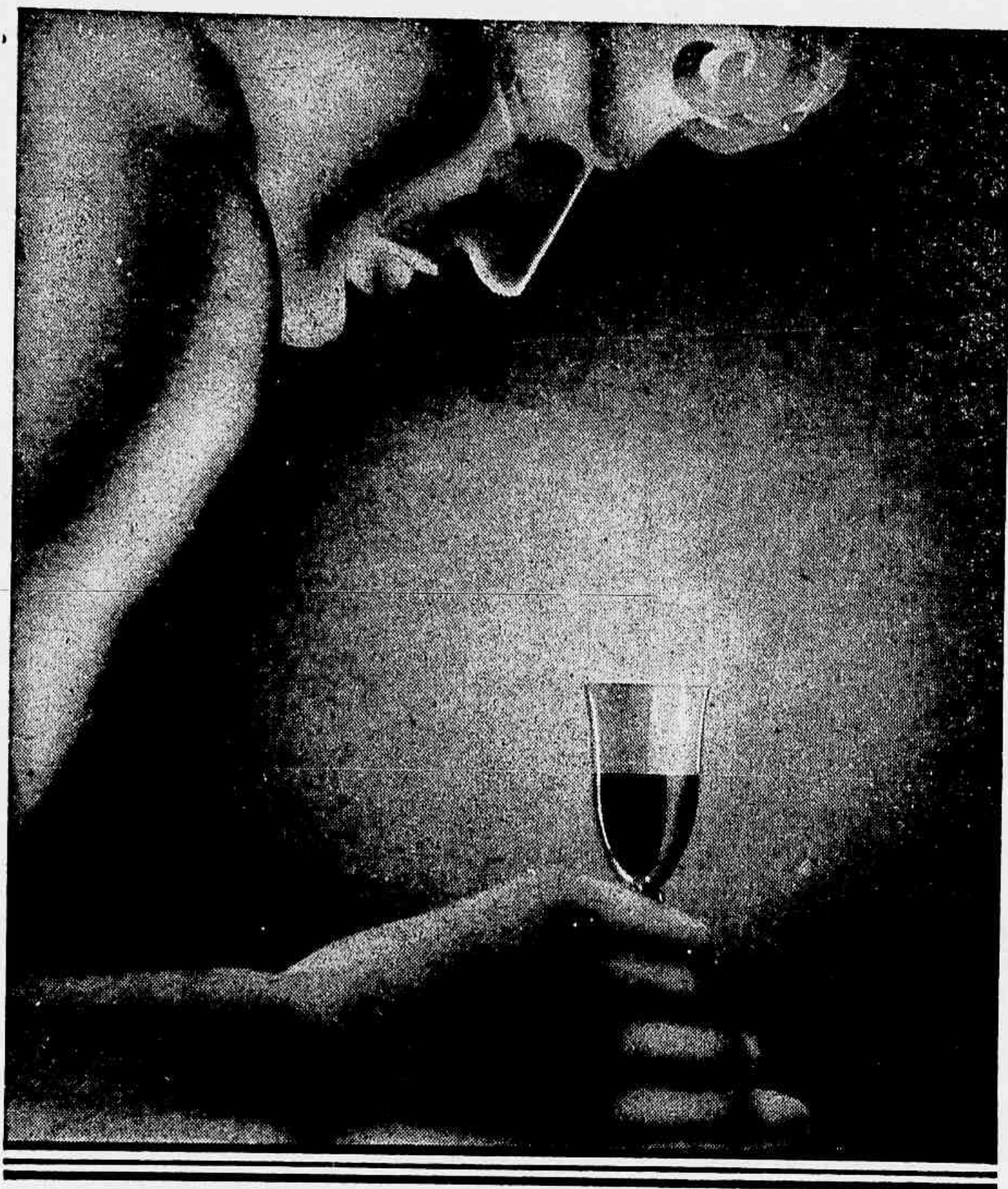
o que se passara. Parece que os criados tinham suscitado as preocupações de Filmer.

Durante toda aquela serena tarde, Banghurst assumiu a atitude que ele avaliava que um homem deve ter em face de um desastre irreparável, e a maior parte dos seus convidados, muito embora não fosse possível aparentar absoluta dissimulação, conseguiram todavia não insistir em demasia sobre o fato palpável, a saber, que Banghurst havia sido bem habilitado e completamente embaído pelo suicida. O público do gramado, contou-me Hicks, dispersou-se "como se tivesse sido iludido por um refinado maroto"; no trem, que transportava a Londres toda aquela gente, não havia uma só alma que não estivesse convencida de que era impossível ao homem a estréia da navegação aérea.

— Mas, depois de ter chegado até ali, logo compreendeu, assim o afirmou ele, podia ele perfeitamente experimentar, — concluiu a maior parte.

A noite, quando se viu mais só, Banghurst desmoronou como um gigante de barro. Asseveraram-me que ele soluçou, o que devia ter sido um espetáculo im-

(Continua na pag. 57)



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

A venda em todas as farmácias e drogarias.



Neurobiol

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

PROTEJA SEU FILHO CONSULTANDO O



O grande Coelho Netto escreveu:
"Este livro à cabeceira das mães, será
um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de sair a 10ª edição.
Preço: Cr\$ 50,00.
Pedidos à Livraria Francisco Alves.
Rio — Rua do Ouvidor, 166. São Paulo —
rua Líbero Badaró, 292. Belo Horizonte,
rua Rio de Janeiro, 656.



Mitigal



acaba com
as
coceiras

A vida de Beethoven

(Continuação da pág. 15)

O cinismo de Beethoven aumentou com os anos. Para muitos dos seus contemporâneos ele não era um gênio, senão um excêntrico. Mostrava-se rabugento diante dos amigos; arremessava livros sobre os criados e insultava os benfeitores. Uma noite, ao chegar ao castelo silesiano do príncipe Lichnowsky, lá encontrou certo número de oficiais que haviam sido aquartelados naquela propriedade. Ao dar com os oficiais de Napoleão em casa de seu protetor, carregou o cenho, e quando lhe pediram que tocasse para eles, recusou-se redondamente. Sabia que o consideravam apenas como uma curiosidade, um pelotiqueiro, um dançarino, ou um prestidigitador. O príncipe, porém, que hospedava os franceses, insistiu com Beethoven para que acedesse ao pedido dos oficiais. "Ou você toca para nós", disse em tom de brincadeira, "ou será encerrado no castelo como prisioneiro de guerra". Ao que Beethoven, sem pronunciar uma única palavra, saiu impetuosamente do castelo e caminhou três milhas, em direção à aldeia mais próxima, debaixo de violenta chuva. Na aldeia, enquanto esperava a diligência, escreveu a seguinte carta ao príncipe Lichnowsky: "Príncipe! O que sois, vós o deveis ao acaso e ao nascimento. O que sou, devo-o a mim mesmo. Já houve e haverá ainda milhares de príncipes. No entanto, existe apenas um só Beethoven".

O seu sarcasmo mordaz abrangia os próprios alunos: "Você terá de exercitar-se bastante e conscienciosamente", disse a um deles, "antes de reconhecer que não sabe tocar". Nem sequer diante das discípulas vingava ter mão em si. "Selvagem? Impetuoso? Sim", escreve a sua famosa aluna, a baronesa Ertmann. "Mas era a impetuosidade e o fogo de um vulcão, das grandes forças da própria natureza, pois havia nele um Titã. Durante as minhas lições, ele rasgava a música em pedacinhos e calcava-a aos pés, sobre o pavimento".

Sem embargo, essa fúria exterior ocultava um coração delicado. "Quando meu filho morreu", continua a baronesa Ertmann, "foram a delicadeza e a ternura de Beethoven que mais me consolaram". Em seus momentos mais serenos ele era o próprio espírito da generosidade. Não emprestava ao dinheiro outro valor senão o de algo que podia dar aos amigos necessitados. E quando um amigo, ao pedir-lhe, o encontrava desprevenido, dava-lhe Beethoven uma das suas composições, dizendo-lhe que a transformasse em moeda corrente.

As suas amizades, entretanto, representavam mero incidente em sua vida. Era a música a única paixão que o possuía. A criação na solidão. "O artista", dizia ele, "carrega dentro de si a própria felicidade... Vivo só, mas não me aflijo por isso, pois sei que Deus está mais perto de mim que dos outros".

Beethoven voltava-se para Deus — e assim nasceu uma nova música. Com a "Terceira Sinfonia" terminara o aprendizado. Daí por diante tornou-se senhor de si mesmo. Os anos que se seguiram à primeira aproximação da surdez foram de prolífica criação. Um Niágara de música irrompia-lhe do coração — música dramática em "Fidéllo", música trágica na "Apassionata Sonata", música tranquila na "Quarta Sinfonia" — e, em todos os casos, música de cunho único, original e divino, forjada no metal puro da fantasia de Beethoven. A música de Beethoven, interpretando as idéias de Deus.

Vele então a "Quinta Sinfonia". Fora ocioso acrescentar novas palavras à biblioteca de louvores que já se escreveram a propósito dessa obra. Basta dizer que a "Quinta Sinfonia" é a primeira expressão total do gênio maduro de Beethoven, o Novo Testamento da religião da música — a história da luta do Homem contra o Destino e da vitória do Homem guiado pelo Céu. É o poema épico da peregrinação do Homem do sofrimento para a sabedoria, da sabedoria para a coragem, da coragem para a esperança e desta para a vida eterna.

★

Um dos grandes acontecimentos na

vida de Beethoven foi o seu encontro com Goethe. Ele sofrera uma crise de neurastenia e fora, a conselho médico, fazer uma estação de banhos em Teplitz, na Boêmia. Foi aí que o poeta dos sons veio a conhecer o poeta das palavras. Goethe, que já ia adiantado em anos, causou sobre Beethoven, mais moço, profunda impressão. "É a jóia mais preciosa da nossa terra", observou Beethoven. "O aparecimento de tal homem é, a meu ver, a maior coisa que pode suceder numa época". E quanto à atitude de Goethe em relação a Beethoven, o primeiro considerava este "jovem" — embora Beethoven orçasse, a esse tempo, pelos quarenta e dois — como uma "personalidade inteiramente indômita, mas o artista mais sincero que já conheci".

Os dois homens estiveram a milúo juntos durante as férias de verão em Teplitz. Entabulavam poucas discussões, pois qualquer conversa entre ambos era dificultada pela surdez de Beethoven. Davam, todavia, longos passeios, cada qual absorvido nas próprias idéias — dois artistas supremos a traduzir o mistério do mundo em linguagens diversas. De vez em quando, as suas idéias sobre o mundo entravam em choque violento — como, por exemplo, na seguinte ocasião: Goethe e Beethoven caminhavam pelas ruas de Teplitz quando toparam com toda a família real, inclusive a imperatriz da Áustria e os diversos arquiducos. Goethe cedeu o passo aos que se aproximavam, tirou o chapéu e inclinou-se profundamente. Beethoven, entretanto, prosseguiu em seu caminho, atravessando o grupo com os braços cruzados e o chapéu enterrado na cabeça. Goethe escandalizou-se com essa "grosseria descortês" de Beethoven, e muitos biógrafos deste último concordam neste passo com o poeta. Mas não será este, acaso, um modo de ver unilateral do problema? Seria mais rude da parte do gênio mostrar aos reis o seu desprezo do que a parte dos reis mostrar o seu desprezo ao gênio? Seria indício de boas maneiras da parte de um nobre atrair um músico escada abaixo a pontapé e indício de grosseria da parte de músico erguer-se altaneiro diante de um nobre? Parece, antes, que a filosofia de Goethe era a de um escravo e a filosofia de Beethoven a de um homem livre. E a submissão de um escravo não é melhor indício de boas maneiras do que a afirmação de um homem livre. A diferença entre a atitude de Goethe e a de Beethoven jaz muito acima das simples artificialidades superficiais das boas ou más maneiras. É uma diferença de princípios, profundo desencontro no que concerne aos valores reais da vida. Para Goethe, a realidade era mais importante do que o gênio. Para Beethoven, o gênio era mais importante do que a realidade.

E antes de mudarmos de assunto, não nos esqueçamos da coragem de Beethoven. O seu sustento dependia quase que inteiramente da boa vontade dos seus benfeitores, quando não reais, aristocráticos. Três dentre eles, com efeito, o arquiduque Rudolf, o príncipe Lobkowitz e o príncipe Kinsky, haviam concertado dar-lhe uma pensão anual de quatrocentos florins (quarenta libras, aproximadamente). Por uma razão ou outra, no entanto, raras vezes era paga integralmente a referida pensão. Do ponto de vista financeiro, foi Beethoven obrigado a lutar durante a maior parte da sua vida. A submissão de Goethe, bem que a menos ideal, era, certo, a filosofia mais prática. Ele timbrava em jamais ofender os seus reais protetores em Weimar. E sempre recebia pontualmente as suas pensões.

★

Em relação aos parentes demonstrava Beethoven a mesma personalidade com que se apresentava ao resto do mundo — uma postura taciturna e um terno coração. Um de seus irmãos mais moços, Johann, prosperara como droguista; Beethoven, contudo, apesar de toda essa

(Continua na pág. 58)

BRONZISOL

ANTISOLAR

De Minie. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO

NATURAL

A VENDA EM TODA PARTE

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e cephinas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

FEMININAS

RECEITAS DE BOLOS

Bolo de namorados

Conteúdo: 250 gramas de manteiga; 2 xícaras, das de chá, de açúcar; 3 xícaras, das de chá, de farinha de trigo; 1 xícara, das de chá, de leite; 3 colheres das de chá, de fermento "Royal"; 4 ovos; doce de ameixas; creme de leite.

Preparação: Batem-se muito bem a manteiga com o açúcar e depois juntam-se os ovos batidos, o fermento "Royal", diluído no leite e a farinha. Mistura-se tudo muito bem, põe-se em um

taboleiro untado com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

Depois de assado, corta-se em três pedaços iguais que se entremiam com doce de ameixas bem grosso e creme de leite próprio para recheios. Cobre-se com "glacê" branco e guarnece-se com arabescos feitos com o mesmo glacê posto na máquina de confeitar.

Bolo de Prata

Conteúdo: 250 gramas de açúcar; 250 gramas de farinha de trigo; 250 gramas de manteiga; 1 colher, das de chá, de fermento

"Royal"; 9 claras; raspa de um limão.

Preparação: Batem-se muito bem a manteiga com o açúcar e a raspa de limão e depois junta-se-lhes a farinha, peneirada três vezes com o fermento "Royal". Mistura-se tudo muito bem e acrescentam-se as claras batidas em neve. Mexe-se ligeiramente e põe-se numa forma, untada com manteiga. Forno regular.

Bolo de Ouro

Conteúdo: 250 gramas de açúcar; 125 gramas de farinha de arroz; 135 gramas de manteiga; 100 gramas de passas; 8 ovos.

Preparação: Batem-se as gemas com o açúcar e depois juntam-se-lhes a manteiga anteriormente lavada e as passas. Continua-se a bater e, em seguida,

acrescentam-se as claras batidas em neve e por último a farinha de arroz. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

Bolo de Mel

Conteúdo: 1 xícara, das de chá, de mel; 2 xícaras, das de chá, de farinha de trigo; 1/4 de uma xícara das de chá, de manteiga; 4 ovos; 2 colheres, das de café, de fermento "Royal".

Preparação: Bate-se muito bem a manteiga com o mel e em seguida juntam-se-lhes os ovos batidos e a farinha peneirada 3 vezes com o fermento "Royal". Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

O avião Filmer

(Continuação da pág. 55)

ponente. Ele repetia que Filmer havia arruinado a sua vida, e finalmente, cedeu todo o aparelho a Mac Andrew por mela corôa.

— Tenho pensado... — principiou Mac Andrew, depois de concluído o ajuste, mas, mudando de parecer, não concluiu.

No dia seguinte o nome de Filmer foi pela primeira vez menos frequentemente repetido no "Jornal Novo" do que em qualquer outro diário do mundo. O conjunto dos informadores públicos, com um vigor mais ou menos intenso, conforme a sua dignidade, ou o seu grau de concorrência com o órgão de Banghurst, proclamaram o "completo malogro da nova máquina voadora" e o "suicídio do charlatão".

Mas, em um distrito setentrional do Surrey, a nova pareceu estar em singular desacôrdo com certos fenômenos insólitos que se produziam no céu.

Na véspera à noite, Wilkinson e Mac Andrew tinham tido uma fortíssima discussão relativamente aos motivos exatos que podiam ter impellido o seu chefe áquele ato irrefletido.

— A sua covardia é infelizmente indiscutível, mas, no que respeita à sua ciência, ele não era seguramente um impostor, — sustentava Mac Andrew, — e eu me proponho demonstrá-lo formalmente, mister Wilkinson, assim que o local estiver um pouco desembaraçado, pois não tenho confiança em toda esta publicidade para experiências de resultados incertos.

Para chegar a esta demonstração, quando o mundo inteiro estava informado de que a famosa máquina voadora não passava de um completo logro, Mac Andrew descrevia vastas e elegantes curvas por cima dos campos de Epsom e de Wimbledon. E Banghurst, depois de recuperada toda a sua energia e toda a sua esperança, indiferente para com a segurança pública e desprezando os excessos de velocidade, procurava atrair a atenção do aeronauta, cujas evoluções ele acompanhava em automóvel. Ele não tinha nessa ocasião por vestuário senão um simples pijama, porquanto fora no momento em que erguia a cortina da janela do seu quarto que avistara a máquina iniciando o vôo; entre outras coisas, ele se havia munido de um aparelho fotográfico de películas, mas o rolo de que o tinha guarnecido achava-se desastrosamente velado.

Tendo um lençol a envolver-lhe o corpo, Filmer repousava sobre o bilhar, na saleta do pavilhão verde.



Faça Bolos...

...e a alegria reinará em seu lar!

É sabido que quase todo o mundo aprecia bolos... Quando eles chegam à mesa, os olhos se arregalam, a alegria invade a todos e está criado um irresistível ambiente de festa... Não se discute! Vale a pena fazer bolos. E não acha que, esperando esta ou aquela grande data, só serve para retardar momentos de alegria em seu lar? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. - RIO DE JANEIRO

BOLO RICO

1/4 chic. manteiga	1 1/2 chics. farinha
1 1/2 chic. açúcar	1/2 chic. araruta
4 ovos	1 colh. (chá) sal
2 colhs. (sopa) leite	2 colhs. (chá) Royal

Amasse bem a manteiga e incorpore o açúcar aos poucos. Junte os ovos, um a um, batendo bem. Acrescente aos poucos a farinha, araruta, sal e Royal, peneirados juntos 3 vezes, alternadamente com o leite, batendo bem. Forma baixa untada. Forno regular uns 30 min. Deixe esfriar e corte em losangos. Cubra com o seguinte glacê: coloque em banho-maria sobre água já fervendo, 1 1/4 chics. açúcar, 3 colhs. (sopa) água fria, 1 clara não batida e 1 colh. (chá) gema. Bata com o batedor de ovos, 10 min. ou até engrossar. Retire do banho-maria, junte 1/2 colh. (chá) raspa de laranja e 1 colh. (chá) suco de limão e bata até ficar quase frio. Junte 1/4 colh. (chá) Royal e bata até engrossar bem. Use-o antes de esfriar completamente. Enfeite com confeitos de cores, nozes, etc.



GRÁTIS!

Peça hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro.

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante



ESTIMULE O APETITE

Seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA DURYEA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com a insubstituível

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



57 - TRIANGULO

NUMA RUA TORTUOSA E EXCUSA...

(Continuação da página 51)

Negreiros correram ao encontro da nossa objetiva. Todos queriam falar ao reporter, queriam pedir alguma coisa, sugerir isto ou aquilo à Câmara Municipal, solicitar um favor ao prefeito, para que mandasse arrumar melhor aquelas pedras, limpar aqueles matos, tanger aquelas galinhas que sujam tudo.

Mas nós não vamos pedir somente isto à Câmara da nossa cidade, nem ao ilustre senhor Hildebrando de Gois. Relembrando a vida do grande homem, estamos de mãos postas, pelos feitos de Vidal, rogando aos representantes do povo carioca e ao seu governador que designem outro logradouro para aque-

le que tanto arriscou a vida pelo Brasil, que ficou aleijado nos encontros de armas, nas várias vezes em que foi ferido, até aquela manhã misticamente bela em que, depois do fogo da noite, o sol iluminou a treva para guiar os seus passos do guerreiro que descia os Guarares entoando hinos de vitória e de liberdade.

REGULADOR XAVIER

O remédio de confiança da mulher

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

A vida de Beethoven

prosperidade, não se mostrava mais respeitosa para com ele. Ingenuamente orgulhoso dos seus triunfos, Johann gabava-se deles em todas as ocasiões. Andava principalmente desejoso de assolar o fato de haver comprado suntuosa propriedade na província de Gneixendorf. Num dia de Ano Bom, estando Beethoven sentado à mesa do jantar, trouxeram-lhe um cartão de visitas:

Johann van Beethoven
Gutsbesitzer (Proprietário de terras)

Beethoven lançou mão do cartão e escreveu-lhe nas costas:

Ludwig van Beethoven
Hirnsbesitzer (Proprietário de um cérebro)

Para com o irmão Caspar, entretanto, demonstrou Beethoven uma disposição inteiramente diversa. Empregou-o, durante algum tempo, como secretário, e, quando Caspar morreu, Beethoven encarregou-se da tutela do sobrinho, Carl, que, a esse tempo, contava nove anos.

Ao fazê-lo, porém, tomou sobre si um fardo que se transformou num flagelo para o resto dos seus dias. A mãe de Carl, filha de um rico tapeceiro, contestou o direito de Beethoven à posse do menino e moveu um processo contra o cunhado. Durou o litígio vários anos, durante os quais se manifestaram os tribunais ora a favor de um, ora a favor de outro. A responsabilidade do encargo do rapazinho, bem como os pleitos respectivos, constituíram verdadeira sangradora para a bolsa e para a saúde de Beethoven. Não obstante, conseguiu pôr de lado certa quantia de dinheiro para o futuro do sobrinho, embora, à conta disso, padecesse frequentes privações.

Beethoven nutria, no tocante ao menino, planos ambiciosos, pois desejava que este se convertesse, mais tarde, num grande músico ou num grande letrado. Nesse particular, contudo, baldaram-se-lhe as esperanças. Carl era uma criança dificilmente manejável, cujas inclinações o levaram a buscar a sala de bilhar de preferência à sala de aulas. Ao crescer, passou a frequentar más companhias e a contrair dívidas muito acima de sua mesada. E de uma feita, quando Beethoven recusou pagar essas dívidas, o rapaz tentou suicidar-se. Frustrou-se a tentativa, mas dela saiu Beethoven alquebrado.

E' muito para notar, de passagem, que Carl se converteu, depois, num cidadão respeitável, amante da música e devoto da memória do tio. Beethoven, todavia, não viveu o suficiente para assistir a essa transformação do caráter do sobrinho. Conheceu-o apenas no tumulto da adolescência, mas não na placidez da idade varonil.

E foi durante esses anos de turbulência que se viu Beethoven obrigado a percorrer o curso final do próprio destino. A sua produtividade diminuía consideravelmente debaixo do fardo das preocupações e da saúde precária. Escrevera as oito primeiras sinfonias antes de 1815, ano em que adotou Carl. A "Nona Sinfonia" só ficou pronta em 1824. Nove anos de pesares a resultarem numa explosão final de alegria. O professor Santayana observou, certa vez, que Deus criou o mundo a fim de que pudesse ser escrita a "Nona Sinfonia". E sobre ela disse Wagner o seguinte: "Vemo-nos hoje diante dela como diante da baliza de um período inteiramente novo na história da arte universal, pois surgiu no mundo, por seu intermédio, um fenômeno que nem remotamente pode ser comparado a coisa alguma que a arte de qualquer período ou de qualquer idade tenha para mostrar-nos". Já se disse que Beethoven escreveu essa sinfonia como contraparte do "Fausto" de Goethe — o poema das aventuras da alma em sua jornada terrena, através do Inferno, para o Céu. Isto, até certo ponto, é verdadeiro quanto a todas as suas outras sinfonias, malormente a "Quinta". Em parte alguma, entretanto, está a filosofia de Beethoven tão completa e satisfatoriamente sintetizada como nos cinco movimentos instrumentais e nos sete movimentos vocais da "Nona Sinfonia". Contendam os críticos sobre a propriedade ou impropriedade de se introduzirem passagens corais em estruturas sinfônicas. Todas essas discussões são insignificantes e ociosas em presença dessa música. No Canto da Criação uniu o Senhor uma multidão de sons numa harmonia única — o homem e a fera, o vento e a onda, o murmúrio e o rugido, o estrondoso do trovão e a vozinha da planta ao medrar; tudo isso anda misturado num único hino concordante à glória da vida. Na "Nona Sinfonia" captou Beethoven um eco autêntico desse hino. A sua surdez não foi um acidente nem uma tragédia. Foi o amanho do solo para o florescer do gênio. Calaram-se para ele os sons da terra a fim de que, no meio do silêncio, pudesse captar as harmonias do céu.

E qual o segredo e o significado dessas harmonias? A unidade do todo, a unidade do gênero humano numa fraternidade de amor. "Somente o amor universal pode transformar e redimir o mundo". Tal é o ensinamento de todos os grandes poetas, todos os grandes artistas, todos os grandes salvadores da humanidade. E' a doutrina de Jesus, de Buda, de Zoroastro, de Platão, de Spinoza — dos sonhadores do Oriente, dos pensadores do Ocidente. E é essa mesma doutrina, expressa em música em vez de manifestada em palavras, que Beethoven, triunfante, canta para nós em sua "Nona" e "Última Sinfonia". O Testamento do Amor. "Seid umschlungen, Millionen! Diesen Kuss der ganzen Welt". "Sede abraçados pelo amor, milhões! Ai vai um beijo para o mundo inteiro".

Esta, por conseguinte, é a substância da "Nona Sinfonia" de Beethoven. Apesar das nossas derrotas e das nossas dúvidas o coração do mundo é são, o plano de Deus é bom e o destino do Homem é a alegria.

Porque a tônica da vida é o Amor.

Jazia Beethoven em seu leito de morte. Vários meses havia que estava enfermo. A derradeira luta contra a morte durara quarenta e oito horas. Estava, naquele momento, inconsciente. Fora rugia terrífica tempestade. De repente, o fuzilar de um relâmpago. O músico moribundo abriu os olhos e atirou para o ar o punho fechado. Depois, tornou a cair para trás, morto.

O espírito do Homem, inconquistável até o fim!

(Do livro "Vidas de grandes compositores").

A BARBA

(Continuação da pág. 23)

na testa, e fui continuar a refeição. Os pratos estavam frios. (Não tenho motivos para odiar que me chamem ao telefone durante uma refeição?)

Tornei mais firme meu propósito de deixar minha barba crescer. Ia ficar com barba de sábio, caindo até o peito, até o umbigo, ah, se ia! Os juízos dos homens ou das mulheres não me demove-ram do meu propósito!

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

Civis e militares levam avante uma homenagem a Vidal de Negreiros, constante de uma Herma ao herói numa das praças do Rio. A idéia teve de logo o apoio de autoridades e dos civis e militares da colônia paraibana, pelas suas figuras mais representativas.

A herma de Vidal de Negreiros já se encontra pronta, aguardando seja designada a praça onde deverá ser colocada.

Ficará paga, desse modo, no século XX, uma dívida do Brasil, de quase três séculos, para com um dos homens que honraram a raça e a história do Brasil.

Meu barbeiro, é claro, também não aprovou minha idéia de deixar a barba crescer. Aparava o cabelo de má vontade, e eu tinha de compensá-lo de não fazer a barba aparando o cabelo duas vezes por semana. Ele, porém, sempre me lançava olhares de desdém reprovativo: — O senhor sem barba fica melhor.

Mas minha vontade era um rochedo. Pouco me importava o apelido de "Shaw" dado pelo meu chefe, ou subscrição de colegas, os pedidos chorosos de Ceci, o sorriso quadrado do cozinheiro, a gorgeta dobrada do garçon, a ostentosa cretinice de Julio. Minha vontade era um rochedo e minha vontade era um rochedo, pronto!

Contudo, certo dia...

...pelo que consigo me lembrar, fui a uma repartição pública, e fui atendido por uma funcionária que era uma uva.

Ela olhou para mim e sorriu. Sempre achei muito prático ser-se atencioso com os funcionários públicos, principalmente quando devemos ser atendidos por eles. Sorri à funcionária, também.

Ela me fitou um instante, e disse brejeira:

— Creio que o senhor ficaria mais simpático sem a barba.

— Crê? — perguntel.

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo, e seus olhos sorriram maliciosamente. An-tevi alguma coisa. Não muito boa coisa, pois nem ousou revelar. Fui ao barbeiro e gritel:

— Tire isso!

Meu barbeiro sorriu e me escanhou com um carinho como nunca tivera com barba alguma. Apresentei-me perfumado e elegante à funcionária, para levar um documento que faltava.

— Alô... — disse sorrindo.

A funcionária, que como disse antes era uma uva, fitou-me e disse com frieza:

— Sem a barba o senhor fica mais simpático — e acrescentou com um sorriso que me desencorajou inteiramente: — Mas com barba era mais interessante.

E nem me olhou mais.

As vezes o sorriso brejeiro de uma desconhecida nos demovem de uma resolução inabalável. E às vezes nada lucrmos com isso.

As vezes...



LIVING-ROOM E SALA DE JANTAR

Reproduzimos nesta página, dois sugestivos modelos para a decoração do seu lar.

Ao alto um "living-room" ótimo para ser aproveitado num moderno apartamento. O pequeno mobiliário é composto de duas cadeiras forradas em tecido branco e verde com encosto em capitonê, mesinhas em iacarandá, e um amplo sofá em tecido matalassê com fundo branco e ramagens coloridas. As paredes deverão ser verdes, teto branco, cortinas no mesmo tecido do sofá, e completando a decoração, forração com passadeiras de lá cor pérola.

Na gravura abaixo vemos uma pequena sala de jantar, construída de móveis em imbuia envernizada, de cor preta. As cadeiras são estofadas com um tecido florido. Paredes, também verdes com teto branco, forração cor pérola.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Hollywood



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz